

ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA

ANO 22

MARÇO 2018

238

EDITORIA
AVMAG
www.clubedoaudioevideo.com.br

PRECISÃO, REALISMO E CONFORTO

CH PRECISION M1 STEREO



A MÚSICA QUE NOS TOCA

CAIXA ACÚSTICA DEVORE FIDELITY GIBBON 3XL



E MAIS

TESTE DE ÁUDIO

PRÉ-AMPLIFICADOR/DAC/TUNER
BASX PT-100 E AMPLIFICADOR
ESTÉREO FLEX BASX A-100 DA
EMOTIVA AUDIO

MATÉRIA TÉCNICA

BRINCANDO NOS CAMPOS
DO SENHOR - PARTES X E XI

MUSICIAN: GRUPO PAU BRASIL - VOL. 03

Ano Novo, Novas Marcas

Em 2018, o **AV Group** traz mais 4 novas marcas de sucesso para incorporar a seu portfolio.

ARCAM

Renomada indústria britânica de eletrônicos e amplificadores Hi-End. Possui uma premiada linha Processadores AV, Receivers, Amplificadores e Integrados.



Fabricante de matrizes de áudio e vídeo e kits extensores de vídeo para sistemas residenciais e corporativos de alta performance. Garantia de qualidade de produtos "Made in USA".



A linha mais completa, e de melhor custo-benefício, de Cabos HDMI 18Gbps que possibilitam resoluções 4K até 3840 x 2160, 10-bit de profundidade de cores (com possibilidade de revisão futura para 12-bit), High Dynamic Range (HDR), Taxas de frequência até 120p, Chroma Sub-Sampling até 4:4:4. Para aplicações de alta performance.



Referência mundial na integração sistemas de ar-condicionado com as plataformas de controle mais utilizadas no mercado, como por exemplo: Crestron, Savant, RTI, Control 4, Fibaro etc. Perfeito também para integração de termostatos Nest aos sistemas de ar-condicionados mais comumente utilizados no Brasil.



Novo Contato:

📞 +55 11 3034-2954
contato@avgroup.com.br

avgroup.com.br

Entre em contato conosco e conheça mais sobre todas as marcas que distribuímos.



ÍNDICE



POWER ESTÉREO CH PRECISION M1

26

E EDITORIAL 4

Será o HD vinyl a mídia hi-end da proxima década?

NOVIDADES 6

Grandes novidades das principais marcas do mercado

HI-END PELO MUNDO 12

Novidades

MATÉRIA TÉCNICA 14

Brincando nos campos do Senhor - parte X

MATÉRIA TÉCNICA 18

Brincando nos campos do Senhor - parte XI

TESTES DE ÁUDIO

26

Power estéreo CH Precision M1

34

Caixa bookshelf Devore Fidelity Gibbon 3XL



34



42



60

TESTES DE ÁUDIO

42

Pré-amplificador/DAC/tuner BasX PT-100 e amplificador estéreo Flex BasX A-100 da Emotiva Audio

DESTAQUES DO MÊS - MUSICIAN

Bibliografia: Grupo Pau Brasil 52

Discografia: Grupo Pau Brasil 60

Separando o joio do trigo 62

ESPAÇO ABERTO 66

A evolução do hi-end

ESPAÇO ABERTO 68

Profecia paterna

ESPAÇO ABERTO 70

Ouvir com o coração, com a cabeça ou com a alma?

VENDAS E TROCAS 72

Excelentes oportunidades de negócios



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

SERÁ O HD VINYL A MÍDIA HI-END DA PRÓXIMA DÉCADA?

Imagine um disco de vinil que tenha 30% mais capacidade de armazenamento e duplique a fidelidade de áudio de um LP comum. Essas são algumas especificações técnicas para o HD Vinyl, que foram detalhadas em um documento de patente europeia compartilhada com a Digital Music News. Pelo que tudo indica, esse novo formato poderá estar no mercado na virada da década (2019 / 2020). A patente foi requerida pela Rebeat Digital, com sede em Tulin, na Áustria. O nome HD Vinyl é apenas um título de trabalho, embora a ideia básica seja essa mesma: ao invés do processo manual usado para produzir o LP, o processo HD Vinyl envolve mapeamento topográfico em 3D, combinado com inscrição a laser. O resultado é um registro que se parece com os LPs, e que poderá ser tocado em qualquer toca disco existente hoje, sem nenhum tipo de adaptação. Um dos principais problemas que a nova tecnologia HD Vinyl resolverá é o gigantesco gargalo de produção, já que a demanda por LPs novos está aumentando significativamente (quase 20% ao ano) e a tecnologia utilizada, assim como o maquinário, é todo dos anos sessenta e setenta, com um processo extremamente demorado, e que agride o meio ambiente. O novo sistema proposto de impressão 3D, gerado por computador, corrige a distância de sulcos com correção de erros radiais e tangenciais, diminuindo os atritos da agulha com o disco e os plos e chiados do fundo do disco. E com uma produção em larga escala, 50% mais barata, com redução de tempo de prensagem em até 60 %. Com o aumento, só nos Estados Unidos, de 28% nas vendas de discos em 2017 e de quase 32% na de toca-discos em nível global, a Rebeat acredita que o HD Vinyl tem tudo para ser a mídia física da próxima década. Para os céticos, que ainda acham que o retorno do vinil é um modismo, eis uma outra informação: a rede Stax of Wax acaba de inaugurar a primeira loja de vinil em Malibu, próximo de Los Angeles. Essa nova loja oferece mais de 900 títulos novos, abrangendo rock, blues, jazz, soul, funk, hip hop, country e música clássica. E já está previsto para o primeiro semestre de 2018 o lançamento de uma segunda loja no coração de Nova York com o dobro de espaço físico, para apresentação de bandas e lançamentos de discos e livros. Quem poderia imaginar que a mídia física que pode vir a substituir o CD-Player seja o LP revigorado? Para os melômanos e audiófilos que mantiveram suas coleções, como é o meu caso, uma notícia como essa soa como um prêmio! Outro dia um leitor que nos conheceu só agora que a revista é digital, me perguntou como se explica



essa paixão por LPs, já que os toca-discos que ele escutou tinham som sofrível. E mereciam o termo rádio-vitrola (palavras dele). Falei um pouco da necessidade dos discos estarem bem conservados, os cuidados com a agulha e, claro, um toca-discos decente, não necessariamente hi-end, mas um bom toca discos, produzido por um fabricante com um excelente histórico e credibilidade. Ele ouviu atentamente, porém pelo seu silêncio percebi que não o convenci. Aí me lembrei de uma frase que meu pai vivia repetindo aos seus clientes indecisos. A escolha de um bom toca disco também passa pelo olhar, dizia ele; retenha-se nos detalhes, nos cuidados em cada componente e por último, antes de pedir para ouvi-lo, busque sentir se o produto lhe passa a sensação de que foi feito com paixão. E indiquei ao leitor que visse o vídeo que a Technics disponibilizou no YouTube mostrando o esmero na produção de seu toca disco mais famoso, o SL-1200G (o toca disco direct-drive mais vendido no mundo). Aí talvez ele entendesse algumas das razões que levam uma legião de admiradores a não abrir mão do vinil. Passado alguns dias, o leitor me enviou uma mensagem dizendo que ficou tão impressionado e seduzido pela beleza do toca disco, que começou seriamente a pensar em investir em um sistema analógico, já que ele herdou de um tio quase duzentos discos! Essa é a magia do analógico, que passa de geração em geração! E que inexplicavelmente sobreviveu a profundas transformações tecnológicas e pode vir a ser objeto de desejo de milhares de consumidores por muitos e muitos anos se o HD Vinyl for mais do que uma promessa! E se o HD Vinyl cumprir metade do que promete, ajudará a perpetuar o fascínio da sonoridade do vinil por muitas décadas, podendo tranquilamente atravessar o século 21 como a referência em áudio de qualidade! Não duvide, meu amigo cético, não duvide..... ■



Linda por fora
Inteligente por dentro



A renomada linha **Silver** da Monitor Audio chega a sua sexta geração recheada de novidades. Mas algumas coisas nunca mudam: o acabamento impecável, a tecnologia, a qualidade acústica e a montanha de prêmios!



WHAT HI-FI?
AWARDS 2017



016 3621-7699
contato@mediagear.com.br
www.mediagear.com.br





NOVIDADES

NOVAS QLED TVs POSSUEM DESIGN E FUNCIONALIDADES DE SMART DISPLAY QUE TORNAM A EXPERIÊNCIA DE VISUALIZAÇÃO IMPECÁVEL



ASSISTA AO VÍDEO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=76GOLL1XP0Q](https://www.youtube.com/watch?v=76GOLL1XP0Q)

A Samsung, líder global na fabricação de TVs pelo 13º ano consecutivo, apresentou sua linha 2018 de QLED TVs, além de produtos de Audio e Video no evento First Look em Nova Iorque. A companhia revelou a nova geração de QLED TVs para cerca de mil pessoas e demonstrou novos recursos aprimorados que melhoram a experiência de assistir TV.

Durante a apresentação do keynote, o Presidente da divisão de Visual Display da Samsung Electronics, Jonghee Han, e outros executivos da empresa, explicaram como a nova linha de TV de 2018 oferece uma experiência incomparável de entretenimento doméstico. As TVs foram projetadas para remover possíveis barreiras que os consumidores possam ter para configurar o aparelho, e simplificar o acesso ao conteúdo de uma maneira que os usuários passem mais tempo fazendo o que realmente gostam.

“Com o lançamento da nossa linha de TVs 2018, mudamos a definição de Visual Displays (Telas Estáticas) para Telas Inteligentes”, disse o presidente Jonghee Han. “A linha de QLED TVs foi projetada para oferecer uma imersão total e melhorar o dia-a-dia dos consumidores e, ao mesmo tempo, é incrivelmente fácil de usar. As novas QLED TVs oferecem aos usuários a melhor experiência de visualização.”

O executivo Mark Thompson, presidente e diretor executivo do New York Times Company, parceiro da Samsung, dividiu o palco com o presidente Han e, na ocasião, falou sobre os novos benefícios para os consumidores oferecidos pela linha QLED TV 2018. “O Modo Ambiente da QLED TV é uma nova maneira para os consumidores experimentarem o conteúdo jornalístico do The Times de uma forma super visual”, destacou Thompson.

O evento First Look Nova Iorque contou com uma área de experiência dividida em diversos espaços distintos, para que os presentes tivessem a oportunidade de testar a nova linha 2018 e suas funcionalidades. Na ocasião foram apresentados:

- Espaço dedicado a telas grandes: destacou a qualidade de imagem da nova linha de QLED TVs da Samsung, com cores e contrastes aprimorados para uma variedade de situações, como jogos, filmes ou esportes. A Samsung também exibiu a "The Wall" de 146" com tecnologia de tela modular Micro LED que será comercializada para uso doméstico.
- O espaço focado em filmes apresentou o soundbar multidimensional N950 da Samsung com Dolby Atmos®, que deverá estar disponível no final deste ano. O soundbar demonstra como o som surround vibrante e poderoso pode melhorar a experiência de entretenimento doméstico.
- A área de Modo Ambiente ressaltou como a QLED TV redefine o que significa estar "desligado" com a nova tecnologia que transforma a TV em uma tela funcional que fornece uma infinidade de informações, incluindo notícias, condições climáticas e tráfego. Além disso, também é possível tocar música ou detectar a cor ou padrão da parede em que o televisor está instalado, combinando a cor do interior da tela com a decoração.
- Com vários recursos projetados para facilitar o dia a dia dos consumidores, a linha 2018 de QLED TVs da Samsung oferece ainda mais valor para as TVs. Graças a nova Conexão Única Invisível, agora haverá apenas um único cabo entre a TV, os dispositivos externos e sua tomada, transmitindo dados e energia em um visual perfeito, evitando o emaranhado de fios atrás da TV. Trata-se de um marco: é o primeiro cabo único da indústria de TV que pode transmitir dados AV de alta capacidade à velocidade da luz enquanto também transmite energia. As novas QLED TVs contam com cabo de 5 metros (incluso na compra da QLED TV) e cabo de 15 metros (disponível como opcional).
- A instalação da Samsung Smart TV 2018 é simples e pode ser feita por meio do dispositivo mais usado pelo consumidor, seu smartphone, através do aplicativo SmartThings. Os consumidores podem usar sua voz para controlar a TV por meio da Bixby*, plataforma de inteligência da Samsung, primeiramente lançada em seus dispositivos móveis, que a partir de agora também estará disponível nas TVs da Samsung.

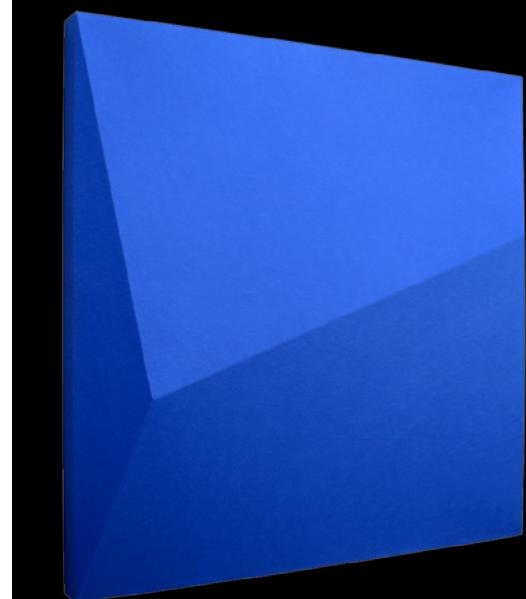
A linha 2018 de TVs e Soundbars Samsung estará disponível nas lojas do exterior em março, ainda sem previsão de lançamento no Brasil. ■



Para mais informações:
Samsung
www.samsung.com.br



Faça um upgrade seguro no seu sistema: Escute-o corretamente!



O novo painel acústico Axabó oferece funcionalidade, eficiência e requinte.

Também desenvolvemos ressonadores, difusores customizados, absorvedores, portas acústicas, racks, pedestais, entre outras peças e dispositivos para salas de audição, estúdios e home theaters.



hi-fi eXperience
www.hifiexperience.com.br

NOVIDADES

TCL LANÇA TV 4K DE 85" COM SOM DOLBY ATMOS



ASSISTA AO VÍDEO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=DWYRQ6AO9VQ](https://www.youtube.com/watch?v=DWYRQ6AO9VQ)

Com o conceito de Private Theater (cinema particular), o modelo chega ao mercado brasileiro no 1º semestre de 2018.

Apresentado em Las Vegas, durante a CES 2018, a TV XESS X6 tem como principal atrativo criar um “cinema particular” com o que existe de mais moderno em relação à imagem, aplicativos e funcionalidade de Smart TV, design de encher os olhos e, para finalizar, som Dolby Atmos com 12 canais. O televisor oferece uma experiência visual hiper-realista por possuir tecnologia de tela “Quantum Dot”, habilidade em processamento de imagem de Ultra Definição (4K) e ser compatível com a tecnologia da Dolby Vision™, utilizada em filmes e séries transmitidas por streaming; além de também ser um padrão presente nas mais avançadas salas de cinema de todo o mundo.

Produzida com um design luxuoso e acabamento cuidadosamente selecionado, repleto de elementos metálicos e texturas que remetem a madeira, a TV foi projetada para agradar a todos os sentidos dos consumidores mais exigentes. Pensado para ser um item de decoração de destaque na casa dos consumidores, a X6 permite diversas configurações de instalação, sendo possível instalar a TV em uma espécie de cavalete, que dispensa o uso de mobília para expor a TV, mas também permite formas mais tradicionais como fixação da TV na parede ou uso de um suporte menor para colocar o aparelho em cima de um rack, por exemplo, para que os espectadores sintam que estão dentro da história. Projetado com ímãs de neodímio

e equipado com alto-falantes de cúpula de seda, a X6 cria o mais autêntico som cinematográfico possível de se atingir em uma casa.

Uma TV feita para oferecer o melhor, também precisa trazer o máximo de tecnologia de imagem, por isso, a X6 possui a tecnologia de “Local Dimming”. Com essa função, é possível ajustar a iluminação mais adequada para cada parte da tela, garantindo o máximo de contraste na imagem, sem perda de definição nas partes mais escuras.

Quanto às características técnicas, a TV XESS X6 entrega com precisão 1,07 bilhões de cores, o que significa 64 vezes mais cores do que uma TV de LED comum; com um volume de cor 2,8 vezes superior a uma TV OLED. A tecnologia de som é um show à parte e também apresenta um cuidado de alto nível. A X6 vem com um sistema assinado pela Harman Kardon, com 12 canais e 360° de som ambiente estéreo com um grande woofer de 10 polegadas. O volume gerado pelo sistema de som atinge 320 watts de potência e é compatível com a tecnologia de som Dolby Atmos®, que direciona o áudio ao seu redor e também para cima, para que os espectadores sintam que estão dentro da história com a percepção de um som em 3D.

Para mais informações:
www.semptcl.com.br

PORSCHE DESIGN
SOUND



GRAVITY ONE



MAISON DE LA MUSIQUE
ÁUDIO E VÍDEO HI-END



SPACE ONE

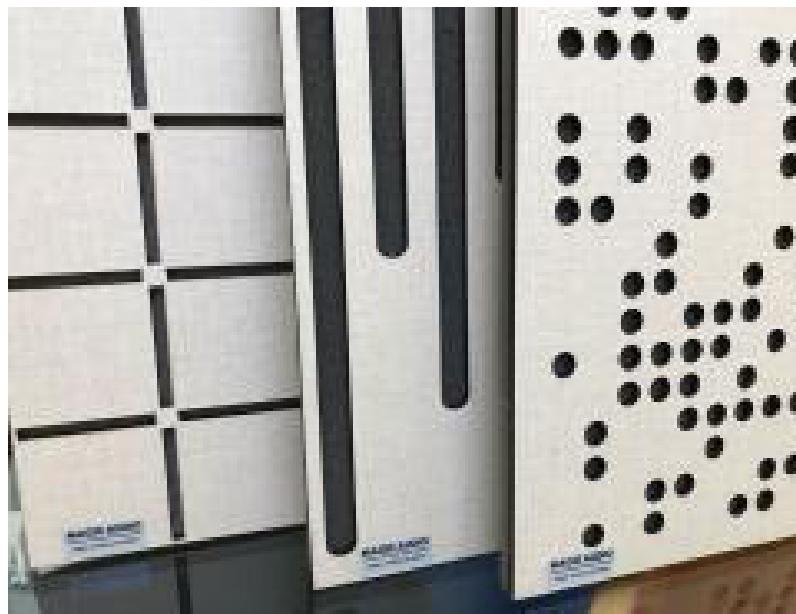


MOTION ONE

Fone:
(11) 2738-8543

KKEF®

PAINÉIS DIFUSORES ABSORVEDORES MAGISAUDIO PDA 1 / PDA 2 / PDA 3



Mais um lançamento da MagisAudio, e desta vez a novidade vem na área de acústica.

São 3 modelos de painéis, cada qual com propriedades mistas de absorção e difusão, projetados pensando em pontos específicos de uso numa sala de reprodução, estéreo ou multicanal.

Foram desenvolvidos a partir de estudos na área de painéis híbridos, mudando a impedância da superfície, com áreas de absorção e partes de reflexão. Usando uma sequência pseudorandômica nesta topologia, o produto adquire propriedades de difusão e absorção na medida correta, dentro da filosofia de tratamento de cada ponto que uma sala de reprodução necessita.

Outra vantagem dos difusores híbridos está no menor peso e espessura em comparação com produtos de outras tecnologias, e também não são críticos quanto à distância de posicionamento em relação ao ouvinte, o que muitas vezes ocasiona problemas pela não formação da onda em relação à distância, fenômeno este conhecido como distúrbio de onda e suas harmônicas subsequentes.

Os PDA 1 , 2 e 3 são de fácil fixação e a MagisAudio orienta o cliente, em qualquer ponto do país, na quantidade e posicionamento corretos, conforme fotos e dimensões da sala. São leves: apenas 1,85 Kg cada um, e medem 60 x 60 cm e 4,5 cm de espessura. Podem ser adquiridos em qualquer cor, ou padrão de madeira, para combinar com a decoração de qualquer ambiente.

PDA-1

Possui propriedades de difusão unidimensional, isto é, a difusão ocorre apenas em um dos eixos, enquanto no outro eixo ocorre uma

leve reflexão. Usado principalmente nas primeiras reflexões e cantos da sala, para evitar perda de energia nessas regiões. Faixa de atuação: absorção de 160 Hz a 6 kHz, e difusão de 630 Hz a 12.5 kHz.

PDA-2

Tem propriedades de reflexão omnidirecional, usado prioritariamente para diminuir a quantidade de energia da reflexão, principalmente no teto e reflexões secundárias da sala. Faixa de atuação: absorção de 250 Hz a 5 KHz, e difusão de 6 kHz a 12 kHz.

PDA-3

Com propriedades de difusão omnidirecional, isto é, a difusão ocorre nos dois eixos. Usado principalmente nas primeiras reflexões e direcionamento de energia na sala. Faixa de atuação: absorção de 315 Hz a 4 kHz, e difusão de 800 Hz a 16 kHz.

Os painéis são vendidos por unidade, para qualquer parte do país, e acondicionados em embalagens seguras e sob medida para entregas por transportadora ou correio.

Valor: 380,00 a R\$ 440,00 conforme o padrão de acabamento escolhido pelo cliente.

Para mais informações:

Magis Audio

www.magisaudio.com

A EVOLUÇÃO MAIS QUE ESPERADA DE UM BEST BUY



**A Sunrise Lab tem o prazer de apresentar o V8 MK4, nossa maior obra prima!!
Deixemos a palavra com os nossos clientes:**

Refinado e imponente. Perfeito domínio da macrodinâmica revelando as nuances dos ataques nos instrumentos de corda como poucos. Upgrade matador.

Paulo C.P.M., Taubaté.

"Hesitei em fazer o upgrade, pois não sabia se a relação custo x benefício seria vantajosa. Essa dúvida foi desfeita logo nos primeiros minutos de audição: tomei a decisão certa. Agora com o V8 atualizado para a versão IV, percebo que a atualização é mandatória, tamanho o grau de satisfação que o integrado passou a oferecer. O upgrade do V8 para a versão MK IV me surpreendeu positivamente, pois esperava apenas algumas mudanças pontuais. Posso afirmar que agora tenho um 'senhor' amplificador".

Sérgio, SP.



Cabo de Interconexão
Reference Magicscope



Cabo de caixa acústica
Reference Magicscope



Cabo Digital
Reference Magicscope

Setup & Upgrade de Toca-Discos de Vinil • Upgrades & MODs • Acessórios • Consultoria • Assistência Técnica



HI-END PELO MUNDO



DISPOSITIVOS ISOLADORES PNEUPOD

Sediada no estado americano de Michigan, a pNEUANCE anunciou seu primeiro produto: os dispositivos isoladores pNEUPOD, desenvolvidos - segundo a empresa - após extensos testes auditivos com vários especialistas e uma longa série de equipamentos. Os pNEUPOD trabalham por desacoplamento do equipamento da plataforma onde estão colocados, através de um sistema de pressurização que pode ser regulado de acordo com o peso do equipamento ou caixa. O preço de um jogo de quatro peças do pNEUPOD custa US\$ 1195, nos EUA.

www.pneuance.com/

NOVO TOCA-DISCOS DE ENTRADA MCINTOSH MT2

A célebre empresa McIntosh, especialista em amplificações valvuladas, acaba de lançar sua terceira entrada no mercado de toca-discos de vinil: o MT2 Precision Turntable, modelo mais barato da linha da empresa. Mantendo o típico visual da marca - neste caso com tampo de vidro em vez da frente de vidro - o MT2 já vem com o braço e cápsula (MC Sumiko de saída alta compatível com prés de phono MM) regulados de fábrica, braço de duralumínio e prato de polioximetileno acionado por corrente. O McIntosh MT2 Precision Turntable carrega uma etiqueta de preço sugerido de US\$ 4000, nos EUA.

www.accuphase.com



CAIXAS ACÚSTICAS MARGARITA DA SAXUM CANORUS

A empresa suíça Saxum Canorus anunciou seu novo modelo de caixas acústicas, as Margarita, com gabinetes bass-reflex feitos de mármore com 1,35 m de altura, duas vias estilo D'Appolito, com dois woofers de 6.5 polegadas e tweeter de domo de 20 mm. Os bornes de conexão das Margaritas são para bicablagem e são folhados a ouro 24 quilates e para bicablagem. O preço do par de Margaritas ainda não foi divulgado.

www.marten.se



TOCA-DISCOS METAXAS PHONOGRAPHIC PERAMBULATOR NO.1

A empresa australiana Metaxas & Sins, projetista e fabricante de amplificadores, tem investido forte no design exclusivo de seus equipamentos, tendo anunciado recentemente até um gravador de rolo - pela afinidade de seu proprietário com engenharia de gravação. A Metaxas agora anunciou, para 2018, seu primeiro toca-discos de vinil, o Phonographic Perambulator No.1, cujo protótipo será apresentado na feira Hi-End Show de Munique, na Alemanha, em maio próximo. Outras informações, como preço, ainda não estão disponíveis.

www.metaxas.com

CAIXAS ATIVAS DANIEL HERTZ M7W

A empresa suíça Daniel Hertz, pertencente ao célebre projetista Mark Levinson, acaba de lançar suas caixas acústicas ativas wireless modelo M7W, versão ativa em com conexão sem fio de suas torres M7B. Cada M7W vem com um tweeter horn tipo driver de compressão, cortado por um crossover passivo em 2 kHz, e um woofer de 12 polegadas, e é alimentada por um amplificador digital mono de 50 W que usa um DSP proprietário da empresa, chamado A+ Technology. O preço do par de M7W não foi divulgado.

<http://www.danielhertz.com/>



FONES DE OUVIDO CASCADE DA CAMPFIRE AUDIO

O projetista e fabricante americano de fones de ouvido Campfire Audio é um especialista em fones tipo in-ear (IEM) que acaba de lançar seu primeiro modelo de fones tipo over-ear, o Cascade, que usa drivers de berílio de 42 mm em uma estrutura de alumínio e traz especificações, como 100 dB de sensibilidade e 38 Ohms de impedância, além de ter estrutura dobrável para armazenamento, quem mostram sua vocação para uso móvel. O Cascade, que vem equipado com cabo destacável de cobre litz com banho de prata, tem uma etiqueta de preço de US\$ 799, nos EUA.

www.campfireaudio.com





“Brincando nos campos do Senhor...”

Construindo uma sala de audição dedicada com alguns compromissos inevitáveis

Parte X

► Víctor A. Mirol

Medindo resultados iniciais

Um problema fundamental na construção de salas para áudio é que, na maioria das vezes, mesmo que sejam tomadas as previsões cabíveis, a acústica final dependerá de tantos fatores que o resultado - como quase tudo em áudio - só poderá ser conhecido ouvindo-se o resultado. Isso acontece em qualquer sistema que incorpore um grande número de variáveis ou em sistemas resonantes, vários graus de liberdade. Em especial, quando devem ser adotados graus de compromisso (um engenheiro amigo me diz sempre que a engenharia é sempre a solução de compromisso, de escolha de alternativas), sejam de espaço, de uso múltiplo, de custo e outros tantos. Neste projeto foram tomadas todas as precauções e foram realizados todos os cálculos prévios - na etapa de projeto - que foram necessários e possíveis. Simulações computadorizadas; estimativas de diversos parâmetros acústicos a serem atingidos; alternativas de adaptação ao lugar disponível e outros.

De todos eles, os mais complicados de pré-definir foram:

1. O uso de paredes laterais não paralelas (quase todas

as “fórmulas” e cálculos existentes estão previstos para salas regulares, o que faz mais fácil o cálculo dos modos de ressonância da sala por incluir menos graus de liberdade).

2. O uso pretendido: estereofonia e multicanal, com prioridade para o estéreo (os requerimentos para multicanal estão longe de serem totalmente conhecidos e ainda são motivos de estudo, além do que ainda existe uma grande diversidade na forma de serem realizadas as gravações multicanal).

Quando colocamos dois alto-falantes na configuração em estéreo habitual, temos duas fontes de graves separadas, que irão interagir com os limites da sala, criando irregularidades na resposta mais ou menos sérias, o que depende da resposta específica do alto-falante, das distâncias do woofer à parede do fundão, à lateral e ao chão. Além disso, a existência de duas fontes de graves fará com que existam interferências entre elas, com dificuldades adicionais e a resposta ouvida dependerá do local específico em que o ouvinte decidir situar-se. Quando falamos de estéreo, somente os fatores enumerados são suficientes para que qualquer cálculo prévio

seja necessariamente viciado pela enorme complexidade da interação dos diversos fatores. Para completar, mesmo que localizada uma situação ideal para os falantes em termos de graves, teremos que fazer um compromisso para que a resposta no resto do espectro seja adequada para se obter um equilíbrio tonal, timbre e palco sonoro adequados. Se nos graves podemos ter uma pré-visualização razoável do padrão da sonoridade, em freqüência mais altas - de comprimento de onda menor - as interações são tantas que o comportamento é quase totalmente imprevisível, salvo nos aspectos mais básicos.

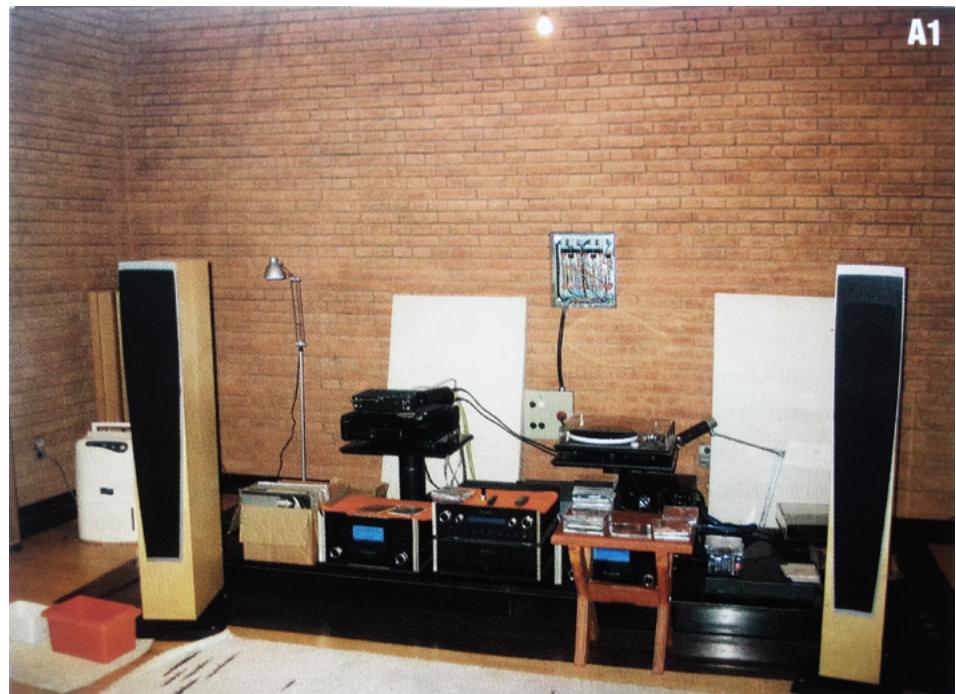
Pelo que foi comentado até aqui sobre a complicação adicional que a existência de duas - ou mais - fontes de graves implica, podemos entender que muitas vezes ouvimos algum audiófilo dizer que depois de tanto tempo ouvindo estéreo, ouvir uma boa gravação mono é um refresco e uma forma muito adequada de ouvir música. É que em mono podemos colocar o alto-falante na melhor posição dentro da sala sem ter que levar em consideração outra fonte de graves, nem a criação da imagem estéreo em médias e altas freqüências.

Se até aqui parece complicado (encontrar os lugares de colocação dos falantes em estéreo e do ouvinte), imaginem o que acontece quando pensamos em acrescentar um par - ou mais - de alto-falantes laterais ou posteriores.

Simplesmente teremos que encontrar posições para esses dois adicionais onde a curva de resposta seja o mais similar - ou complementar - com os dois de para estéreo. Isto explica, em parte, porque do uso de subwoofers com falantes de resposta limitada em graves para o resto seja comum.

Dessa forma usando-se o gerenciamento de graves do receivers digitais, livramo-nos do problema de várias fontes de graves da mesma sala, com o que o problema fica limitado, nos graves, a uma localização adequada do subwoofer e, no resto do espectro, a uma localização, pensando-se unicamente no timbre e no palco sonoro (mesmo com essa simplicidade, vemos, às vezes, aberrações tão gritantes na distribuição de caixas nas instalações de HT...).

No fundo, o grande problema dos sistemas multicanal reside nos graves, pela profunda interação entre as diferentes fontes de graves quando usadas caixas de espectro completo, sem bass management. Quando mais jovem, eu acreditava muito em que a divisão das freqüências graves para serem reproduzidas por subwoofer, deixando as caixas laterais somente para o resto espectro e palco sonoro era a melhor solução. Em grande



A1

parte, porque limitava a excursão necessária do cone do falante para a reprodução das freqüências mais graves, com sérias implicâncias como, por exemplo, o efeito doppler. Tanto que o primeiro experimento com essa finalidade apareceu no mercado brasileiro no sim da década de oitenta, por meio da Cygnus, a quem levei essa perspectiva. Eles a concretizaram num modelo comercial depois de longas e agradáveis conversas no laboratório de projeto. Não houve grande resultado comercial. Em parte, porque o mercado já estava suficientemente invadido e trucidado pelos mini-systems, além de pouco interesse em áudio para sustentar experiências desse tipo e, também, por um outro problema básico: a experiência mostrou que resolver o problema da interação do subwoofer com a(s) caixa(s) de médios-agudos é muito complicado e, muitas vezes, a transição entre ambas fica muito perceptível auditivamente. Ainda

faltava que i massacre auditivo sobre o mercado chegassem aos níveis atuais, onde é possível vender um mini-system barato com subwoofer de plástico, de sonoridade insuportavelmente ruim e que chegasse o HT que, com o canal ".1" discreto, fizesse mais tentadora a ideia de usar subwoofer, em especial porque o objeto era o de "efeitos especiais" (vulgo, ruídos, explosões, etc) onde a tal interação carecia de importância. Mesmo porque a existência da tela do vídeo faz com que a nossa sensibilidade para as nuances menores do áudio seja muito diminuída. Conclusão: se resolvidos os problemas de interação entre subwoofer e falantes de médio-agudos, o uso do primeiro facilitaria enormemente a instalação de sistemas de áudio e multicanal.

Isso não está claramente resolvido para mim, ainda. Em primeiro lugar, pela tal da faixa de cruzamento entre os dois. Em

segundo lugar, porque não existe um processador analógico que consiga resolver o problema do gerenciamento de graves sem entrar no âmbito digital (o que representa um outro problema se não for feito adequadamente), salvo em níveis de prelos muito altos (onde também poderia ser resolvido o problema de uma outra forma: com equalização de graves realizada com equipamentos adequados, uma da outra possibilidade). Dessa maneira, resolvi partir para uma sala que servisse para ouvir estéreo ou multicanal. Em princípio com caixas de faixa completa, porque nada impede usar depois um subwoofer e limitar eletronicamente a faixa dos outros canais.

Agora estava então, com o problema de imaginar se poderia ser encontrada uma forma de colocar pelo menos quatro falantes de espectro completo de maneira a não se prejudicarem entre eles e, ademais, encontrar uma posição do local de escuta que fosse adequado. O canal

central me preocupava menos, por sua menor importância em música.

O projeto final permite usar estéreo ou multicanal com possibilidades de experimentação, já que tanto a tela quanto o projetor estarão montados sobre trilhos que permitem acompanhar qualquer posição escolhida dos falantes frontais. O falante do canal central é removível por meio de um micro-guincho e também pode acompanhar movimentações da tela e dos falantes frontais por meio de trilhos.

Tudo isso para dizer com que angústia esperei os resultados das medições que fizemos com Giner, semanas atrás. Eu já sabia que a sala estava soando perfeitamente bem em estéreo e em multicanal (quatro canais), apesar de certa tendência à sonoridade “gorduchinha” (predominância em graves altos-médios baixos). Não percebia modos ressonantes predominantes, e o silêncio era abissal, mesmo com o ar condicionado ligado.

Usando o microfone Brüel & Kjaer rigorosamente calibrado, pré-amplificador ad-hoc e software de última geração, foi inicialmente obtido o nível de ruído da sala, com e sem ar condicionado. O nível foi absolutamente baixo. Um NC de 22 (e 23 com ar condicionado) foi determinado. Chamou a atenção que o que impedia que o NC fosse de 17 era um ruído de alta freqüência, de 8 kHz para cima, cuja origem não podemos encontrar na hora.

A seguir, verificamos a curva geral da sala para pesquisar modos em baixas freqüências, inicialmente com o falante em um canto e o microfone no canto oposto, em diagonal. A curva foi muito plana, mais do que costumamos ver nesta fase da construção, ou seja, sem nenhum condicionamento acústico (sala vazia, diríamos). Nesse ponto, Giner calculou, com esses dados, a posição ideal para um par de falantes estéreo e para o ouvinte. Quando fomos ver, ficamos gratamente surpresos

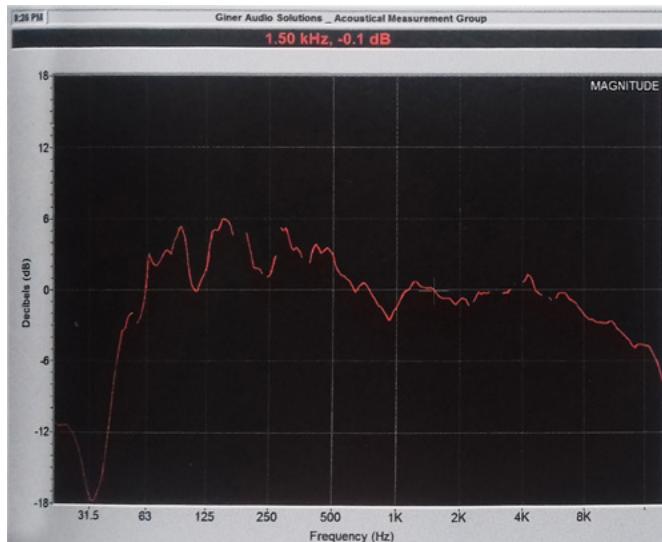


Figura A2

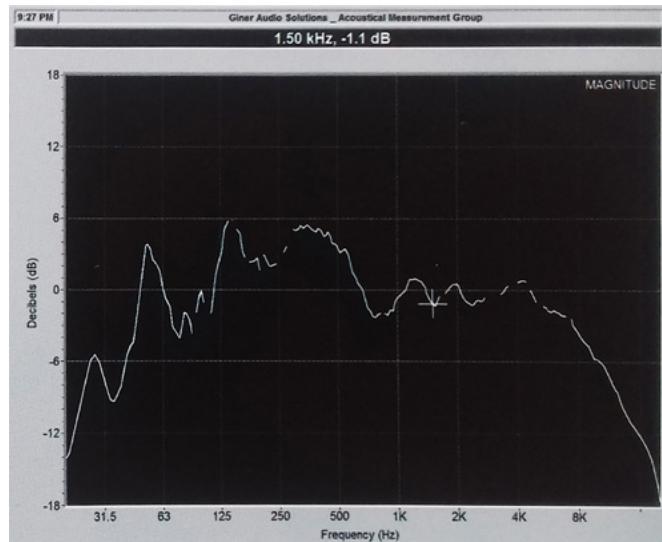


Figura A3

porque a posição do ouvinte era exatamente a que eu tinha encontrado auditivamente e a que usava habitualmente para ouvir música. A dos falantes frontais estava com uma diferença de 15 cm para trás e para dentro da que eu tinha escolhido por audição. Gratamente surpreendidos, decidimos verificar a diferença de resposta colocando o falante na posição ideal encontrada e o microfone no local de escuta e, depois, passando a caixa para a posição aproximada que eu tinha estado usando. Obtivemos muita pouca diferença.

O que vemos na figura "A1" é a curva com a caixa na posição encontrada auditivamente e o microfone no hot spot. Podemos ver que não existem grandes picos da resposta na faixa dos graves (até 200 Hz) e que as existentes estão distribuídas. O que admira é que a diferença de níveis entre 50 Hz e 10KHz é de somente +6/-2 dB.

Nesse ponto, colocamos a caixa no local em que eu havia colocado as caixas laterais para ouvir música. A curva é mostrada na figura 'A3', onde vemos uma situação muito parecida, que parece muito promissora...

Estou extremamente animado por esses resultados, que são realmente difíceis de obter em qualquer sala nesta fase da construção. Vejo que resta muito pouco a fazer em termos de condicionamento acústico e que em breve poderei estar relatando a vocês as medições e os resultados auditivos definidos da sala. É, também muito agradável realizar que as medições confirmam os resultados

já percebidos pela simples percepção auditiva.

É claro que, logo que possível, montei o conjunto de componentes que havia sido retirados para a construção da laje suspensa. Vemos aqui (figura "A3) as caixas Dynaudio 5.4, o pré-amplificador McIntosh C200, os amplificadores monoblocos McIntosh MC501, o CDPlayer Sony 777-ES, a bandeja Rega Planar 9 com braço R1000 e outros componentes, todos eles colocados sobre a laje flutuante.

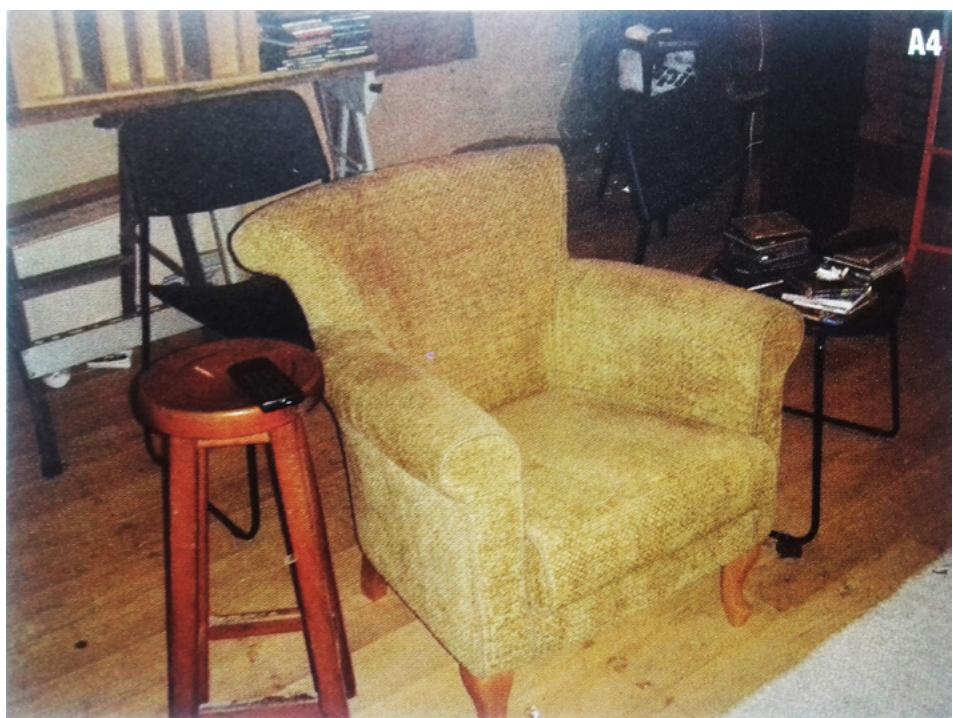
A sonoridade da sala é algo que surpreendeu as pessoas que tiveram a oportunidade de ouvi-la em especial por ela estar ainda sem condicionamento acústico. O mais notável é a falta de modos ressonantes perturbadores e o equilíbrio tonal, mesmo que exista certa tendência "gorducha" no som que pode ser explicada pela análise das curvas das figuras acima. Destaco que nela foram ouvidos não só

os componentes de reprodução mostrados na figura, mas, também, grupos musicais (um quarteto de cordas e o conjunto de tango "De Puro Guapos") com mais de dez pessoas como público, com um resultado extremamente agradável.

Encaramos agora a última fase que é o ajuste acústico fino. Afortunadamente é "fino" por não haver nada grave a corrigir.

Continuaremos num próximo número, pois, agora, é hora de moleza - por alguns dias - ocupando o meu "hot spot" ... (figura4). Acabou de chegar minha edição 45 rpm do "Mendelssohn in Scotland", incluindo a maravilhosa "Fingal's Cave" por Peter Maag! (DECCA SXL 2246 LSO, Peter Maag: este foi o LP com que me foi mostrado, na década dos 60, um dos últimos McIntosh da época - que eu só podia olhar e ouvir.... na loja! Lembro que só comprei o LP, que ainda conservo em casa).

Boas músicas!





"Brincando nos campos do Senhor..."

Construindo uma sala de audição dedicada com alguns compromissos inevitáveis

Parte XI

► Víctor A. Mirol



Estaria chegando a hora de fazer um resumo de tudo o que foi realizado até agora para ajustar a sala da qual nos ocupamos nesta série de artigos. Quero - e espero poder fazê-lo - publicar esse resumo nas próximas edições. Minha desculpa é a tradicional falta de tempo, ainda mais agora, com a nova sede, o novo site, e os preparativos do Hi-Fi Show no Anhembi. Entretanto, relatarei algumas experiências no condicionamento acústico.

A sala nasceu já com boas características acústicas. As paredes de tijolo à vista e com paredes laterais divergentes levam, no meu entender, parte do mérito. Desde a primeira vez em que conectei o equipamento - ainda sem condicionamento acústico - já soava muito bem. Isto é, com

tempo de reverberação razoável (perto de 1,3 segundos, levado a aprox. 0.6s) e, fundamentalmente, sem ressonâncias preocupantes nas freqüências baixas. As medições indicavam um baixíssimo nível de ruído (as últimas, medidas por Giner, mostraram algo como 17 dB com o ar condicionado desligado, e 21 dB com ele ligado). Inicialmente, instalei nela amplificação **Conrad Johnson Premier 12**, pré **Audible Illusions Mod 3 A**, SACD **Sony XA777ES**, caixas frontais **Dynaudio 3.3** a surround **Dynaudio 3.0**. No momento, estou usando pré **McIntosh C200**, powers monoblocos **McIntosh MC501**, pré-amplificador *home-made* para os canais surround, alimentados por **McCormack DNA-1 de Luxe Edition**. As caixas frontais são

Krell Resolution 1 (ver Review na edição 108), as surround **Krell Resolution 3**, tela de projeção da **Ava Projeta** (projetor e DVD player estão chegando). A acústica foi assessorada por Giner.

Na marcenaria montada em casa, foram construídos muitos absorvedores de lã de rocha, difusores de resíduo quadrático de médias freqüências (e um par de alta), absorvedores de lamela nos quatro cantos da sala. Houve problemas de *flutter-echo* entre o teto e o chão que - depois de diversas tentativas - acabei resolvendo com uns maravilhosos difusores bidimensionais de resíduo quadrático, que estavam em casa há vários anos. A facilidade com que resolvi o problema chamou novamente a minha atenção sobre esses pequenos e

extremamente eficientes difusores. Como visto na figura 01, consistem em pequenas saliências e entrâncias realizadas de acordo com cálculos, onde suas medidas (largura e comprimento, ou seja, área exposta frontal) definem os limites de freqüência de sua abrangência, e as distintas profundidades das entrâncias determinam a forma com que difundirão as ondas que chegam a eles. Estes difusores, chamados também de "QRD", formam parte de uma família de difusores que inclui os "MLS" (Maximum Length Sequence) e os "PRD" (Primitive Root Difusor). Todos eles "quebram" qualquer onda sonora incidente dentro das freqüências de abrangência de cada projeto procurando obter uma difusão de igual intensidade num amplo ângulo com a menor absorção possível. Desta maneira, a onda não é refletida como o seria se incidisse na parede e não formaria uma imagem que possa confundir o cérebro, como é no caso das primeiras reflexões (nas paredes laterais, nas paredes frontais e nas paredes posteriores, assim com no teto). O efeito obtido é uma maior precisão na formação de imagens do palco sonoro sem absorver demais freqüências medias e altas, como seria o caso se fossem usados absorvedores (que é uma prática bastante comum). A energia sonora não absorvida é reintegrada ao meio acústico da sala contribuindo para formar o ambiente reverberante difuso. A maioria de estes dispositivos estão construídos de maneira a difundir as ondas incidentes num plano (bi-unidimensional), vertical ou

horizontalmente. Podemos identificá-los porque os elementos refletivos têm forma linear (num plano, um sentido). Outros difundem em forma tridimensional abrangendo 360 graus hemisféricos (na realidade estrita, em dois planos a 90 graus um do outro), como é o caso dos da figura 1 e o detalhe na figura 2, onde os elementos são (idealmente) pontuais formando padrões num plano, dois sentidos. Quando as placas são unidireccionais, podemos combinar várias delas em sentidos opostos para obter, no geral, um padrão bi-direcional. Destacamos que, em geral, as dimensões das protuberâncias (o topo delas) determinam o limite superior de freqüências – quanto menores, mais alta a freqüência – e a profundidade delas o limite inferior – quanto mais profundas, menor a freqüência.

Tempos atrás havia tentado comprar mais deles, já que possuía



Figura 1: difusores 3D

poucos e precisaria de mais alguns para cobrir parte do teto da sala e, também, para experimentar como difusores para primeiras reflexões e ainda, embora menos importante, para modificar o espectro tonal da reverberação da sala. Sabemos que se usarmos somente absorvedores – de longe os mais comuns elementos de tratamento acústico de salas em conjunto com as armadilhas de graves – é bem possível que tenhamos demasiada absorção em altas freqüências por que os graves precisam absorvedores maiores e mais complexos pelo longo comprimento de onda. Isto pode criar um dilema: muita absorção com som apagado e graves parcialmente “domados” ou sonoridade melhor nos agudos e graves incontroláveis. O problema era que o fabricante, **Kreische**, tinha interrompido a produção e venda há vários anos. Eu insisti na possibilidade de obter algumas peças, e cogitei a possibilidade de fazer moldes e injetar espuma neles, mas a empreitada revelou-se complexa demais para

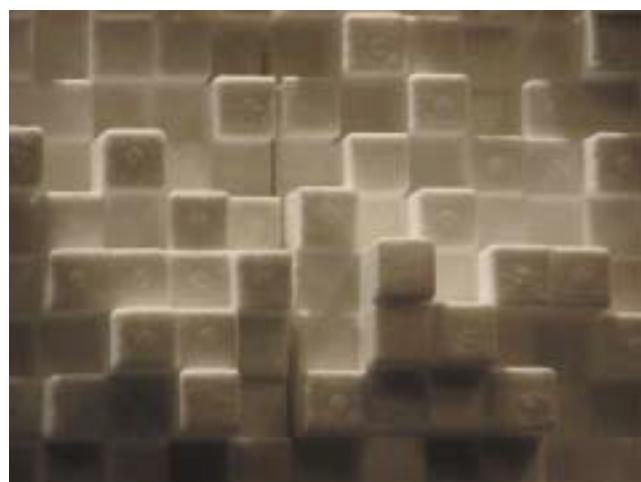


Figura 2: detalhe dos difusores 3D.

poucas peças. Uma das características que mais chamava minha atenção era que o peculiar desenho destes difusores permitia que, quando colocadas várias peças lado a lado, formava um outro padrão de difusão que incluía freqüências menores, o que aumentava a sua eficácia em partes importantes das freqüências médias.

Observando a figura 01 podemos ver dois grupos de absorvedores na parede frontal da sala, atrás dos falantes (a superfície em detalhe pode ser vista na figura 02) e à frente dos absorvedores. Observem que a agrupação de difusores (neste caso, quatro por painel) cria um outro padrão de saliências de tamanho muito maior. As pequenas saliências fracionam as ondas de pequeno comprimento, enquanto o padrão maior fraciona as ondas de comprimento maior, alargando a faixa útil do dispositivo para incluir freqüências médias.

Se, até aqui, der a impressão de que amo estes difusores...é porque, realmente, são excelentes. Têm feito maravilhas na minha sala e serão usados para difusão geral no teto de *gipsum*.

Agora a notícia boa: a **Kreische** decidiu re-introduzir os difusores, agora com nova concepção e formato, com uma particularidade

que desejo destacar enfaticamente: o usuário terá peças (placas de nn x mm cm) com furações e adaptadores que permitirão montar conjuntos de difusão/absorção, tanto de médias como de altas freqüências, de modo a adaptar a sua sala de forma específica. Ou poderá, se preferir, usar a versão "mobiliada", que consiste nas mesmas placas colocadas dentro de uma caixa com acabamento menos "profissional" e mais adaptáveis a salas de estar. Como os tamanhos são pequenos, a adaptabilidade é máxima. Um usuário curioso poderá por as mãos na massa e montar seu próprio sistema de absorção/difusão e, melhor ainda, experimentar com ele, que é a melhor maneira de aprender coisas que parecem muito complicadas de abordar teoricamente, como a acústica da sala. Neste artigo focalizo os difusores e, dentro deles, os desprovidos de móvel.

Vemos, na figura 3, uma placa difusora e, de lado, uma placa absorvedora, ambas para freqüências altas.

Podemos observar que o absorvedor, de espuma de baixa densidade, possui um padrão de endentações simétrico, que atuam como lamelas. Já o difusor possui um perfil de endentações que obedecem a um padrão

matemático que é, justamente, o que fará que as ondas incidentes sejam refletidas não como imagem plana com ângulo de emergência igual ao de incidência, mas em direções múltiplas dentro do plano que coincide com o maior comprimento (transversal às endentações). A diferença dos multidimensionais, as bordas são arredondadas, o que pode alargar a faixa de freqüências úteis.

Ambas são montadas sobre placas de madeira que possuem furações nos cantos para serem utilizadas em conjunto com parafusos, porcas e placas de união, para formar conjuntos de peças. Podemos ver o detalhe na figura 04 e o nosso mestre marceneiro Mazinho montando um grupo de difusores de freqüências médias na figura 05.

Na figura 03 pode ser visto que o difusor mostra uma similaridade com o das figuras 01 e 02 no sentido de protuberâncias irregulares que obedecem a um padrão matemático. Porém, como já dizemos, há uma diferença: no primeiro caso, esses padrões podem ser vistos em ambas as direções da placa, enquanto na figura 03 observamos que as protuberâncias são lineares. Isto mostra que a difusão destas placas é num sentido (o da maior dimensão) sendo que nas



Figura 3: placa difusora e absorvedora de freqüências médias

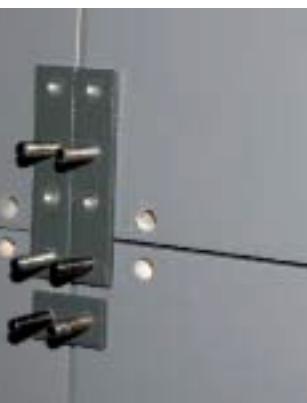


Figura 4: ensamble de placas.



Figura 5: montagem de uma coluna de difusores de freqüências medias.



dCS Network Bridge

A integração perfeita entre a sua música digital e o seu DAC

A plataforma Network Bridge permite que você transmita arquivos de música de alta resolução bit-perfect a partir de armazenamento conectado à rede, unidades USB conectadas, serviços de transmissão online, além de dispositivos Apple através do Apple Airplay, produzindo áudio perfeito para seu DAC.

- Aceita dados do UPnP, USB assíncrono e Apple Airplay.
- Os serviços de streaming suportados incluem TIDAL e Spotify Connect.
- Roon ready.
- Down-sampling opcional compatível com os DACs mais antigos.
- O sistema de auto-clocking melhora a facilidade de uso e minimiza o jitter.
- A regulação de potência em multi-stage isola os circuitos digitais e de clock.
- Firmware atualizável via Internet para futuras atualizações de funcionalidades e de desempenho.
- Reproduz arquivos amostrados a taxas de até 24 bits, 384kS/s, suportando todos os principais codecs lossless, mais DSD/64 ou DSD/128 em formatos nativos ou DoP.


FERRARI
TECHNOLOGIES
Áudio, Vídeo e Acústica

www.ferraritechnologies.com.br
Telefone: 11 5102-2902 • info@ferraritechnologies.com.br

dCS
ONLY THE MUSIC

primeiras é nos dois sentidos. Por isso veremos, mais adiante, que pode ser conveniente misturar as posições das placas quando se monta um conjunto, de maneira a obter difusão em dois sentidos, se for necessário.

Se você instalasse um grupo de placas no teto – ou no fundo da sala –, por exemplo, você poderia preferir uma difusão bidimensional e usar placas colocadas com sentido alternado (a maior dimensão alternando a 90 graus). Já se o objetivo for difundir as primeiras reflexões nas paredes laterais, poderiam ser utilizados grupos de placas num sentido só. Neste caso, buscariam a difusão horizontal e as placas seriam colocadas com a sua dimensão maior no sentido horizontal.

Numa primeira aproximação, utilizei a sugestão do incansável e dedicado **Kreische**: um padrão bidimensional nas laterais da sala, difusores de médios nos cantos e uma composição de difusores de altas e difusores de médios na frente da sala. Desta maneira, toda a parte frontal da sala é difusora. Posteriormente farei uma criteriosa audição para determinar qual seria a melhor combinação de difusão/absorção para minha sala.

Na figura 06 vemos um detalhe de um painel lateral com difusão

bidimensional destinado a difundir as primeiras reflexões. As duas placas inferiores e as duas superiores mediais difundem horizontalmente. As dos extremos supero-laterais, verticalmente. Vemos, também, um dos difusores de canto, formado por quatro pares de difusores de médias freqüências. Estes difusores são também utilizados no conjunto de placas do painel frontal.

A figura 07 mostra o clássico recurso de um espelho paralelo à parede para encontrar o ponto em que deve ser colocado o difusor (ou absorvedor, se for o caso) dessas reflexões.

Como vemos, o centro do painel cobre as imagens de ambos os falantes frontais. Ondas sonoras provindas deles serão difundidas (no caso, predominantemente no sentido horizontal), fazendo com que não possa ser formada uma imagem acústica deles no ponto de escuta. Isto, como sabemos, melhora muito o foco e a claridade do palco sonoro e das imagens nele contidas.

Na figura 08 vemos um detalhe do painel frontal que contém um grupo de placas difusoras de médios, rodeado por placas difusoras de altas freqüências orientadas em forma bidimensional (verticais e horizontais).

O conjunto pode ser observado na figura da abertura desta matéria. Vemos, da esquerda para direita, um grupo difusor lateral, um difusor de canto na frente do absorvedor de lamelas, o grupo frontal, o outro difusor de canto e lateral. Observe que, nos conjuntos laterais, uma das placas difusoras está substituída por uma placa absorvedora. Vemos o CD player **Sony XA777ES**, os pré e power **McIntosh**, dois monoblocos **Audiopax**, um **MSB Platinum Plus**, o pré caseiro sobre a plataforma oscilante. As caixas são as **Krell Resolution 1**. Na extrema esquerda, um absorvedor de umidade (procuro manter a temperatura entre 18 e 21 graus e a umidade em torno de 60/65%). Os absorvedores laterais e frontal estão sobre caixas que contêm LPs, que constituem um componente absorvedor adicional, embora poderiam ser colocadas diretamente no chão, já que entre os acessórios fornecidos, existem suportes (pés) para esse fim.

Independentemente de um review específico a ser realizado, esse conjunto de difusores e absorvedores cativou minha atenção pela inovação de conceito em dois sentidos: em primeiro lugar, uma forma criativa ➤

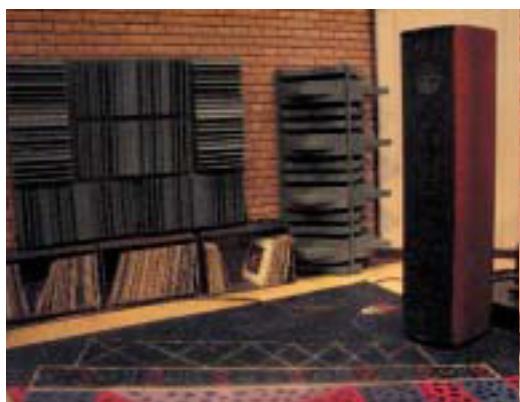


Figura 6: painel lateral bi-dimensional e difusor de canto de médios.



Figura 7: posicionamento do painel lateral.



Figura 8: detalhe do painel frontal.

e bem estudada de desenhar os difusores, onde diferentes dimensionamentos são combinados com bordas arredondadas, o que – previsivelmente – deve melhorar o comportamento nas freqüências limite da banda de ação. Por outro lado, a existência de duas versões – com diferente visual estético e os mesmos componentes – o que permite uma escolha adequada para cada caso. As versões “bem comportadas” permitem o empilhamento com facilidade, sem necessidade de ferramentas, e se adaptam muito bem a ambientes comuns. As “profissionais” são mais leves e, portanto, podem ser colocadas em paredes ou tetos com facilidade, já que vêm dotadas de orifícios para fixação. Esses mesmos orifícios, junto com os acessórios fornecidos, permitem

acoplar uns aos outros para formar diversas combinações de difusão, absorção, ou ambos combinados, em qualquer sentido, tanto para freqüências médias e graves altas, como de médias e altas. O mais importante, a meu ver, é a facilidade com que o audiófilo curioso pode montar diferentes conjuntos de dispositivos e pesquisar, usando seus prezados ouvidos, para determinar com certa facilidade a melhor combinação para seu caso particular. Ao mesmo tempo, permite experimentar os conceitos básicos de acústica de salas, observando o efeito sobre a sonoridade de cada combinação. Segundo **Kreische**, estes componentes estarão disponíveis no Hi-Fi Show.

A primeira impressão que tenho deles é muito favorável e

apareceram num momento muito apropriado do *setup* da sala. Agora irei experimentar à vontade.

Seguimos experimentando com multicanal, com resultados muito satisfatórios. Neste Hi-Fi Show estarei passando algumas impressões sobre o tema para leitores interessados.

A sala está quase pronta e está sendo utilizada cada vez mais para testes e comparações. Uma vez instalado o sistema de vídeo servirá, também, para esse fim já que ela está concebida para ser completamente configurável em distâncias e luminosidade ambiente. A próxima tarefa será montar uma Metodologia para reviews de vídeo e iniciar a montagem do laboratório de testes.

Boas músicas e bons experimentos!

■

The advertisement features a large, stylized white 'Ss' logo at the top center, set against a background of many black cables fanning out from behind it. Below the logo, the text 'Sax Soul Cables' is written in a serif font, followed by the tagline 'Extraia todo o potencial do seu sistema.' In the bottom left, there's a close-up of several black cables with silver connectors. The bottom center contains two smaller images: one showing internal components like capacitors and resistors, and another showing three different cable models in their packaging. The bottom right shows a close-up of a single cable with a black and silver connector.

TOP 5

AVMAG

RANKING DE TESTES DA ÁUDIO VÍDEO MAGAZINE

Apresentamos aqui o ranking atualizado dos produtos selecionados que foram analisados por nossa metodologia nos últimos anos, ordenados pelas maiores notas totais. Todos os produtos listados continuam em linha no exterior e/ou sendo distribuídos no Brasil.

AUDIO
VIDEO
MAGAZINE

TOP 5 - AMPLIFICADORES INTEGRADOS

Hegel H360 - 95 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.235
Aavik U-300 - 94 pontos (Estado da Arte) - Som Maior - Ed.220
Luxman L-590AX MKII - 93 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio e Vídeo - Ed.229
Mark Levinson Nº585 - 93 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.221
Sunrise Lab V8 MK4 - 92,5 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.234

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES

D'Agostino Momentum - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198
Luxman C-900U - 98 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio e Vídeo - Ed.232
Mark Levinson Nº526 - 98 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.228
Luxman CL-38u - 97,5 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio & Vídeo - Ed.218
darTZeel NHB-18NS - 95,5 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.164

TOP 5(6) - AMPLIFICADORES DE POTÊNCIA

CH Precision M1 - 106 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.238
Goldmund Telos 2500 - 104 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.200
Hegel H30 - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.210
D'Agostino Momentum - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.185
PS Audio BHK Signature 300 - 98,5 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.224
Mark Levinson Nº536 - 98 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.233

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES DE PHONO

Tom Evans The Groove+ - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.204
Pass Labs XP-25 - 95 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.170
Esoteric E-03 - 92 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198
Tom Evans The Groove 20th Anniversary - 91 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.185
VTL TP 6.5 Signature - 89 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.156

TOP 5 - FONTES DIGITAIS

dCS Scarlatti - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.183
Mark Levinson Nº519 - 99 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.230
dCS Rossini - 94 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed. 226
Luxman D-08u - 91 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio & Vídeo - Ed.213
dCS Paganini - 90 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.131

TOP 5 - TOCA-DISCOS DE VINIL

Basis Debut - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.196
Transrotor Rondino - 103 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.186
Dr Feickert Blackbird (braço: Reed 3Q) - 95 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.199
AMG Viella V12 - 95 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.189
Transrotor Apollon - 95 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.167

TOP 5 - CÁPSULAS DE PHONO

MY Sonic Lab Ultra Eminent EX - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.202
Air Tight PC-1 Supreme - 105 pontos (Estado da Arte) - Alpha Audio & Video - Ed.196
vdH The Crimson SE - 99 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.212
Benz LP-S - 97 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.174
Ortofon Cadenza Black - 90,5 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio & Vídeo - Ed.216

TOP 5 - CAIXAS ACÚSTICAS

Wilson Audio Alexandria XLF - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.200
Evolution Acoustics MMThree - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.176
Kharma Exquisite Midi - 99 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.198
Dynaudio Evidence Platinum - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.193
Revel Ultima Salon 2 - 98,5 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.229

TOP 5 - CABOS DE CAIXA

Transparent Audio Reference XL G5 - 103,5 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.231
Crystal Cable Absolute Dream - 103 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.205
Sax Soul Ágata - 100 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul Cables - Ed.228
Sunrise Lab Reference Magicscope - 95 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.236
Kubala-Sosna Elation - 94 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.179

TOP 5 - CABOS DE INTERCONEXÃO

Transparent Opus G5 XLR - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.214
van den Hul CNT - 100 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.211
Sax Soul Agata - 99 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul Cables - Ed.217
Sunrise Lab Reference Magicscope - 94 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.236
Ortofon Reference Blue - 91 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio e Vídeo - Ed.235



METODOLOGIA DE TESTES



ASSISTA AO VÍDEO DO SISTEMA CAVI, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ZMBQFU7E-LC](https://www.youtube.com/watch?v=ZMBQFU7E-LC)



GUIA BÁSICO PARA A METODOLOGIA DE TESTES

Para a avaliação da qualidade sonora de equipamentos de áudio, a Áudio Vídeo Magazine utiliza-se de alguns pré-requisitos - como salas com boa acústica, correto posicionamento das caixas acústicas, instalação elétrica dedicada, gravações de alta qualidade, entre outros - além de uma série de critérios que quantificamos a fim de estabelecer uma nota e uma classificação para cada equipamento analisado. Segue uma visão geral de cada critério:

EQUILÍBRIO TONAL

Estabelece se não há deficiências no equilíbrio entre graves, médios e agudos, procurando um resultado sonoro mais próximo da referência: o som real dos instrumentos acústicos, tanto em resposta de frequência como em qualidade tímbrica e coerência. Um agudo mais brilhante do que normalmente o instrumento real é, por exemplo, pode ser sinal de qualidade inferior.

PALCO SONORO

Um bom equipamento, seguindo os pré-requisitos citados acima, provê uma ilusão de palco como se o ouvinte estivesse presente à gravação ou apresentação ao vivo. Aqui se avalia a qualidade dessa ilusão, quanto à localização dos instrumentos, foco, descongestionamento, ambientes, entre outros.

TEXTURA

Cada instrumento, e a interação harmônica entre todos que estão tocando em uma peça musical, tem uma série de detalhes e complementos sonoros ao seu timbre e suas particularidades. Uma boa analogia para perceber as texturas é pensar em uma fotografia, se os detalhes estão ou não presentes, e quão nítida ela é.

TRANSIENTES

É o tempo entre a saída e o decaimento (extinção) de um som, visto pela ótica da velocidade, precisão, ataque e intencionalidade. Um bom exemplo para se avaliar a qualidade da resposta de transientes de um sistema é ouvindo piano, por exemplo, ou percussão, onde um equipamento melhor deixará mais clara e nítida a diferença de intencionalidade do músico entre cada batida em uma percussão ou tecla de piano.

DINÂMICA

É o contraste e a variação entre o som mais baixo e suave de um acontecimento musical, e o som mais alto do mesmo acontecimento. A dinâmica pode ser percebida até em volumes mais baixos. Um bom exemplo é, ao ouvir um som de uma TV, durante um filme, perceber que o bater de uma porta ou o tiro de um canhão têm intensidades muito próximas, fora da realidade - é um som comprimido e, portanto, com pouquíssima variação dinâmica.

CORPO HARMÔNICO

É o que denomina o tamanho dos instrumentos na reprodução eletrônica, em comparação com o acontecimento musical na vida real. Um instrumento pode parecer 'pequeno' quando reproduzido por um devido equipamento, denotando pobreza harmônica, e pode até parecer muito maior que a vida real, parecendo que um vocalista ou instrumentista sejam gigantes.

ORGANICIDADE

É a capacidade de um acontecimento musical, reproduzido eletronicamente, ser percebido como real, ou o mais próximo disso - é a sensação de 'estar lá'. Um dos dois conceitos subjetivos de nossa metodologia, e o mais dependente do ouvinte ter experiência com música acústica (e não amplificada) sendo reproduzida ao vivo - como em um concerto de música clássica ou apresentação de jazz, por exemplo.

MUSICALIDADE

É o segundo conceito subjetivo, e necessita que o ouvinte tenha sensibilidade, intimidade e conhecimento de música acima da média. Seria uma forma subjetiva de se analisar a organicidade, sendo ambos conceitos que raramente têm notas divergentes.

TESTE

1

AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=H_81S9FTNTA](https://www.youtube.com/watch?v=h_81s9ftnta)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=Y_OY5ZA9TXU](https://www.youtube.com/watch?v=y_oy5za9txu)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=GDTI4X_IUPU](https://www.youtube.com/watch?v=gdti4x_iupu)

POWER ESTÉREO CH PRECISION M1

 Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Com a maturidade, muitos dizem perder aquele encantamento da juventude que temos ao descobrir algo novo que nos empolgue. Aquele frio na barriga, aquele torpor de vivenciar uma experiência, que troca-se pela serenidade. São momentos diferentes apenas. Não que o interesse não esteja mais presente, ele apenas foi 'refinado', pois a vivência nos mostra que a empolgação com o 'novo' não passa da chama de um fósforo!

Nos primeiros anos desta publicação, a chegada de um aparelho de ponta para teste era capaz de literalmente me tirar o sono. Por dois motivos: a responsabilidade e a expectativa de escutar um produto que era consagrado lá fora realmente mexia com o meu humor.

Tive o privilégio de conhecer excepcionais produtos. Alguns me encantaram, e farão parte de minha memória auditiva de longo prazo, para sempre. Talvez o hábito de anotar tudo minuciosamente tenha contribuído para 'aguçar' minha memória, e continua sendo

de enorme valia para poder buscar informações pertinentes quando necessito comparar determinadas características em produtos similares.

Esse hábito foi lapidado ainda na infância, quando meu pai solicitava meus ouvidos para substituir componentes em equipamentos que ele consertava.

Até nesse aspecto a reserva de mercado foi muito cruel, pois importar componentes originais desses equipamentos era uma odiseia! Então meu pai peregrinava pela Rua Santa Ifigênia à busca de soluções que pudessem atender e satisfazer os seus clientes.

Lembro-me quando assumi essa função, de ir buscar esses componentes. Ficava às vezes por horas namorando as cápsulas importadas na Casa dos Toca Discos, sem entender o motivo delas custarem tão caro (a taxa importação de cápsulas, em alguns momentos de reserva de mercado, chegou a ser de 320% - sim meu amigo, ➤

você não leu errado!). E de noite, enquanto meu pai ainda consertava os equipamentos, lá eu ia ouvir as alterações feitas por ele.

Ele me dizia: "ouça com esse componente" - então eu me concentrava e procurava ouvir o maior número de detalhes possíveis. Com medo de perder alguma observação, enquanto meu pai ia de novo para a bancada trocar o componente, eu anotava tudo. Desde a inteligibilidade dos instrumentos, a coisas mais simples, como a maneira como soaram os graves, médios e agudos.

Às vezes minha mãe tinha que intervir e solicitar para deixarmos para o outro dia, pois realmente perdíamos a noção da hora. Eu jamais imaginaria que esses anos seriam determinantes para minha formação auditiva, e que esse conhecimento seria usado tantos anos depois para realizar o meu trabalho ainda hoje.

Os orientais nos dizem que a vida não é uma linha reta, que se parece muito mais com um rio serpenteando na terra firme. Acho que eles realmente possuem uma certa razão!

Algumas qualidades que adquirimos na mais tenra idade podem ser de enorme serventia muitos anos mais tarde. E, olhando minha trajetória, se essa atividade com tão pouca idade me fosse imposta, certamente eu não faria isso hoje.

Quando o Heber da Ferrari me telefonou contando a novidade de que o Martin havia fechado a distribuição da CH Precision para

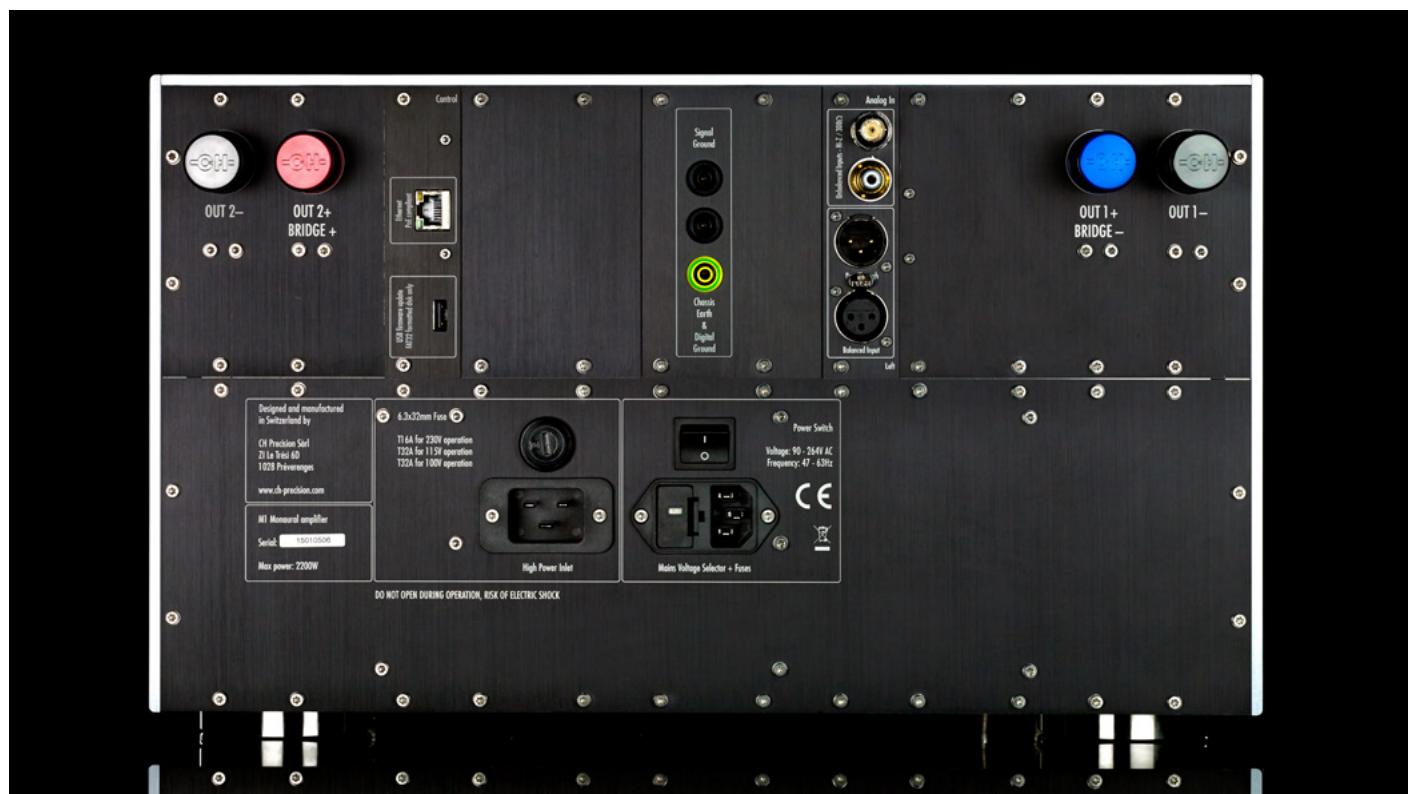
Brasil, Argentina e Uruguai, fiquei mais para surpreso do que animado. Afinal estávamos vivendo o ápice da crise, e os produtos desse fabricante suíço são 'proibitivos' até mesmo lá fora! E possuem uma 'mácula' de uma classe acima dos melhores! Nos nossos quase 22 anos de vida, jamais tivemos a oportunidade de testar um produto ou uma marca com esse grau de pergaminhos.

Já testamos produtos excepcionais com uma trajetória e reconhecimento mundial irretocável.

Porém, um produto em que todos os articulistas que tiveram o privilégio de escutar afirmam de forma unânime ser a referência das referências, jogou uma responsabilidade enorme em nossas costas.

A Ferrari queria que testássemos o conjunto completo top da CH Precision, porém a maturidade e a prudência me disseram para faltar o teste em três etapas. Na primeira testamos o amplificador M1 na versão estéreo, depois recebemos o pré de linha e, por último, o CD-Player.

Assim, teríamos tempo de ouvir as peças separadas em nosso sistema, depois o conjunto ouviremos no show-room da Ferrari. As avaliações do conjunto pré e power já foram feitas em nossa sala de referência. O CD-Player e o conjunto completo ainda não - por questão de calendário tanto da minha parte, como por parte do Héber. Esperamos concluir essa última parte ainda no inicio do



próximo mês. Portanto, amigo leitor, nas próximas três edições estaremos focados nos CH Precision.

Um breve histórico deste fabricante suíço: os dois fundadores da empresa foram, por anos, os principais projetistas da Goldmund. Ao se desligarem da empresa no inicio do novo século, partiram primeiramente por desenvolver e vender projetos para empresas de hi-end de ponta, depois perceberam que seria muito mais produtivo e prazeroso criarem sua própria empresa. E fundaram a CH Precision. O sucesso com a linha A1 foi quase que instantâneo, com excelentes testes e a criação de uma rede de revendas robusta tanto na Europa como na Ásia e Estados Unidos.

Segundo a mesma filosofia que a Goldmund utilizou nos anos noventa, a CH Precision se destaca pela qualidade em todos os detalhes de seus produtos. Os amplificadores M1 (tanto mono, como na versão estéreo) ganharam a fama de conseguirem ‘escavar as informações’ como nenhum outro amplificador de referência havia feito até então.

Lembro-me (se não me engano em 2012) de ler o teste do articulista Marshall Nack da Positive Feedback, que possuía como referência o Soulution 710 (também Suiço), descrever em detalhes como o CH Precision A1 o destronou por uma ampla margem de qualidade. A leitura desse teste foi o suficiente para eu colocar nas minhas anotações que essa nova marca deveria ser acompanhada de perto.

Lançado em 2014 o M1 tem versões estéreo e mono, que compartilham, segundo o fabricante, do mesmo DNA, porém com muitas evoluções não só na potência final. Tudo foi revisto no projeto e aprimorado, como a taxa de feedback global com total ajuste de ganho, possibilitando um ajuste perfeito para qualquer tipo de caixa. O requinte é tamanho que o ganho pode ser ajustado em passos de 0,5dB. Na caixa caixa Kharma Exquisite Midi, depois de ouvirmos com diferentes ganhos, optamos por zero feedback global.

O M1 utiliza dois cabos de força (um 15A e outro 20A). O cabo de 15A é utilizado para alimentar todas as funções de tela e micro processador e o de 20A para a alimentação do circuito de amplificação. O painel pode ser programado para mostrar todas as funções disponíveis e ajustes de ganho, e um belo VU em tela de cristal líquido de alta resolução. Seu gabinete é feito de liga de alumínio de alta qualidade, com cantos suaves quadrados. O fabricante informa que o chassi também é de alumínio satinado, que é o padrão utilizado em todas as linhas.

O Alumínio satinado tem uma luminosidade mais para o cinza, com brilho sutil, que dá ao produto um acabamento deslumbrante, e diferenciado de qualquer outro produto hi-end top. Você não vê

nenhum parafuso externo, e até o ajuste dos pés é feito de forma engenhosa. Uma ventosa é utilizada para extrair por cima quatro pequenos círculos dispostos nos cantos e por baixo dessas placas circulares, encontram-se os parafusos que irão descer os spikes.

Regulados os spikes, é só recolocar as peças circulares novamente nos cantos da tampa superior do gabinete.

O fabricante especifica que a versão estéreo possui 200 watts por canal em 8 ohms e 700 watts por canal em modo ponte. Para justificar seus 70 kg(!), o M1 utiliza um transformador de 2200 VA.

Outra característica patenteada pela CH Precision, e utilizada também no M1, é o circuito ExactiBias que, segundo o fabricante, possibilita o ajuste fino para uso com qualquer caixa existente no mercado. Esse circuito monitora as temperaturas internas dos transistores de potência e ajusta (em tempo real) o bias do amplificador. Sua capacidade de ajustar o feedback global para o fator de amortecimento ideal para cada caixa, faz desse amplificador o único no mundo com essa tecnologia.

Outra característica relevante é o fato do super maciço transformador de 2200 VA ser isolado completamente de eletrostática e qualquer tipo de interferência magnética. Para esse resultado, o transformador foi montado separadamente, para um total isolamento mecânico.

Componentes discretos são usados em todo o amplificador, e não há capacitores nem relés de saída no caminho do sinal.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos. Pré-amplificação: CH Precision L1 e Dan D'Agostino. Caixas acústicas: Kharma Exquisite Midi, Devore Gibbon 3XL e Dynaudio Contour 60. Cabos de força: Transparent Audio Power Link MM2 de 15A e 20A. Cabos de interconexão: Opus G5 XLR e SaxSoul Ágata XLR. Fonte Digital: sistema dCS Scarlatti. Fonte analógica: toca-discos Air Tight, cápsula Air Tight PC-1 Supreme e braço SME V, com pré de phono Tom Evans Groove+.

O M1 chegou integralmente amaciado, foi perfeito para já entrar em teste e ajudar a fechar as avaliações da bookshelf DeVore (leia Teste 2 nesta edição), e também escutar nas Dynaudios 40 anos (em teste que deverá ser publicado na Edição de Abril) e a Contour 60 (teste programado para nossa Edição de Aniversário em maio).

O problema foi retirar da embalagem o M1, já que seus 70 kg quebram literalmente com qualquer um. Foi preciso eu e o Valdecir (funcionário da Ferrari) literalmente dobrar-mos os joelhos para dar conta do recado. Pelo seu tamanho tivemos que instalá-lo na plataforma o mais próximo do rack, devido aos cabos de interconexão serem de apenas 1 metro.

Ouvir o M1 causou-me um misto de incredulidade e excitação! Pois é impossível ouvir impassível a apresentação musical desse amplificador! Garanto que até o mais experiente e rodado dos auditófilos, que possua uma conta bancária a qual ele não precise olhar para saber se dispõe de fundos para comprar o que deseja, irá se balançar ao escutar esse equipamento.

Veja bem, amigo leitor, esse foi apenas o primeiro ato. Estava descobrindo o 'DNA' do produto! Tinha apenas substituído meu power de referência e colocado o M1 em seu lugar.

E o impacto foi arrebatador!

Começarei por minhas conclusões finais, na tentativa de conseguir descrever da melhor maneira possível minhas observações auditivas. O M1 está alicerçado nas seguintes bases: precisão (certamente desta qualidade que se deu o nome da empresa), realismo (não falo de comparação com a música ao vivo, mas sim da capacidade do que estamos ouvindo conduzir nosso cérebro a acreditar ser real) e conforto auditivo (nunca em tempo algum e com nenhum outro equipamento senti um conforto tão sedutor em ouvir um equipamento eletrônico). Essa tríade permite que o ouvinte explore seus discos de uma forma totalmente nova e inédita, pois não haverá restrição alguma a nenhum gênero musical, como também ao casamento perfeito com nenhuma caixa acústica.

A palavra mais vista em todos os testes dos produtos CH Precision é: escavação ou a capacidade que essa eletrônica tem de buscar o mais sutil detalhe e trazê-lo à tona. Mas ele não escolhe nenhum detalhe ou pontualiza o que seus projetistas imaginaram ser o mais essencial. Pelo contrário: tudo vem à tona de maneira coesa e consistente. Assim como na música ao vivo em uma sala com boa acústica, compreendemos o todo sem nenhuma necessidade de esforço adicional (conhecendo em pormenor a obra ou não). O M1 executa esse mesmo papel em nossa sala de audição.

Sua precisão em nos fornecer o todo é tão magnífica que, em segundos, o ouvinte consegue passar da incredulidade com a qualidade com que a informação chega aos seus ouvidos, para a excitação em descobrir a quantidade de novos elementos que ele sequer imaginava existir! Para, no próximo minuto, entrar em completo conforto e prazer ao ouvir seus discos com tanto realismo. É um literal caleidoscópio de emoções!

O papel do articulista (esse é o lado amargo), é dissecar as observações para que o leitor possa ter uma ideia mais exata do turbilhão de sensações que um produto deste nível impõe a qualquer ouvinte ao ter seu primeiro contato com um CH Precision.

No teste da caixa DeVore (leia Teste 2 nesta edição), escrevi que meu pai morreu desapontado por não ter escutado um amplificador

que tivesse as qualidades que ele tanto desejava (um misto do melhor da válvula com o melhor do transistor), pois creio que se ele estivesse vivo e escutasse esse amplificador, ele abria um largo sorriso e certamente balançaria a cabeça.

Terminada a audição ele se debruçaria frente ao M1 e passaria sua mão calmamente em todo o aparelho, apreciando suas formas e sentindo no tato sensações complementares às auditivas. Depois faria as perguntas habituais de origem do equipamento, topologia e, por último, o preço, já sabendo que aquela beleza sonora estava completamente longe de suas possibilidades materiais.

E passaria o resto de seus dias suspirando e contando aos amigos suas impressões e arrebatamento ao escutar o amplificador que tornou realidade o seu sonho de ouvir o 'híbrido' perfeito.

E fecharia sua descrição com uma sonora indignação: "e ele não é híbrido, é transistor"!

Ao descrever essa situação imaginária a vocês, consigo ver em detalhes a cena do meu pai, assim como eu balançando a cabeça à cada novo disco que ouvi no M1. A questão não é termos uma nova leitura dos nossos discos preferidos no M1, a questão é não conseguirmos ter a mesma performance como um todo em nossos equipamentos. Parece que falta de tudo um pouco em qualquer outra eletrônica. Falta mais ar, mais folga, mais velocidade, melhor textura, intencionalidade, mais detalhe, mais degraus na subida do pianíssimo para o fortíssimo e todas essas limitações se traduzem em falta de maior realismo.

Essa é a questão primordial.

Você coloca um coral de vozes no M1, é como se o coral tivesse mais vozes, a organização do coral estivesse melhor distribuída (assim como os microfones), eles estivessem mais dispostos e atentos (e não cantando de forma mais displicente) e o tamanho dessa imagem sonora é muito maior e mais precisa nos três planos: altura, largura e profundidade.

Coloque uma gravação de órgão de tubo e as sustentações o ar nos tubos, o trabalho nos pedais e a ambientes parecem ser de outra gravação muito mais bem captada, e não a que você conhece tão bem.

Ou coloque suas melhores gravações de piano solo e prepare-se para desvendar características como barulho na banqueta quando o campo de gravidade do pianista faz levantar levemente seu corpo para atacar as duas oitavas no extremo do piano. O barulho dos pedais quando o feltro está gasto ou os pedais mal lubrificados, ou a respiração ofegante do músico. Como também o bater do pé marcando o andamento do primeiro violino em um quarteto de corda. ▶

Não é mágica, é Ciência!

Mas não se iludem os inimigos da ultra-transparência de determinados equipamentos modernos, pois no M1 jamais a transparência foi maior do que o todo. Aliás, no M1 não existe a predominância de nada acima do todo. O que determina a qualidade final do que ouvimos neste amplificador é a qualidade da gravação e, ainda que tecnicamente esta seja limitada, sua folga permite que tenhamos prazer pela qualidade artística.

Os amantes da música clássica que tiverem uma conta bancária vultosa e não possuem mais disposição para freqüentar assiduamente as salas de concerto, deveriam ouvir o CH Precision, pois ficarão atônitos como conseguem escutar suas obras com tamanha precisão e qualidade.

Direi a todos vocês que jamais tive tamanho prazer em nenhum outro equipamento em ouvir obras que me são tão importantes. Foram apenas duas semanas com o M1 em nossa sala, e passei uma semana ouvindo em todos os momentos disponíveis todos os meus discos de música clássica.

Obras de diversos períodos, com diversos maestros e orquestras, sabendo que dificilmente nessa minha existência terei outra oportunidade de desfrutar da parceria de uma eletrônica desse nível em nossa sala de referência. Só da Nona Sinfonia de Beethoven escutei as nove versões que posso (7 em CD e 2 em vinil). E em todas observei nuances e detalhes que não imaginava poder extrair. Nas minhas duas preferidas (Solti em vinil, e Celibidache em CD), percebi que se apresentaram ainda mais contundentes descortinando as qualidades que julgava mais subjetivas em clareza absoluta.

O andamento na versão de Celibidache na introdução do quarto movimento, que muitos julgam ‘despicante’ e sem a grandiosidade que muito imaginam existir na escrita original de Beethoven, se mostrou ainda mais rica e detalhada para os que desejam entender com total clareza todas as vozes e a precisão de andamento.

E na gravação de Solti, os planos se mostraram muito mais coerentes e com maior foco e melhor recorte. Ouvi também as sete gravações que posso da Sagrada Família de Stravinsky e em todas a capacidade de recuperação e de organização dos fortíssimos foi de uma precisão cirúrgica.

Mesmo uma das que menos aprecio, que é a gravação do selo Telarc (em vinil) - que acho extremamente confusa e mal tocada e regida - deu para perceber qualidades como na distribuição dos microfones, possibilitando uma apresentação de foco, recorte e ambientes primorosos!

Nada passa incólume no M1, em todas as gravações a sensação é que serão ‘desenterradas’ informações que não são apenas detalhes, mas sim dados que são de substancial importância para a total compreensão da obra. Tanto na parte interpretativa de um solista, como na qualidade final do todo.

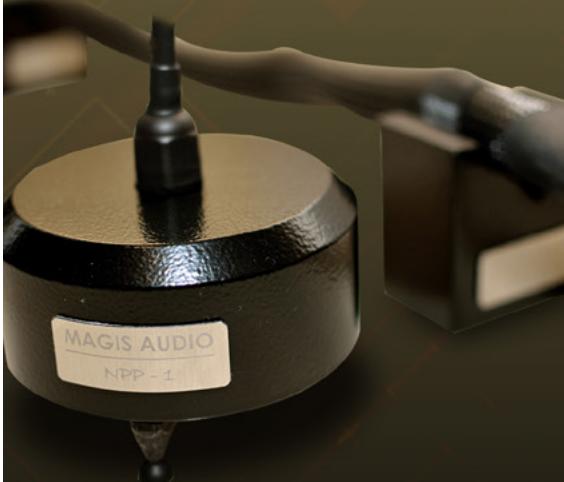
E para os que são bastante familiarizados com algum instrumento musical (seja ele acústico ou não), perceberão que a capacidade de modulação desse amplificador realça de maneira muito mais uniforme a qualidade do invólucro harmônico de cada instrumento.

Dos quesitos de nossa metodologia, o que senti menor ganho em relação a qualquer outro excelente amplificador foi na apresentação do corpo harmônico. Em relação a nossa referência (Hegel H30), somente em algumas gravações com um número considerável de instrumentos deu para perceber sutis diferenças na coerência e proporção de diferentes tamanhos.

Exemplo: violino para viola. É muito difícil um sistema apresentar as diferenças de corpo desses instrumentos como vemos ao vivo. Somente em gravações excepcionais de quarteto ▶



Peça uma demonstração dos produtos da Magis Audio, e descubra o salto que o seu sistema de áudio e vídeo pode dar.



MAGIS AUDIO
Magis Audio, just listen

Telefone: (11) 98105.8930
duvidas@magisaudio.com
www.magisaudio.com

de cordas é possível notar a diferença de tamanho. Nas gravações de quartetos, a diferença foi um nadinha mais evidente do que em nossa referência.

Mas, já em gravações sinfônicas, a diferença se deu no tamanho dos naipes da orquestra.

Mas ai me veio uma dúvida: essa apresentação se deu pelo corpo harmônico se mostrar efetivamente maior, ou pela amplitude das três dimensões (altura, largura e profundidade), essa sim muito maior? Não sei e talvez só tenha essa resposta quando escutar o sistema completo CH Precision.

Uma ultima informação: o pré CH Precision não se mostrou isoladamente, sem seu par, com essa qualidade de um palco descomunal nas três dimensões. Essa característica parece ser do power M1.

CONCLUSÃO

Passar para palavras as qualidades de um equipamento desse padrão é uma das tarefas mais ingratis. É como tentar descrever um por do sol magnífico quando a noite vai envolvendo aquele entardecer. Explicar a mudança sutil de luminosidade e o reflexo daquele exato momento tanto no ar como na terra é uma das tarefas mais inglórias! O ideal para preservar aquele momento seria filmá-lo ou fotografá-lo.

O mesmo ocorre ao descrevermos um equipamento em que, apesar de tudo de objetivo que podemos perceber (como detalhamento, precisão, etc), o componente mais importante ocorre no nível emocional do ouvinte. O que estou tentando dizer é que não dá para ficar impassível ao reproduzir uma obra que nos emocione em nosso sistema com o M1. Pois nosso grau de emoção e satisfação será ampliado exponencialmente.

Você certamente, ao acabar a audição, tentará de todas as maneiras racionalizar aquele momento. Mas, acredite, mesmo que seja uma gravação que você conheça e ouça quase que diariamente, ao escutar novamente e novamente, a sensação de frescor e de detalhes ainda não apreciados estarão ali presentes. E estou falando de apenas um dos componentes ligado ao nosso sistema de referência! O que o conjunto completo pode nos proporcionar, só saberei daqui a algumas semanas.

E, creiam, tentarei ser o mais fidedigno possível em tentar passar a todos o impacto que um setup completo CH Precision é capaz de proporcionar. Interessante que a maior pontuação em power nesta revista tenha sido justamente um Goldmund Telos 2500, que recebeu 104 pontos. Um power desenvolvido por esses mesmos projetistas que agora deram um significativo e consistente passo a frente. Acho que não preciso dizer mais nada.

Aqueles que tiverem o sonho (e a carteira) de possuir um amplificador que deveria, por direito, ser colocado em uma classe à parte, ouçam o CH Precision M1.

PONTOS POSITIVOS

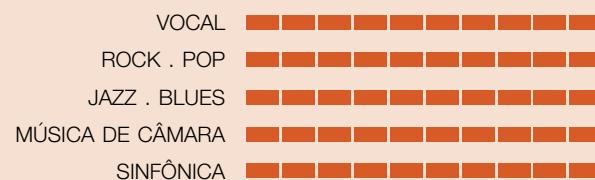
O melhor power testado em nossos 22 anos de revista.

PONTOS NEGATIVOS

Seu preço, proibitivo à 99,99% dos mortais.

POWER ESTÉREO CH PRECISION M1

Equilíbrio Tonal	14,0
Soundstage	13,0
Textura	14,0
Transientes	13,0
Dinâmica	12,0
Corpo Harmônico	12,0
Organicidade	14,0
Musicalidade	14,0
Total	106,0



Ferrari Technologies
(11) 5102.2902
US\$ 110.000

ESTADO
DA ARTE



ESPECIFICAÇÕES	Entradas Analógicas		
	Tipos de entrada	<ul style="list-style-type: none"> - Balanceada (XLR), um conector por placa - Single-Ended (RCA & BNC), um conector por placa 	
	Impedância de entrada	<ul style="list-style-type: none"> - Balanceada: 94 kΩ - Single-Ended: 47 kΩ ou 300 Ω 	
	Estágio de entrada	<ul style="list-style-type: none"> - JFET - Estágio diferencial discreto de ultra baixo ruído - Ganho de 24 dB ajustável em incrementos de 0.5 dB 	
	Amplificação		
	Estágio de amplificação	<ul style="list-style-type: none"> - Classe AB discreto de baixo ruído - 6 pares de transistores de saída complementares 	
	Potência de saída	<ul style="list-style-type: none"> - 2x 200 W / 8 Ω, 2x 350 W / 4 Ω, 2x 600 W / 2 Ω em estéreo e modo bi-amp - 1x 350 W / 4 Ω, 1x 600 W / 2 Ω, 1x 1100 W / 1 Ω em modo mono - 1x 700 W / 8 Ω, 1x 1200 W / 4 Ω, 1x 1600 W / 2 Ω em modo bridge 	
	Bias	Círculo de bias constante (patente pendente)	
	Feedback	Ajustável pelo usuário - de 0% a 100% em incrementos de 10%	
	Largura de banda	DC a 450 kHz (-3 dB) em 1 W dentro de uma carga resistiva de 8 Ω	
	Relação Sinal/Ruído	<ul style="list-style-type: none"> - Melhor que 115 dB em modos estéreo e bi-amp - Melhor que 118 dB em modo bridge 	
	Distorção Harmônica Total + Ruído	<ul style="list-style-type: none"> - < 0.1% com 0% feedback global - < 0.01% com 100% feedback global 	
	Saídas Analógicas		
	Bornes de caixa	Dois pares de bornes Argento	
ESPECIFICAÇÕES	Monitoramento	<ul style="list-style-type: none"> - Aplicação não-intrusiva baseada em DSP para proteção do amplificador e caixas conectadas - Valores instantâneos de voltagem e corrente são permanentemente monitorados em cada canal 	
	Proteção	<ul style="list-style-type: none"> - Curto-circuito - Detecção de caixa desconectada - Detecção de temperatura no dissipador - Detecção de temperatura dos transistores de saída 	
	Fonte de alimentação		
	Transformador	<ul style="list-style-type: none"> - Toroidal de 2200 VA de baixo ruído para a amplificação - Toroidal de 100 VA para os estágios de entrada 	
	Capacitores de alimentação	2x 100'000 uF / 100 V (Capacitores de 4 pólos)	
	Reguladores	<ul style="list-style-type: none"> - Fonte simétrica não-regulada para os estágios de saída - Oito estágio de regulação para os estágios de entrada - Sete estágios de regulação para a parte lógica e display 	
	Geral		
Display	480 x 272 pixels, 24bits de cor, AMOLED		
Voltagem de entrada	Selecionável 100 V, 115, 230 V AC, 47-63 Hz		
Valor dos fusíveis	<ul style="list-style-type: none"> - Fusível de Standby: 250 mA (230 V AC), 500 mA (100 V AC, 115 V AC) - Fusível de Áudio: 1.6 A (230 V AC), 3.15 A (100 V AC, 115 V AC) - Fusível de Força: 16 A (230 V AC), 32 A (100 V AC, 115 V AC) 		
Consumo	<1 W (standby), 2200 W máx em operação		
Dimensões e peso	44 x 26,6 x 44 cm (L x A x P), 75 kg		
Controle remoto	Controle de sistema (entrada Ethernet) via app CH Control para Android		

TESTE
2
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=TJWKFNHAHKs](https://www.youtube.com/watch?v=TJWKFNHAHKs)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=XYJF1J3XLWY](https://www.youtube.com/watch?v=XYJF1J3XLWY)



CAIXA BOOKSHELF DEVORE FIDELITY GIBBON 3XL

 Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Todo audiófilo passará por profundas mudanças do inicio de sua trajetória até o encontro com seu tão sonhado objetivo: montar o seu 'santo graal' sonoro. Alguns com menor ansiedade e mais cientes do que buscam, talvez pulem etapas e sigam em linha reta até o seu grande objetivo. Aos ansiosos e cheio de dúvidas, restará seguir por estradas sinuosas que muitas vezes nos levam, no fim da caminhada, a muitas decepções.

Conheci ao longo de minha carreira como editor muito mais audiófilos frustrados do que realizados. Tanto que o número de pessoas que no meio do caminho desiste do hobby é muito grande! Meu pai foi um audiófilo que jamais encontrou seu 'santo gral' sonoro. Peregrinou por diversos caminhos, na esperança de achar um sistema que combinasse o melhor das válvulas com o transistor e morreu frustrado em não concretizar esse seu sonho sonoro.

Estivesse ele vivo ainda hoje, sua busca ainda estaria a lhe atormentar, por uma razão muito simples: muitos audiófilos, como o

meu pai, criam em sua mente uma referência do que imaginam ser o ideal. E esse ideal não existe! Para os que conseguiram desvair dessa 'armadilha', garanto que as opções existentes podem satisfazer a todos (ou quase todos), pois a diversidade nesse mundo audiofilo é tão extensa que as possibilidades de você se deparar com a 'assinatura sônica' que tanto deseja é cada vez mais consistente.

Nos nossos Cursos de Percepção Auditiva, sempre lembro aos participantes que o ideal é que iniciemos pela escolha da caixa acústica, pois ela (mais do que todos os outros componentes) nos dará a assinatura sônica do sistema! É muito parecido com o processo do músico que escolhe seu instrumento. Se você tiver tempo e interesse, visite uma loja de instrumentos musicais em um sábado, e observe como os músicos, sejam iniciantes ou profissionais, dedicam seu tempo à busca do instrumento ideal.

Lembro quando fui com meu filho comprar seu primeiro violão e o vendedor nos apresentou seis modelos de diferentes preços e com ➤



assinaturas sônicas tão diferentes. Meu filho com apenas 6 anos de idade, sequer conseguia segurar o instrumento corretamente, mas quando ele começou a dedilhar, ficou notório como cada um pertencia a um determinado nível. O chamado instrumento de entrada tinha uma sonoridade fechada e oca. Seu som chegava a ser irritante! Os dois violões de nível intermediário soavam com maior inteligibilidade, porém com um decaimento nos extremos muito acentuado e os dois de melhor qualidade (de acabamento e sonoridade) eram dedicados apenas aos músicos profissionais. Poderíamos chamá-los de violões hi-end!

A diferença meu amigo era simplesmente da água para o vinho!

Voltando às caixas acústicas, o processo é bastante semelhante. Não tenha pressa. Ouça o maior número possível de modelos (dentro do seu orçamento), leve na casa dos amigos seu discos preferidos, observe que em cada caixa determinadas características se sobressaem.

Aos marinheiros de primeira viagem, os tranqüilizos dizendo que existe uma forma de deixar todo esse processo mais simples, objetivo e prazeroso. Atenha-se a três coisas: inteligibilidade do acontecimento musical (detalhes que você não havia percebido nas suas gravações preferidas), conforto auditivo (nada de freqüências agressivas) e naturalidade (nas vozes e instrumentos acústicos). Você ficará surpreso como que em cada caixa acústica o mesmo trecho pode soar tão distinto! ▶

Toda essa introdução foi para apresentar a caixa DeVore Fidelity modelo Gibbon 3XL e iniciar o teste afirmando que trata-se de uma bookshelf com qualidades sonoras muito definidas e que certamente agradarão muito mais ao audiófilo ‘rodado’ do que ao iniciante.

John DeVore é um músico que também, antes de abrir sua empresa, trabalhou em revendas de produtos hi-end. Então ele conta em suas entrevistas que ele sabe fazer duas coisas: “Tocar Música (como músico) e tocar música (como fabricante de caixas acústicas)”.

E, depois dessa apresentação de suas duas habilidades, ele apresenta suas credenciais como projetista ao afirmar: “Eu sei que a reprodução musical nunca se aproximará da experiência da música ao vivo, mas tornou-se meu objetivo criar caixas acústicas que tragam ao ouvinte a experiência de audição”. Parece ser este o objetivo de quase todo fabricante de equipamentos hi-end. Porém, sabemos que alguns poucos realmente conseguem.

John DeVore, ao ser questionado como projeta suas caixas acústicas, sempre afirma que seu maior objetivo é perseguir projetos de engenharia que sejam alinhados com uma integridade artística, como na concepção de um instrumento musical. Para ele, um design perfeito não é aquele onde a forma segue a função, mas sim onde a forma e a função são desenvolvidas como iguais e com o mesmo peso, para dar sentido ao produto idealizado.

Traduzo: a maioria esmagadora dos fabricantes de caixas hi-end busca construir gabinetes com o maior grau de rigidez possível, para evitar colorações de gabinete. DeVore vai na direção oposta: seus gabinetes não são rígidos o bastante para neutralizar as colorações e sim são utilizados para trabalhar em consonância com os falantes. Ou seja, holisticamente falando suas caixas se parecem mais com instrumentos musicais e não caixas hi-end. Mas claro que para se chegar a essa solução o todo tem que sermeticulamente pensado e selecionado. Assim são os falantes feitos sob medida para os seus projetos, os crossovers de primeira ordem com o mínimo de componentes e a construção dos gabinetes.

DeVore explica que o detalhe é uma qualidade primordial para ele e um bom alto-falante tem que possuir clareza e possuir a capacidade de entregar tudo que está registrado na gravação. E quando ele fala em clareza, está falando em correção e naturalidade tímbrica. Diz ele: “Um alto-falante com mais brilho (e não clareza), é projetado para se destacar em uma sala de som. Esse falante possui um impulso no meio médio que faz vocais, violões e outros instrumentos soarem mais afiados e presentes. Em um comparativo rápido, pode parecer impressionante, pois esses falantes enfatizam os sons S e T nas gravações vocais desconectando essas sílabas do resto da voz. Porém, em uma audição longa se tornam cansativos. Um falante com verdadeira clareza não exagera nenhuma freqüência ou

NAGRA

NO BRASIL



HD AMP



HD DAC

DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

german
Audio
www.germanaudio.com.br

som acima dos outros, soando muito mais imparcial, deixando cada instrumento tomar o lugar apropriado. Um sistema de alto-falantes que tenha melhores detalhes permitirá que você ouça mais as nuances sutis no desempenho gravado" (chamo essa característica, na nossa metodologia, de intencionalidade).

E DeVore completa seu raciocínio: "Os pequenos detalhes podem não se destacar muito individualmente, mas juntos eles o aproximam do desempenho e permitem que o ouvinte se torne muito mais imerso na experiência. Tornando a possibilidade de conseguir que seu cérebro acredite que há música ao vivo na sala com você".

Nossos leitores mais antigos e fidedignos não acharão nada de novo nas observações de John DeVore, pois bato nesta tecla há muitos anos (principalmente aos que fizeram nosso Curso de Percepção Auditiva). Para enganarmos nosso cérebro a acreditar que o acontecimento musical está ali a nossa frente, é preciso muito mais que um correto equilíbrio tonal!

Enquanto o audiófilo ficar comparando graves, médios e agudos, ele não conseguirá entender que um sistema hi-end oferece muito mais que isso! Imersão, inteligibilidade, naturalidade e conforto auditivo são atributos possíveis de se atingir em bons e bem ajustados sistemas. Agora, aquele grau de emoção e arrebatamento só são possíveis com sistemas em que todos os detalhes foram trabalhados à exaustão. Caso contrário, sempre algo fica à desejar.

É como a alta culinária: você não a aprecia diariamente, mas quando você tem a oportunidade de conhecer um prato feito com maestria, aquela sensação gastronômica/sensorial estará gravada em sua memória para sempre.

John DeVore busca dar ao ouvinte interessado em seus produtos uma experiência auditiva diferenciada de tudo que ele já escutou. Se esse ouvinte irá apreciar ou não sua proposta, já são outros quinhentos, mas certamente ele perceberá que as caixas acústicas DeVore possuem uma assinatura sonica muito diferenciada e com nuances bastante incomuns.

Interessante é que, em termos de proposta visual, nada nos parece diferente. Um belo acabamento, falantes de excelente qualidade com cone de papel e tweeter de cúpula de tecido. Gabinetes, ao toque do nó dos dedos, com boa rigidez, porém não tão secos, e terminais de boa qualidade, porém nada excepcionais.

E se o ouvinte for curioso e colocar a mão no gabinete com a caixa tocando, perceberá que elas vibram em determinadas freqüências, porém sem causar nenhum tipo de distorção no acontecimento musical. Algo semelhante a se colocar a mão no corpo do violão enquanto as cordas estão vibrando (claro que de forma mais sutil no gabinete da caixa). Dando-nos a impressão que a DeVore se assemelha mais a um instrumento musical!

Outra qualidade que aprecioi muito foi a sensibilidade de todas as caixas desse fabricante, começando com 90dB (para o modelo em teste) chegando aos 96dB no modelo Orangutan O/96.

Quando DeVore era vendedor de produtos hi-end ele percebeu que, para amplificadores valvulados Single-Ended de baixa potência, a variedade de opções de caixas acústicas para esse segmento era muito restrita. Ainda que bastante desejadas por muitos audiófilos. Essa lacuna levou-o a definir um nicho de mercado muito promissor a ser trabalhado. E ele estava correto em seu raciocínio, pois suas caixas são muito utilizadas com diversos modelos, sendo um em particular a cereja do bolo: eletrônica japonesa Shindo!

O casamento das caixas DeVore com esses amplificadores são descritos como um casamento dos deuses!

Nosso querido amigo César, violinista da Osesp (que possui uma DeVore modelo Gibbon 88x, com eletrônica Audiopax), nos disse que o sistema que mais o impressionou quando esteve em Nova York foi a apresentação da obra Sagração da Primavera, de Stravinsky, em uma eletrônica Shindo de apenas 15 watts com a DeVore Orangutan O/96! Testemunhos como o dele existem às dezenas nos fóruns internacionais (o distribuidor da DeVore no Brasil já está em tratativa adiantada para também ser o distribuidor oficial da Shindo).

Para o teste, utilizamos os seguintes equipamentos: power CH Precision M1 (leia Teste 1 nesta edição), pré amplificador L1, integrado Hegel H90, pré Dan D'Agostino, power Hegel H30 e power Air Tight ATS-1. Fontes digitais: Luxman D-06U e sistema dCS Scarlatti. Cabos de caixa: Reference MagicScope Sunrise Lab e Transparent Audio Reference XL MM2. Cabos de interconexão: Ágata SaxSoul, Sunrise Reference MagicScope e Opus G5.

A DeVore 3XL veio com menos de 20 horas de queima, e o fabricante pede um mínimo de 200 horas, mas pode arredondar essa queima para pelo menos 350 horas, pois as mudanças são dramáticas até ela estar plenamente amaciada. As alterações são realmente drásticas da saída da embalagem até sua estabilização final. Tão intensas que o audiófilo que não tiver paciência vai achar que sua caixa ou veio com defeito ou não toca nada do que leu a respeito.

É assim mesmo, pois como um excelente instrumento musical (desculpe a analogia - mas se parece muito com um instrumento), precisa de tempo para todos os componentes se ajustarem. E não estou falando apenas dos componentes mecânicos (falantes), ou eletrônicos (crossover) - falo também do gabinete.

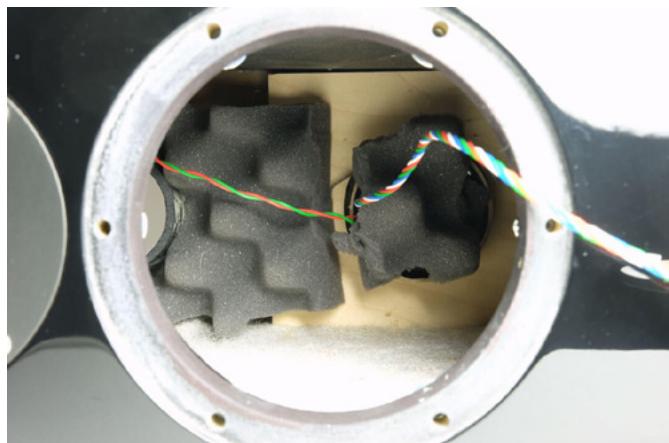
O Fernando Kawabe enviou junto com a caixa, o seu pedestal. Como seria longo seu amaciamento, achei conveniente deixá-la em queima no pedestal da Audio Concept, para só depois quando em teste, colocá-la em seu devido pedestal.

Foi torturante escutar a caixa as primeiras 50 horas! Parece que a caixa só tinha médio (lembra um falante full-range, capado nos extremos). O comprador terá que se municiar de paciência e fé - pois, acredite, o milagre ocorrerá. Com aproximadamente 70 horas, os agudos se encaixam, permitindo o comprador ouvir alguns discos com maior interesse. A primeira dica de que a caixa começará a mostrar seus atributos (por volta de 100 horas) é quando os planos surgem mais bem recortados e focados, e o corpo do médio-grave finalmente se apresenta.

Com 120 horas, os detalhes de micro-dinâmica surgem e nos dão um primeiro vislumbre da graciosidade e naturalidade da caixa. A partir desse momento você irá começar a ampliar a pilha de discos que você deseja 'redescobrir' no seu sistema. Nessa fase, os agudos já possuem ótima extensão, corpo e velocidade. Pequenos grupos musicais e música tocada com instrumentos acústicos se apresentam com um grau de naturalidade arrebatador! O som literalmente surge do silêncio com uma paleta de cores e formas que nos leva a uma completa imersão no acontecimento musical.

Com 200 horas, finalmente os graves se tornam presentes e com um grau de precisão e corpo difícil de aceitar que saia de um falante de 5 polegadas e meia. O fabricante fala de uma resposta nos graves de 45 Hz, mas a sensação é que descem um bocadinho mais. Essa mágica, na verdade, está no corpo do médio-grave, que é excepcional (talvez o melhor corpo nessa região de todas as caixas bookshelf por nós testadas). E quando escutamos a DeVore na nossa sala de Home de 12m² você não sente nenhuma falta de grave. Simplesmente espantoso!

Com sua sensibilidade alta, todos os amplificadores a conduziram com um pé nas costas. Mesmo o Air Tight, de apenas 25 watts por canal, não teve nenhuma dificuldade, com nenhum gênero musical. E não pense que a DeVore não gosta de desafios, pelo contrário: ela suporta excelente pressão sonora, e não se intimida com nenhum gênero musical.



Li em alguns testes internacionais que ela não é tão amigável com alguns gêneros musicais, como rock pesado. Ela em nosso teste não se intimidou com nada. Ouvimos de Megadeth à Ben Harper, passando por obras clássicas de todos os períodos, de jazz, folk, MPB, blues e nada a colocou em risco. Mas, para você extrair todo o seu potencial, será essencial o uso de seu pedestal. Construído com o mesmo material da caixa, o pedestal permite que os falantes fiquem na altura exata para uma melhor dispersão lateral e para o ajuste do toe-in (fundamental para um excelente recorte, altura, largura e profundidade), pois os falantes têm que ficar corretamente posicionados em relação ao ouvinte. Com o pedestal da Audio Concept o tweeter ficava à altura do ouvido, dificultando o posicionamento correto das caixas na sala.

Para dar uma idéia exata da importância do pedestal, eu não consegui no Audio Concept, em hipótese alguma, uma boa profundidade e altura. Os músicos parceriam sempre estar sentados e nas gravações de música sinfônica os planos eram difusos, como se os músicos estivessem todos espremidos entre as caixas.

Foi colocar o pedestal DeVore e os planos apareceram e a altura ganhou precisão cirúrgica. Mas os pedestais originais também são essenciais para a reprodução e velocidade dos graves da caixa, deixando-os muito mais corretos e com maior extensão e melhor corpo na região médio-grave.

O que nos pareceu mais ousado em sua assinatura sonica foi que sua região média-alta é bastante aberta, porém mesmo em audições prolongadas (de mais de 8 horas) a ausência de fadiga auditiva é total! E, a medida em que você vai observando nuances que outras caixas não mostram, seu interesse por prolongar as audições a cada dia só vão aumentando.

Perto do final do teste, fiz uma audição de quase 10 horas para passar todos os discos da metodologia (quase 100) para poder devolver a caixa para o distribuidor, já que existia uma fila de interessados em conhecer a DeVore. Posso dizer que o 'felizardo' que ficar com a caixa, será poupadão do longo amaciamento e desfrutará de todas as suas qualidades desde o primeiro disco.

Antes de conhecer a DeVore, a bookshelf que mais havia me encantado fora a Boenicke W5SE. Os que leram esse teste sabem o quanto aquela pequena notável me impressionou. Interessante que são duas propostas muito distintas, mas ambas chegam no mesmo objetivo: deixar o ouvinte completamente rendido à forma com que apresentam a música. O que significa que, para se atingir determinado grau de refinamento, não existe apenas um caminho. Porém, o objetivo só será alcançado utilizando como princípio a música ao vivo.

Ambas as trajetórias dos dois projetistas são bem semelhantes, pois buscaram, primeiramente, entender como a música soa em um



À princípio, parece ser o objetivo final de todos os audiófilos mas, acredite, só os que já entenderam que o sistema não pode ser maior do que nosso desejo de se emocionar com a música que amamos, entenderão literalmente a proposta de John DeVore. Se você se encontra nesse grupo dos que apenas desejam ouvir seus discos de cabeceira e se emocionar a cada nova audição, ouçam a pequenina DeVore Gibbon 3XL.

PONTOS POSITIVOS

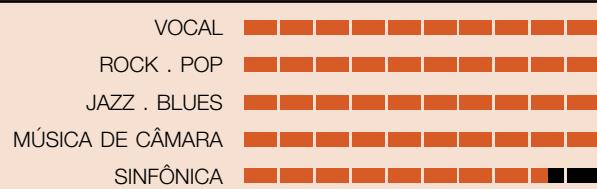
Sua ótima sensibilidade, que a torna compatível com praticamente qualquer amplificador, sua naturalidade e coerência na apresentação da música.

PONTOS NEGATIVOS

Como toda Bookshelf: limitação física para a reprodução de macro-dinâmica.

CAIXA BOOKSHELF DEVORE FIDELITY GIBBON 3XL

Equilíbrio Tonal	10,0
Soundstage	10,0
Textura	11,0
Transientes	10,5
Dinâmica	9,0
Corpo Harmônico	10,0
Organicidade	11,0
Musicalidade	11,0
Total	82,5



ESPECIFICAÇÕES

Resposta de frequência	45 Hz - 40 kHz
Sensibilidade	90 dB/W/M
Impedância	8 ohms
Dimensões	18,6 x 38,7 x 27,6 cm

KW Hi-Fi
(48) 3236.3385
Bookshelf (o par): R\$ 18.000
Pedestal: R\$ 4.500

ESTADO DA ARTE





Quantas empresas no mercado hi-end chegam aos 90 anos, com tanta vitalidade e reconhecimento? Em 2014, a Luxman completou 90 anos de vida! Seu maior desafio em um mercado tão competitivo e dinâmico foi manter-se como um dos principais pilares de referência no desenvolvimento de produto com design, tecnologia e performance excepcionais. Para uma data tão significativa, seus engenheiros desenvolveram o pré-amplificador C-900U e o power amplificador M-900U.

INPUT SELECTOR



M-900U

Stereo Amplifier



Agende um horário e venha conhecer os produtos Estado da Arte da Luxman, em nosso showroom.

Rua Barão de Itapetininga, 37 - Loja 56 - Centro - São Paulo / SP

www.alphaav.com.br

11 3255-9353 / 3255-2849



TESTE

3

AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=FTXAXNBV_EI](https://www.youtube.com/watch?v=FTXAXNBV_EI)

ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=LKGA6QYOCWQ](https://www.youtube.com/watch?v=LKGA6QYOCWQ)

PRÉ-AMPLIFICADOR/DAC/TUNER BASX PT-100 E AMPLIFICADOR ESTÉREO FLEX BASX A-100 DA EMOTIVA AUDIO



Juan Lourenço

revista@clubedoaudio.com.br

Quando fiquei sabendo que iria testar o amplificador estéreo Emotiva A-100, fiquei bastante feliz, pois há mais de cinco anos que não ouvia um power de entrada, eu tinha muita curiosidade em saber em que pé estava a evolução dos aparelhos deste nicho de mercado. O entusiasmo foi tão grande que acabei mencionando em outro teste que o amplificador se encontrava em processo de amaciamento.

Para minha alegria e felicidade geral da nossa sala de audição, alguns dias depois do desembarque do A-100 chegou o Emotiva BasX PT-100, um pré-amplificador estéreo que também é DAC e Tuner. Como havia testado o Integrado BasX TA-100 e fiquei especialmente surpreso com seu desempenho e versatilidade, não perdi tempo em colocar a dupla para amaciar e acompanhar a evolução do conjunto com bastante atenção.

Os dois aparelhos pertencem à linha BasX (basic-X) da Emotiva, desenvolvida para ser a porta de entrada dos amantes de música

para o mundo da audiofilia. Como toda a linha BasX, o pré-amplificador PT-100 também surpreende pela fartura de opções: são elas: um sintonizador FM para até 50 estações, pré de phono para cápsulas MM ou MC e saída para fone de ouvidos, além da conveniência de um DAC interno com entrada USB 24-bit / 96 kHz que não necessita driver de instalação, ótica toslink 24-bit / 192 kHz, coaxial S/PDIF 24-bit / 192kHz, receptor Bluetooth (requer adaptador Bluetooth aptX vendido separadamente). Na parte traseira do aparelho estão três entradas analógicas: phono, CD e auxiliar; duas saídas RCA com controle de volume para conectar até dois subwoofers, e a fundamental saída principal estéreo RCA para conectá-lo ao amplificador de potência.

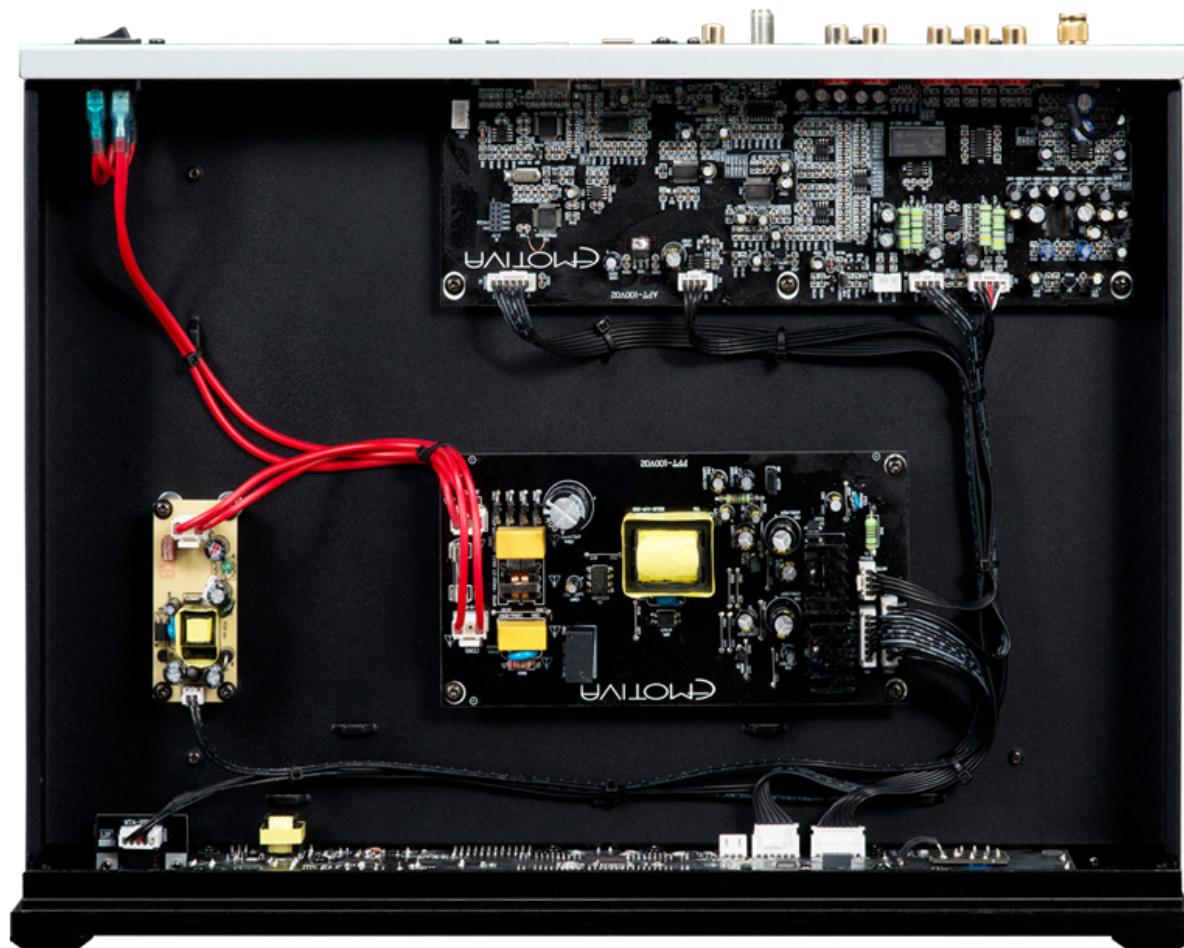
O pré-amplificador PT-100 possui alguns mimos que, para a turma mais avançada na escola da audiofilia, podem parecer desnecessários ou até mesmo soar como uma heresia. Trata-se do controle tonal (popular equalizador) e um controle de intensidade do sinal ➤



permite ajustar o equilíbrio entre as duas caixas, um artifício pensado para quem possui salas assimétricas ou salas em conceito aberto onde um dos lados não tem parede próxima, assim ajusta-se o sinal evitando que uma caixa soe mais alta que a outra.

A decisão da Emotiva de adicionar o controle tonal me parece bastante razoável, considerando que o aparelho também se destina a quem está dando os primeiros passos na transição entre sistemas comuns e sistemas com um pé no hi-end. E aqui, caro leitor, permita-me fazer uma reflexão: sabemos que ocorre certo preconceito com a utilização deste dispositivo - eu defendo a não utilização

destes artifícios, afinal, o intuito é ouvir a música exatamente como ela foi gravada apreciar de forma in natura todas as impressões e sensações que o artista colocou em sua música, todo o zelo e cuidado com a escolha do estúdio e equipe técnica, o porque de escolherem um piano Yamaha ou um Steinway & Sons, porque de um baixo elétrico e não um acústico, o porque de uma pele leitosa na bateria etc. Sejamos realistas, muitos de nós - inclusive eu - não tiveram um parente ou amigo que tinham aparelhos bem ajustados. E nem falo de hi-end, pois é um conceito relativamente novo aqui no País, mas de sistemas japoneses de boa qualidade. Muitos estão



começando a entender o conceito de reprodução eletrônica estéreo agora, até então questões como interação das caixas com a sala, simetria entre elas, eram balelas - no máximo ficava uma caixa de cada lado da sala (quando não ficavam uma em cima da outra).

Agora imagine você, amigo leitor, acostumando com seu mini-system, visitando um amigo e lá descobrir que a voz do seu artista preferido soa tão marcante e limpa que emociona, as nuances como sutilezas e intenções dos músicos brotam de todo os pontos à sua frente, que as caixas parecem desligadas na sala e, por mágica, todo o acontecimento musical se apresenta tão intimista quanto aquelas idas a barzinhos para apreciar boa música no melhor estilo voz e violão. Todo um mundo novo se abre bem ali à sua frente, e você sai de lá decidido a ter esta mesma experiência em sua casa, compra um equipamento eletrônico correto bem equilibrado bota pra tocar e... pluft! Descobre que precisa reaprender a ouvir música, reeducar os ouvidos. Este processo de desapego dos graves em excesso, das curvas de equalização em 'V' ou em 'W' não é nada fácil, como em qualquer vício exige o desapego em doses homeopáticas. Eu sei por que passei por isto quando iniciei no hobby. Comprei o integrado que era a sensação do momento, caixas escandalosamente grandes para a minha então minúscula sala/quarto de audição, que faziam sobrar graves ao estilo pancadão, agudos ásperos e médios pobres. Não me faltava referência de música ao vivo, acima de tudo faltava referência de uma boa reprodução eletrônica. Referência de música ao vivo eu tinha mas achava que era normal os sistemas eletrônicos não soarem naturais como ao vivo, assim como costumamos não dar a mesma importância para a qualidade do sistema de som do carro, eu não ligava para o som eletrônico que saía do meu sistema eletrônico (sacou o trocadilho?). Faltava intimidade com fontes melhores, cabeamento, elétrica e acústica. Com o tempo, passei a participar das audições em grupo, promovidas por amigos que tinham sistemas melhores e



bem ajustados, então pude começar a entender do que se tratava o tão falado som natural e correto em um sistema eletrônico. Na época em que amigos se preparavam para fazer em grupo o Curso de Percepção Auditiva no Hi-End Show, aproveitei a companhia dos colegas e me inscrevi também, e o curso me ajudou a separar o joio do trigo, perceber os diferentes níveis de qualidade entre sistema ajustado e um desajustado, descobrir o prazer recompensador que um ajuste fino pode nos proporcionar. Então fui deixando de lado os excessos e a cada nova audição buscava dentro do possível trazer um pouco mais de qualidade para o meu sistema.

Voltando ao que interessa: o amplificador estéreo Emotiva BasX A-100 é um sucesso de vendas mundo afora, sua confiabilidade e qualidade faz dele um dos queridinhos dos entusiastas da marca. Seguindo a máxima que diz que em time que está ganhando não se mexe, a Emotiva resolveu apenas dar uma atualizada no visual agora mais sofisticado e sóbrio, adicionou uma saída para fone de ouvidos que utiliza o controle de volume da amplificação conferindo maior estabilidade e compatibilidade com diferentes fones.

O botão do potenciômetro é feito em alumínio. Uma chave seletora permite ligá-lo automaticamente assim que o sinal de áudio chegar até ele, ampliando as possibilidades de uso deste aparelho, como utilizá-lo em outros ambientes sem a necessidade de ligá-lo manualmente.

Ele continua sendo classe A/B, com potência de 50 watts por canal em 8 ohms, resposta de 20 Hz a 20 kHz (<0.05% THD) e 80 watts em 4 ohms, podendo selecionar alimentação entre ▶







VISITE
NOSSO
SHOWROOM

OS MELHORES EQUIPAMENTOS DE ÁUDIO E VÍDEO HI END, NOVOS E SEMINOVOS, VOCÊ ENCONTRA NA HIFICLUB.

VENDA, TROCA E CONSIGNAÇÃO DE
EQUIPAMENTOS HI END.

CONDICÃO PROMOCIONAL

3X NO CARTÃO SEM JUROS*

*SOBRE O PREÇO À VISTA



17
ANOS
DE MERCADO

facebook.com/hificlubbr



instagram.com/hificlubbr



(31) 2555 1223 ☎

comercial@hificlub.com.br ✉

www.hificlub.com.br ↗

R. Padre José de Menezes 11
Luxemburgo · Belo Horizonte · MG





115 e 230 V (50 / 60 Hz). O sistema de proteção conta com o mesmo dispositivo contra surtos de tensão utilizado em toda a linha BasX, que monitora as variações da rede e, em caso de anormalidade, desliga o amplificador.

COMO TOCA

Iniciamos os testes com os seguintes equipamentos e acessórios: amplificador integrado Sunrise Lab V8 MkIV, toca-discos de vinil Gradiente RP-II com cápsula Carbon, CD-Player Transporte e DAC Luxman D-06, notebook Samsung com JRiver versão 22, caixas acústicas Dynaudio Focus 260, Pioneer SP-FS52 By Andrew Jones, Monitor Audio Silver 1, fone de ouvidos Klipsch M40 e AKG K701, cabos de força originais dos aparelhos, cabos de interconexão Sunrise Lab Premium MagicScope RCA, Sunrise Lab Reference RCA (antigo), Sunrise Lab Reference MagicScope RCA, Sax Soul Cables Zafira III RCA, Wireworld Platinum Starlight USB, Emotiva MUSB 2.0-2 Length USB, cabos de caixa Transparent Reference XL MM2 e Wireworld Eclipse 6.

Como os dois aparelhos chegaram lacrados, resolvi ouvi-los com a Bookshelf S1 da Monitor Audio e o cabo de interconexão Sunrise Lab Reference e assim deixar até o final do amaciamento. Como no TA-100 esta dupla sai da caixa tocando relativamente bem, sentimos falta dos graves soltos e agudos com mais extensão, mas o amaciamento está longe de ser um tormento e dá para relaxar ouvindo música sem problema algum.

Após 100 horas o pré sofria menos com variações que o power, ainda abafado e sem graves, o que ajudava nas audições era o cabo Reference, que tem um grave mais encorpado e médios mais presentes, que compensavam as deficiências do amaciamento. Deixamos mais 150 horas e então ouvimos mais um pouco. Os dois estavam a pleno vapor tocando com rapidez e bom equilíbrio.

Começamos então a dança dos cabos, e a dupla se mostrou bastante sensível à troca de cabos principalmente de interconexão, o que é sempre um ótimo sinal de refinamento.

Quando trocamos o Reference antigo pelo Premium MagicScope que é o cabo de entrada da marca, o salto foi grande, a principal característica mais perceptível da topologia MagicScope é a rapidez nos transientes e as variações de dinâmica que vão para outro patamar, acordando todo o sistema.

Os agudos ficam mais limpos e o silêncio de fundo melhora consideravelmente. Então colocamos o Reference MagicScope e ouvir Dee Dee Bridgewater, faixa 2 do álbum Live At Yoshi's, foi surpreendente! O silêncio de fundo, o ar entre a voz dela e o som do pandeiro, a interação dela com a platéia, imaginar o que ela estaria aprontando no palco para provocar gargalhadas rasgadas e mesmo assim não perder o foco do acontecimento musical, é sem dúvida um grande prazer. O bumbo da bateria tem extensão, modulações e rebatimentos muito naturais que contribuem para formar uma imagem do que acontece no palco.

Foi então que colocamos o Sax Soul Zafira II, para ouvir o que acontecia com a voz dela. O resultado foi apaixonante, os sussurros no início da faixa ficaram mais sedosos e gostosos de ouvir.

O pré de phono toca igual ao do integrado, som cheio e bem definido para sua faixa de preço e com ótimos decaimentos. O que muda, e aí está o grande trunfo de um sistema modular, é poder temperar a interação entre pré e power e com isso compensar alguma deficiência do toca-discos, cápsula ou qualquer parte do DAC - que por sinal também parece ser o mesmo do integrado TA-100. O cabo USB da Emotiva se encaixa muito bem na proposta do conjunto pré+power, transportando o sinal do notebook sem perdas e com pouca coloração, compensando a magreza do notebook.

O que mais causou espanto neste sistema, e aqui me refiro ao power, foivê-lo empurrar caixas como a Monitor Audio Silver 500 (ainda em amaciamento) e a Dynaudio Focus 260, caixas grandes com bastante espaço interno! Controlar caixas deste tamanho, com woofers grandes e bastante espaço interno, não é tarefa das mais fáceis. Neste quesito ele se deu melhor que o Integrado TA-100, tocando bem sem muita fadiga mesmo quando tocando próximo do limite - tudo dentro do esperado para um amplificador de 80 watts em 4 ohms.

CONCLUSÃO

Após tirar os aparelhos da embalagem, me perguntei o porque de ter um sistema composto de pré e power sendo que o integrado tecnicamente faria a mesma coisa. A resposta veio ao longo dos dias interagindo com os aparelhos, mudando cabeamento e entendendo como eles reagiam a cada mudança e as características que cada componente absorvia dos cabos.

Isto por si só já vale muito à pena: a liberdade de poder ajustar um sistema que não utiliza cabos IEC padrão audiófilo por meio de cabos de interconexão é, sem dúvida, uma ótima saída. E, se além

de apreciar suas músicas de forma mais correta e agradável, você gosta de experimentar cabos e se surpreender com os resultados, a solução pré e power da Emotiva cai como uma luva!

PONTOS POSITIVOS

É um pré-amplificador completo, pronto para atender as novas gerações de melômanos e audiófilos por muitos anos. Possui alta compatibilidade com diferentes amplificadores e cabos de interligação.

PONTOS NEGATIVOS

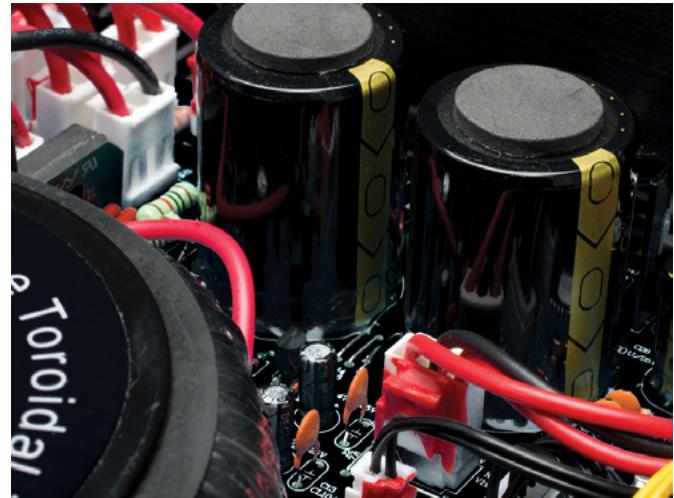
Terminal de alimentação do tipo 8 que limita as opções de cabos de força de melhor qualidade.

ESPECIFICAÇÕES - BASX A-100

Potência	- 50 W / canal RMS; 8 Ω; 20 Hz - 20 kHz; <0,05% THD - RMS de 80 W / canal; contínuo; em 4 Ω.
Saída de fone de ouvido	- 8 Ω: 60 mW / canal - 33 Ω: 200 mW / canal - 47 Ω: 250 mW / canal - 150 Ω: 430 mW / canal - 300 Ω: 440 mW / canal - 600 Ω: 350 mW / canal
Saída de fone de ouvido, modo direto (requer jumper interno, USE COM CUIDADO)	- 8 Ω: 50 W / canal - 33 Ω: 12 W / canal - 47 Ω: 8,5 W / canal - 150 Ω: 2,6 W / canal - 300 Ω : 1,3 W / canal - 600 Ω: 0,6 W / canal
Resposta de frequência de banda larga	20 Hz - 20 kHz + / - 0,08 dB a 1 watt (-1 dB a 80 kHz).
Razão de sinal para ruído (carga de 8 Ω)	> 110 dB; potência nominal; (Ponderada em A)

ESPECIFICAÇÕES - BASX A-100

Impedância de carga mínima recomendada (por canal)	4 Ω
Fator de amortecimento (carga de 8 Ω)	> 500
Sensibilidade de entrada (para potência nominal, carga de 8 Ω)	600 mV (0.6V)
Impedância de entrada	27 kΩ
Conexões de entrada	RCA; um por canal
Conexões de saída	saída de loop (RCA); um por canal
Conexões de saída de alto-falante	2 pares
Dimensões (L x A x P)	38,1 x 7,87 x 21,59 cm
Peso	5,35 kg



ESPECIFICAÇÕES - BASX PT-100

Saídas	- 1x saída principal estéreo - 1x par de saídas não balanceadas para um ou dois subwoofers - 1x saída de fone de ouvido estéreo (painel frontal)
Entradas analógicas	- 2x estéreo de nível de linha analógica (CD, Aux) - 1x entrada estéreo phono (comutável MM ou MC) - 1 sintonizador - FM (com entrada de antena externa, 50 estações predefinidas)
Desempenho analógico (nível de linha)	
Nível máximo de saída	4 VRMS
Resposta de frequência	5 Hz a 50 kHz +/- 0.04 dB
THD + ruído	<0.0015% (A ponderado)
IMD	<0.004% (SMPTE)
Relação S / N	> 115 dB
Crosstalk	<90 dB

ESPECIFICAÇÕES - BASX PT-100

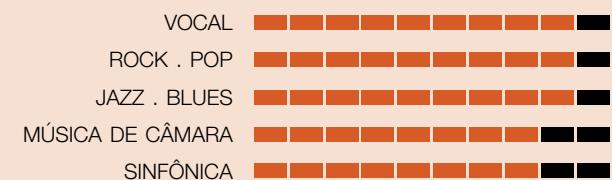
Desempenho analógico (phono)	
Resposta de frequência (MM e MC)	20 Hz a 20 kHz; ref padrão curva RIAA
THD + ruído	<0.015% (MM; A ponderado); <0.06% (MC, A ponderada)
Relação S / N	> 90 dB (MM); > 68 dB (MC)
Desempenho digital	
Respostas de frequência	- 5 Hz a 20 kHz +/- 0.15dB (taxa de amostragem 44 k) - 5 Hz a 80 kHz +/- 0.25 dB (taxa de amostragem 192 k)
THD + ruído	<0.003% (ponderação A, todas as taxas de amostragem)
IMD	<0,007% (SMPTE)
Relação S / N	> 110 dB
Tensão	115 / 230 Volts 50 / 60 Hz (detectado automaticamente).
Dimensões (L x A x P)	43,18 x 6,6 x 31,75 cm
Peso	4 kg





PRÉ-AMPLIFICADOR EMOTIVA BASX PT-100

Equilíbrio Tonal	10,0
Soundstage	8,5
Textura	8,5
Transientes	8,0
Dinâmica	9,0
Corpo Harmônico	8,6
Organicidade	8,8
Musicalidade	10,0
Total	71,4



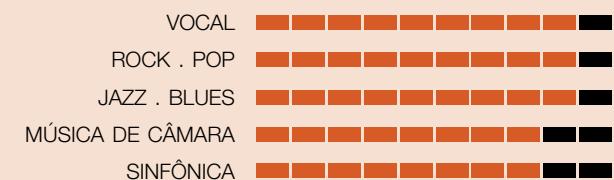
BasX PT-100: R\$ 4.106

OURO
REFERÊNCIA



AMPLIFICADOR ESTÉREO BASX FLEX A-100

Equilíbrio Tonal	9,5
Soundstage	8,5
Textura	8,5
Transientes	8,0
Dinâmica	8,8
Corpo Harmônico	8,5
Organicidade	8,5
Musicalidade	9,7
Total	70,0



AV Group
(11) 3034.2954
BasX A-100: R\$ 3.132

OURO
REFERÊNCIA





Grupo Pau Brasil - Foto: Dani Gurgel

GRUPO PAU BRASIL

 Mariana Sayad
marianasayad@gmail.com

O grupo Pau Brasil começou ‘oficialmente’ em 1982, em uma época muito criativa e agitada da Música Instrumental Brasileira, época do Lira Paulistana, momento de formação de muitos grupos importantes para a história desta música. A sua trajetória é longa, e o grupo já passou por diversas formações, fases e transformações da música brasileira e mundial, e continua na ativa, com diversos trabalhos e discos. Vamos começar pela pré-história do grupo Pau Brasil, mais especificamente na década de 1970, quando Nelson

Ayres, recém-chegado ao Brasil, após estudar na Berklee College of Music (Boston, EUA), resolveu montar uma big band, chamada ‘Nelson Ayres Big Band’, como uma forma de aplicar um pouco do que tinha aprendido sobre arranjos nos Estados Unidos. Nesta época, Nelson fazia todos os arranjos, cópias das partituras, marcava os ensaios e, ainda, procurava os substitutos dos músicos que não podiam estar nos dias de show. Com esta experiência, ele concluiu que a música é também a arte de coordenar agendas, ►

pois gerenciar 18 músicos não foi uma tarefa fácil. Então, em 1978, acabou a big band e ele resolveu chamar dois amigos para tocar: o baixista Rodolfo Stroeter e o baterista Azael Rodrigues. Rodolfo tinha apenas 19 anos, estudou baixo com Zeca Assumpção e depois com o professor japonês Makoto Ueda. Azael tinha 22 anos, estudou no Conservatório Musical do Brooklin e depois foi para a USP (Universidade de São Paulo) estudar música; em seguida, foi aprender percussão india com o Madhukar Khotare, em Londres, e improvisação com o Bob Moses, em Nova York.

Tanto o Azael quanto o Rodolfo faziam parte do grupo Divina Incrência. Eles começaram a tocar com o Nelson sem ter certeza do que aconteceria com o trio. Logo no início, passaram a tocar no bar Lei Seca, em Santo Amaro (SP), toda quinta-feira, onde sempre apareciam amigos para dar canjas, um deles era o saxofonista Hector Costita, que acabou entrando para o grupo. Inicialmente, o grupo se dedicava mais ao jazz norte-americano, com um repertório repleto de standards, muito pela influência que Nelson havia trazido do tempo que passou nos Estados Unidos. Além disso, o quarteto levava o nome do Nelson Ayres, mas depois de dois anos no Lei Seca, o quarteto virou quinteto com a entrada do saxofonista Roberto Sion e passaram a incluir no repertório músicas autorais dos discos de Nelson e Costita com uma pegada mais brasileira. Esta mudança de repertório fez com que o grupo passasse a pensar em mudar o nome do quinteto, para algo que remetesse mais o Brasil. Rodolfo Stroeter deu a ideia de batizar o grupo de Pau Brasil por dois grandes motivos: o primeiro, a árvore Pau-brasil foi que deu nome ao País, e o segundo, em homenagem ao ‘Manifesto da Poesia Pau Brasil’, de Oswald de Andrade. Assim, foi batizado o grupo que iria viajar pelo mundo levando o Brasil em seu nome e em sua música.

Em 1981, o grupo Pau Brasil iria passar por mais uma mudança: a saída de Hector Costita e a entrada de Paulo Bellinati, uma troca inusitada, um saxofonista por um violonista. Mas a substituição foi de suma importância para o ideal da música brasileira que o grupo buscava, afinal, o violão é de uma brasiliade inquestionável. Costita saiu do grupo não para dar lugar ao violão de Bellinati, mas sim, para comandar a big band do 150 Night Club, do Maksoud Plaza Hotel. Bellinati se encaixou como uma luva no grupo, porque havia chegado recentemente da Suíça, onde morou por cinco anos (1975-1980); com forte influência de jazz, então, usou esta linguagem para aprimorar o estilo antropofágico do Pau Brasil. Nesta mesma década de 1980, o Grupo Pau Brasil passou a se apresentar no pequeno e aclamado Lira Paulistana, teatro localizado no bairro de Pinheiros

(São Paulo). Lá, o baixista Rodolfo Stroeter se apresentava com o grupo, mais o Divina Incrência e o Grupo Um. Este teatro ficou muito conhecido por abrigar a Vanguarda Paulista, como Arrigo Barnabé, Itamar Assumpção, Ná Ozzetti, Premeditando o Breque, entre outros. A popularidade do grupo e do teatro estava tão em alta, que em março de 1982, Wilson ‘Gordo’ Souto Jr., idealizador do Lira, realizou o Música Instrumental na Praça, na Praça Benedito Calixto, onde tocaram vários grupos, entre eles o Pau Brasil, para um público de cerca de duas mil pessoas.

Ainda no início da década de 1980, o grupo Pau Brasil realizou a primeira turnê pela Europa, junto com o D’Alma e o Medusa. Foram a Paris, onde se apresentaram no Paris Jazz Festival, a convite do próprio diretor, André Francis, que conheceu Nelson Ayres alguns anos antes em Cannes. Depois desta turnê, o grupo lançou seu primeiro disco, chamado ‘Pau Brasil’, pela Continental, sob o selo Lira Paulistana, dirigido pelo Wilson ‘Gordo’ Souto Jr. Depois disso, o Pau Brasil não parou mais de fazer turnês. A próxima foi em 1983 pela França, Suécia, Áustria e Alemanha. No início de 1984, embarcaram para sua primeira turnê no Japão, acompanhados do saxofonista Mané Silveira e os percussionistas Ratinho e Jorginho Cebion, para uma série de shows promocionais da Japan Airlines, em Tóquio. No mesmo ano, seguiram para Dinamarca, Suécia e Bélgica, e depois retornaram para França, Suécia, Áustria e Alemanha. Em 1985, outra mudança na formação: saiu Azael e entrou o baterista norte-americano Bob Wyatt, que se mudou para o Brasil em 1978, primeiramente para o Rio de Janeiro, onde fazia parte do trio do Osmar Milito. Logo que se mudou para São Paulo, já foi convidado para integrar o Pau Brasil. Com esta nova formação, Stroeter apresentou ao grupo uma nova proposta sonora para o próximo CD, algo que fizesse muito jus ao Manifesto Pau Brasil, que tivesse como princípio deglutir o jazz e regurgitar a música brasileira.

Assim, saiu o segundo disco, chamado ‘Pindorama’, em 1986, com a missão de mostrar o caminho evolutivo do grupo. Enquanto no primeiro, priorizaram as músicas autorais do grupo, com apenas uma regravação (Na Baixa do Sapateiro, de Ary Barroso), neste segundo trabalho, gravaram muitos ‘clássicos’, como ‘Dança (Martelo) das Bachianas Brasileiras nº 5’ (Heitor Villa-Lobos), ‘Só por Amor’ (Baden Powell / Vinícius de Moraes) e ‘Bye Bye Brasil’ (Roberto Menescal / Chico Buarque), sugestão de Azael antes de sair do grupo. Além destas, também estão no disco músicas de Nelson, Bellinati e a Alakai (Hermeto Pascoal), com participação do próprio compositor e de Marlui Miranda, que futuramente iria integrar o grupo Pau Brasil. A participação de Bob no grupo foi breve: saiu em ►

MUSICIAN - BIBLIOGRAFIA

21
ANOS
AVMAG

1987 e entrou em seu lugar o baterista Nenê, que havia participado dos grupos de Egberto Gismonti e Hermeto Pascoal. Seu domínio dos ritmos e gêneros brasileiros foi essencial para a gravação do disco 'Cenas Brasileiras', este apenas com músicas dos integrantes do Pau Brasil. Este disco é considerado o desdobramento do anterior, pois explora muito os ritmos brasileiros e consagrou o estilo de composição do grupo Pau Brasil, algo entre o tradicional e o jazz.

Depois de outra turnê pela Europa, enquanto o grupo se preparava para os shows de lançamento do disco novo, Roberto Sion anunciou que iria se desligar. O substituto não foi tão difícil de encontrar, pois Teco Cardoso já havia tocado em alguns shows com o Pau Brasil. Ele já era velho conhecido de todos: foi integrante do grupo PéAntePé, Grupo Um e assíduo frequentador do Lira Paulistana. Logo depois da saída do Sion, veio a notícia mais bombástica: a saída de Nelson Ayres. Um pouco antes de sair, ele já estava em outros trabalhos, mas mais do que isso, Nelson acredita em ciclos. Ou seja, todos os trabalhos dele têm um ciclo de vida, e naquele momento, o ciclo do Pau Brasil havia se encerrado. Assim, em 1987, ele deixou o grupo. Este seria um membro difícil de trocar, pois era o arranjador, um dos principais compositores, o mentor. Por muitos momentos, a possibilidade de acabar com o grupo Pau Brasil pareceu uma boa opção. Mas surgiu o convite para gravar um CD pela gravadora belga GHA, o que motivou muito a dar continuidade ao grupo. Então, foram procurar Lelo Nazário para substituir Nelson, pois já havia gravado com todos os membros do grupo e estava sempre por perto. Assim, em 1989, lançaram o disco 'Lá vem a tribo', que marca uma nova fase do grupo Pau Brasil: primeiro, por causa da formação; e segundo, porque começaram a explorar a música indígena. Foi a migração do tradicional do Brasil com o jazz para a música de vanguarda. Outra informação importante é que este foi o primeiro disco do Pau Brasil que não foi produzido por Wilson 'Gordo' Souto Jr., da Continental / Lira Paulistana.

A esta altura, já era possível fazer uma linha 'evolutiva' do Pau Brasil. Eles começaram na época em que muitos grupos de jazz iniciaram, sem grandes preocupações em se criar um conceito de música brasileira, principalmente, porque a influência do jazz ainda era muito grande e até considerada natural. Depois, com a estabilidade de shows, diversos ensaios e reflexões, esta preocupação surgiu organicamente. O primeiro disco deixou muito claro a preocupação em se trabalhar a música mais popular, mais brasileira. Com a saída de diversos membros e a entrada de outros, foi natural a mudança de linguagem, as influências de raiz para o contemporâneo. Pode-se dizer este estágio representou o amadurecimento do grupo, parte

natural do caminho a ser trilhado. Depois do disco 'Lá vem a tribo', em 1991, surgiu a oportunidade de gravar no Raibow Studio, em Oslo (Noruega), onde foram gravados os aclamados discos de jazz pelo selo ECM. O disco 'Metrópoles Tropical' foi produzido pelo músico e produtor francês Frédéric Pagès. Para colocar a 'atmosfera' paulistana no disco, Stroeter e Lelo saíram pelo centro de São Paulo para gravar os ruídos, as pessoas falando, enfim, tudo que remetesse o lado mais metropolitano da cidade. Este disco abriu ainda mais as portas da Europa e dos Estados Unidos para o Pau Brasil. Foi uma das fases mais internacionais da carreira do grupo.

Ao mesmo tempo em que o mundo abria as portas, Paulo Bellinati e Nenê se despediam de suas jornadas junto ao grupo. Para substituir Nenê, a escolha mais natural foi o Zé Eduardo Nazário, que deixou a formação do Pau Brasil parecida com a do Grupo Um, que atuou entre as décadas de 1970 e 1980. Enquanto que o baterista foi uma escolha natural, escolher outro violonista do mesmo calibre que Bellinati seria uma missão quase impossível. Então, Rodolfo convidou Marlui Miranda para integrar o quinteto. Foi a escolha perfeita para os novos rumos que o grupo estava tomando. Então, Rodolfo Stroeter, Marlui Miranda, Zé Eduardo Nazário, Lelo Nazário e Teco Cardoso realizaram a última gravação ao vivo do Pau Brasil, desta fase, para o projeto Brasil Musical, de André Geraissati e Solon Siminovich. Este disco foi gravado no SESC Pompeia, em 1993, e fez parte da coleção 'Música Viva', com 11 CDs. Em 1992, o grupo saiu em uma grande turnê pela Europa, e em dezembro de 1993, voltaram a Oslo para gravar o último disco desta fase do Pau Brasil: 'Babel', que só foi lançado dois anos depois, em 1995. Este disco foi ganhador do Prêmio Sharp, na categoria 'Melhor Grupo Instrumental', e ainda foi indicado ao Grammy, como 'Best Jazz Performance'. Com este disco, foram tocar no teatro principal do IAJE (International Association for Jazz Education), o que ocorreu no Marriot Marquis, na Broadway.

'Babel' veio coroar a carreira internacional do Pau Brasil com estas indicações e reconhecimento do meio musical. Paralelamente à carreira com o grupo, Rodolfo Stroeter criou o selo Pau Brasil, para atender a demanda de artistas que solicitavam sua produção em seus trabalhos. Depois do selo, veio a gravadora com o mesmo nome. Stroeter produziu muita gente, entre elas, Marlui Miranda e o disco 'Sol de Oslo', que gravou com Gilberto Gil na Noruega. Com o tempo, o grupo Pau Brasil foi sendo desativado aos poucos e sem grandes alardes. Apenas, foram acabando os ensaios e os shows ficando cada vez mais raros. Não foi um motivo específico que terminou com esta primeira fase do grupo Pau Brasil, mas se for para ➤

Venha conhecer o maior acervo high-end vintage, LPs e CDs audiófilos do Brasil!



HIGH-END - HOME-THEATER



SEÇÃO VINTAGE



DVDs - CDs - LPs - AUDIÓFILOS



A Áudio Classic possui as melhores opções em produtos High-End novos e usados. Seu upgrade é nosso objetivo!



REVENDEDOR AUTORIZADO:

- Accuphase • ASR • Audio Flight • Audio Physic
- Audiopax • Avance • B&W • Burmester • darTZeel
- dCS • Dr. Feickert Analogue • Dynaudio • Esoteric
- Evolution • Goldmund • Jeff Rowland • Kharma
- Krell • Kubala-Sosna • McIntosh • MSB Technology
- Pathos • Sonus Faber • Transparent • Von Schweikert Audio
- VTL • Wilson Audio • YG Acoustics



Rua Eng. Roberto Zuccolo, 555 - Sala 94 - São Paulo/SP
No ITM-EXPO, junto ao Cebolão/ Ponte dos Remédios/ CEAGESP
Tel.: 11 2117.7512 / 2117.7200

WWW.AUDIOCLASSIC.COM.BR
AUDIOCLASSIC@AUDIOCLASSIC.COM.BR

MUSICIAN - BIBLIOGRAFIA

oficializar um ano, este pode ser 1997. Enquanto esteve parado o Pau Brasil, seus membros realizaram muitos trabalhos, gravações e produções. Rodolfo Stroeter passou a trabalhar com a cantora Joyce e Tutty Moreno. Entre 1996 e 1999, Rodolfo foi o diretor artístico da Orquestra Jazz Sinfônica do Estado de São Paulo, ligada à antiga Universidade Livre de Música (atual EMESP) e à Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. Em 1996, também produziu o disco 'Mais Simples', da Zizi Possi e lançou o disco 'Romançário', com Antônio Madureira. Em 1997, em parceria com o SESC Pompeia, produziu e dirigiu o espetáculo 'Braguinha 90 anos' e produziu o disco 'Todos os sons', de Marlui Miranda, que ganhou o prêmio da Academia Gramofônica da Alemanha e da Naird, dos Estados Unidos, como 'Melhor CD de World Music'. Em 2000, passou também a acompanhar a cantora Mônica Salmaso em diversos shows e festivais, entre eles a 8ª edição do Heineken Concerts, que foi realizado no Teatro Alfa, Tom Brasil e Bourbon Street, em São Paulo.

Nelson Ayres foi regente da Orquestra Jazz Sinfônica do Estado de São Paulo de 1991 até 2001. Neste ano, ele foi reger a Orquestra Filarmônica de Israel. Paralelamente a isso, Nelson também compôs trilhas sonoras para o cinema, entre elas, para os filmes: 'Dois Córregos' (1999), em parceria com Ivan Lins e direção de Carlos

Reichenbach, 'Xangô de Baker Street' (2001), em parceria com Edu Lobo e direção de Miguel Faria Jr. e 'Garotas do ABC' (2003), com direção de Carlos Reichenbach. Teco Cardoso passou a integrar a Orquestra Popular de Câmara, junto com Benjamim Taubkin (piano), Mané Silveira (sax e flautas), Caíto Marcondes, Zezinho Pitoco, Guello e Ari Colares (percussão), Ronen Altman (bandolim), Lulinha Alencar (acordeão), Sylvinho Mazzucca (contrabaixo) e Dimos Goudaroulis (violoncello). Esta orquestra era dedicada em explorar a sonoridade contemporânea a partir de elementos da música brasileira tradicional e popular. Paralelamente a isso, Teco também se dedicou à carreira solo, onde lançou o disco 'Meu Brasil', ganhador do prêmio Sharp na categoria 'Melhor Revelação Instrumental', em 1998. Depois, em 1999, lançou o CD 'Quinteto', com a flautista e compositora Léa Freire. Paulo Bellinati voltou-se à sua carreira solo nos Estados Unidos, onde lançou o CD 'Serenata - Choros & Waltzes of Brazil'. Em 1996, lançou o lendário CD 'Afro-Sambas', com Mônica Salmaso, e depois veio o CD autoral 'Lira Brasileira'. Fez arranjos para Leila Pinheiro, Edu Lobo, Vânia Bastos e Gal Costa. Com essa última, ele ganhou, em 1994, o Prêmio Sharp na categoria 'Melhor Arranjador de MPB', com o disco 'O Sorriso do Gato de Alice'. Em 2002, lançou o DVD 'Paulo Bellinati plays Antonio Carlos Jobim'.



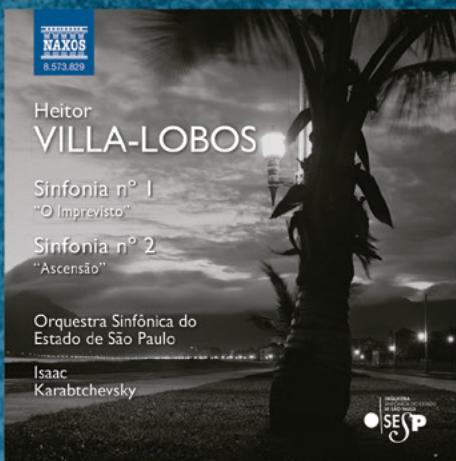
Grupo Pau Brasil - Foto: Dani Gurgel

CAIXA ESPECIAL
VILLA-LOBOS



Confira o mais novo lançamento da OSESP, em parceria com a Naxos e Movieplay, em comemoração ao encerramento das gravações da integral *Sinfônias de Villa-Lobos*. Foram sete anos de trabalho, que incluiu resgate e revisão das partituras, ensaios e gravação para o lançamento em CD.

Heitor VILLA-LOBOS - Sinfonia nº 1 e 2



Um método característico de construção sinfônica já está aqui em operação: o ornamentado acorde inicial dá a largada para motivos principais e um ostinato, que provavelmente veio da imaginação do compositor, mas que “registra” em nossos ouvidos como ritmo folclórico, serve de pano de fundo a uma sucessão de novas ideias, reunidas em grupos temáticos bem delineados, que alternam contemplação, lirismo e atividade frenética.

OUÇA TRINTA SEGUNDOS DE CADA FAIXA, DO NOVO CD HEITOR VILLA-LOBOS, SINFONIAS N° 1 E 2:

- Faixa 01
- Faixa 02
- Faixa 03
- Faixa 04
- Faixa 05
- Faixa 06
- Faixa 07
- Faixa 08

www.movieplay.com.br
movieplay@movieplay.com.br

/movieplaydigital
 @movieplaybrasil
 "movieplaydigital"
(11) 3115-6833

Já disponível nas melhores lojas do Brasil.

movie play
DIGITAL MUSIC

MUSICIAN - BIBLIOGRAFIA

21
ANOS
AVVAG

O retorno do grupo Pau Brasil aconteceu em 2005, sendo composto por Rodolfo Stroeter, Nelson Ayres, Paulo Bellinati, Teco Cardoso e o jovem baterista Ricardo Mosca. Para marcar o retorno, lançaram o álbum '2005', com diversas músicas gravadas anteriormente pelo grupo, mas com uma releitura bem diferente. Um pouco antes do retorno oficial, o grupo chegou a se apresentar algumas vezes no bar Supremo, em São Paulo, mas com Bob Wyatt na bateria. O novo baterista Ricardo Mosca é formado em música popular pela UNICAMP, e fez especialização em bateria no Drummers Collective, em Nova York, e no Musician Institute, em Hollywood. Além do grupo Pau Brasil, ele toca também no Nelson Ayres Trio, com Mônica Salmaso e com a cantora alemã Celine Rudolph. Além disso, já tocou com André Mehmari, André Abujamra, Ceumar, Karnak, Proveta, Ná Ozzeti, Luciana Mello, entre outros. Depois do retorno, o grupo está com força total. Entre abril e novembro de 2008, o Pau Brasil e a cantora Mônica Salmaso realizaram uma turnê por 21 cidades brasileiras com o trabalho 'Noites de Gala', com músicas de Chico Buarque. Depois, gravaram o CD e o DVD com este repertório, que saiu em 2009, com grande aceitação do público e da imprensa. Um trabalho muito diferente do Pau Brasil da fase anterior, mas que casou perfeitamente com a interpretação da Mônica Salmaso.

Em 2008, foi gravado o disco 'Concerto Antropofágico' na Sala São Paulo, com a OSESP (Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo) e Mônica Salmaso. O mais interessante da história é que o convite partiu de John Neschling (na época, regente e diretor artístico da OSESP; atualmente, é diretor artístico do Theatro Municipal de São Paulo), depois de ver o show da cantora com o quinteto no Teatro Fecap, em São Paulo. Entre as composições, destaque para a que dá título ao disco, sendo composta por Rodolfo Stroeter, Ruriá Duprat, Paulo Bellinati, Nelson Ayres, Ricardo Mosca e Gilberto Gil. Este disco foi lançado apenas em 2012, pela gravadora Biscoito Fino. Em 2012, veio a justa homenagem ao grande Villa-Lobos, com o lançamento do disco 'Villa-Lobos Superstar', com trechos das Bachianas Brasileiras N°s 4 e 5, mais as composições 'Lenda do Caboclo', 'Lundu da Marquesa de Santos', entre muitas outras. O grupo Pau Brasil convidou o conjunto de música de câmara Ensemble SP e o cantor Renato Braz para gravar este disco. Depois de 30 anos de grupo, com muitas histórias e diversas formações, resolveram lançar o 'Pau Brasil Caixote' com os CDs remasterizados, além de um livreto com toda a história, em detalhes e com muitas fotos, escrito pelo jornalista Carlos Calado.

PROMOÇÃO: CD *Timbres*

CAVI
RECORDS



R\$ 20,00
sem frete incluso

Adquira já pelo e-mail: revista@clubedoaudio.com.br

DISCOGRAFIA SELECIONADA



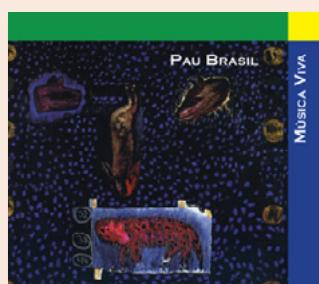
- **Pindorama (1986):** Pau Brasil (formação: Nelson Ayres, Rodolfo Stroeter, Paulo Bellinati, Roberto Sion e Bob Wyatt) - direção de produção: Pau Brasil - Copacabana - Brasil - lançado em LP e CD.



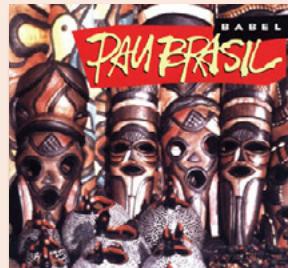
- **Cenas Brasileiras (1987):** Pau Brasil (formação: Nelson Ayres, Rodolfo Stroeter, Paulo Bellinati, Roberto Sion e Nenê) - produção: Chico Pardal - Continental - Brasil - lançado em LP e CD.



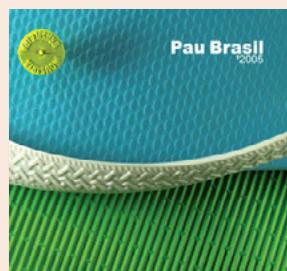
- **Lá Vem a Tribo (1989):** Pau Brasil (formação: Lelo Nazário, Rodolfo Stroeter, Paulo Bellinati, Teco Cardoso e Nenê) - produção: Odair e Fá Assad - GHA Records - Bélgica - lançado em LP e CD.



- **Música Viva (1993):** Pau Brasil (formação: Lelo Nazário, Rodolfo Stroeter, Marlui Miranda, Teco Cardoso e Zé Eduardo Nazário) - produção: André Geraissati e Sólon Siminovich - Tom Brasil - lançado em CD.



- **Babel (1995):** Pau Brasil (formação: Lelo Nazário, Rodolfo Stroeter, Marlui Miranda, Teco Cardoso e Zé Eduardo Nazário) - produção: Rodolfo Stroeter - Pau Brasil Music - lançado em CD.



- **2005 (2005):** Pau Brasil (formação: Nelson Ayres, Rodolfo Stroeter, Paulo Bellinati, Teco Cardoso e Ricardo Mosca) - produção: Rodolfo Stroeter - Biscoito Fino - lançado em CD.



- **Villa-Lobos Superstar (2012):** Pau Brasil (formação: Nelson Ayres, Rodolfo Stroeter, Paulo Bellinati, Teco Cardoso e Ricardo Mosca), Ensemble SP (formação: Betina Stegmann, Nelson Rios, Marcelo Jaffé e Bob Suetholz) e Renato Braz - produção: Rodolfo Stroeter / Carolina Gouveia - independente - lançado em CD.



VOLUME 3 - GRUPO PAU BRASIL

Mariana Sayad
marianasayad@gmail.com

Com a palavra, José Eduardo Nazário!

Continuando a série Música Instrumental Brasileira com o CD do Grupo Pau Brasil, não poderiam faltar os comentários gentilmente cedidos de um dos integrantes do grupo sobre cada uma das faixas:

FAIXA 1 - Metrópole Tropical, Olho D'Água e Bambuzal

"Quando gravamos algumas destas músicas, não tínhamos dado os nomes ainda. Então, quando fomos gravar na Série Música Viva do selo Tom Brasil, no SESC Pompeia, colocamos alguns provisórios que depois mudaram. A música 'Metrópole Tropical' é do Lelo Nazário. Ela tem um ostinato rítmico e a melodia se desenvolve por cima dele. A Marlui (Miranda) faz algumas intervenções de voz, junto com o Teco (Cardoso) e eu improviso por cima, ou seja, todos im-

provisam mais ou menos juntos, mas mantendo o padrão rítmico. Esta foi uma característica, uma espécie de vocabulário, que desenvolvemos tocando juntos. Isso tem a ver com a percepção, em acentuar junto ou completar a frase que o outro está fazendo. Com o passar da música, outros elementos vão entrando, como o sintetizador do Lelo (Nazário), e depois vem um canto nordestino de um cantor popular. Logo em seguida, já começa a música 'Olho D'Água', da Marlui, que é um baião contemporâneo. Este baião foi gravado no disco da Marlui, de mesmo nome, que eu participei, o (Egberto) Gismonti, Zeca Assumpção e Mauro Senise.

'Bambuzal' (Espíritos da Mata) é um tema do Rodolfo (Stroeter), mais lírico, com bastante percussão e flauta. Tem as flautinhas do ▶

Teco, que lembram muito as de pífano. A música também tem um lance um pouco indígena que a Marlui já pesquisa há um tempão. O disco da Tom Brasil, em que saíram estas músicas, foi lançado metade com músicas do Pau Brasil e metade com músicas de Hermeto Pascoal. Por isso, na versão original do disco não coube a música 'Espírito da Mata', ela só foi colocada no caixote do Pau Brasil. Na verdade, trabalhávamos muito com a mistura do primitivo, contemporâneo e o jazz depois da década de 1970, que tocamos desde a época que eu tocava com o Hermeto (Pascoal), como se fosse uma família. O Hermeto tocou com Airto Moreira, Miles Davis. Desta forma, nós tivemos muito contato com o jazz dos anos sessenta e setenta. Além disso, também toquei com o John McLaughlin; então, também fui muito influenciado por esta música e tive muito contato. Fizemos parte desta escola."

FAIXA 2 - Cordilheira, Tubofone e Sem Nome

"Cordilheira dos Andes" (Cordilheira) é um tema do Nenê e já tinha sido gravada em outro disco do Pau Brasil. Quando eu entrei no grupo, eles estavam tocando esta música. Com a entrada da Marlui, a revisitamos e fizemos um arranjo um pouco diferente. É um tema

em 3/4, em que nós fazemos uma série de variações rítmicas: tem uma introdução meio longa, depois vem o tema e uma parte mais livre, onde todos improvisam; a bateria fica um pouco mais agressiva, mais rápida, transformando a música em um jazz super-rápido. O legal é que alguém puxa uma ideia durante um improviso e todos seguem. Depois, esta ideia se desfaz e vem outra coisa. Depois, começa outra parte, volta para o começo e vem o solo do Lelo, que vai se dissolvendo. Então, o Rodolfo (Stroeter) puxa uma linha de baixo e a Marlui entra cantando, como se fosse uma coda final. Depois, se dissolve de novo, bem livre, aonde todos vão ouvindo o que o outro toca, e vai somando. No final, já é possível ouvir o tubofone, que é um instrumento que eu fiz com tubos de PVC, com diferentes notas. Tem um solo nesta música onde os outros instrumentos vão desaparecendo, e o tubofone fica em primeiro plano com alguns efeitos que o Lelo (Nazário) fez com sintetizadores. A música 'Tubofone' depois ganhou o nome de 'Tocaia', e foi gravada no disco 'Babel'. É composição minha com o Lelo, Rodolfo, Marlui e Teco. Logo que termina o solo, começa a chamada para a próxima música: 'Sem Nome' (Festa na Rua), do Lelo e Rodolfo. É um tema com berimbau, que conduz ritmicamente, e a Marlui toca uma percussão." ■

OUÇA UM MINUTO DE CADA FAIXA DO CD GRUPO PAU BRASIL - VOL. 03:

- ▶ Faixa 01
- ▶ Faixa 02



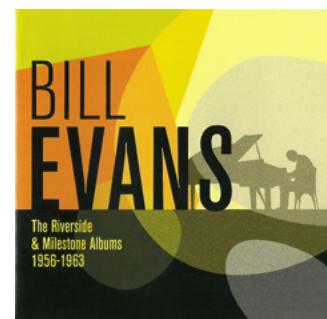
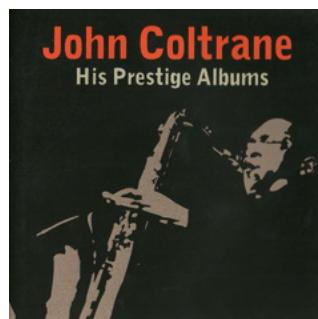
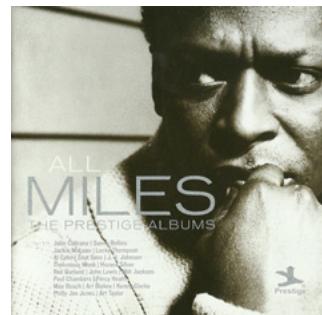
PROMOÇÃO CD GRUPO PAU BRASIL - VOL. 03

A Editora AVmag disponibilizará para você, que não adquiriu na época de lançamento, este CD para quem enviar um e-mail para:

- revista@clubedoaudio.com.br -

O leitor apenas terá de pagar o frete + embalagem de Sedex.

NÃO PERCA ESSA OPORTUNIDADE!! - promoção válida até o término do estoque.



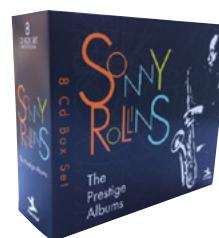
SEPARANDO O JOIO DO TRIGO

 Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Quantas vezes na vida ficamos tentados a comprar uma determinada coletânea de um artista que gostamos muito, mas esbarramos sempre na dúvida se as qualidades técnicas e artísticas valem o preço cobrado. Eu mesmo, como um bom ‘rato de loja’, muitas vezes comprei gato por lebre, e em algumas ocasiões paguei caro pelo erro. Atualmente sou muito mais comedido e cauteloso, mas em minha juventude comprei muitos discos por impulso, e depois tive que arcar com um enorme prejuízo na hora de trocá-los nos sebos da cidade.

Foi com enorme grau de desconfiança que peguei para ouvir esses quatro boxes da Universal, lançados entre 2009 e 2011 na Europa, que foram compilados das masters originais das gravadoras Prestige, Milestone e Riverside. São gravações memoráveis de artistas consagrados em início de carreira (Miles Davis, Bill Evans, Sonny Rollins e John Coltrane).

Em termos artísticos, não há do que duvidar da relevância dessas gravações para qualquer amante do jazz, o problema é sempre a qualidade técnica, já que algumas gravações quando remasterizadas passam por um verdadeiro ‘genocídio sonoro’ na mão de engenheiros ‘artistas’ que teimam em ‘reinventar a roda’.



SONNY ROLLINS
The Prestige Albums - 8 CDs

Comecei por escutar a caixa com oito CDs do saxofonista **Sonny Rollins**, músico de Nova York que tocava sax-alto na escola, e depois passou para o sax-tenor. Sonny, entre o final dos anos 40 e o começo dos anos 50, trabalhou com os melhores músicos do bebop, como: Art Blakey, Bud Powell, Thelonius e Miles Davis. Sua primeira gravação em carreira solo ocorreu em 1951, pelo selo Prestige, acompanhado pelo Modern Jazz Quartet (Milt Jackson - vibrafone, John Lewis - piano, Kenny Clarke - bateria e Percy Heath - contrabaixo). Naquela época, para cortar custos e agilizar o processo de gravação e lançamento do disco, as gravações eram todas feitas em tempo real (com todos os músicos tocando simultaneamente), e todas as músicas tinham que ser gravadas em um único dia! ▶

O primeiro CD de Sonny Rollins é composto de gravações realizadas em janeiro e dezembro de 1951, e de 07 de outubro de 1953. São 13 faixas no total, e confirmam a grande habilidade de Sonny dividir o tema em motivos e trabalhar as nuances de cada compasso, como faz um diretor de fotografia. Uma vez questionado em um programa de rádio de Nova York a respeito do seu preciosismo em cada compasso, Sonny respondeu que na sua mente não eram apenas notas, e sim cenas a serem construídas musicalmente. O segundo CD do box é o **Moving Out**, gravado em 18 de agosto e 25 de outubro de 1954, com a participação de Thelonious Monk - piano, Art Taylor - bateria e Tommy Potter - contrabaixo. O terceiro CD tem o nome de **Worktime**, gravado em 02 de dezembro de 1955, com Ray Bryant - piano, George Morrow - contrabaixo e Max Roach - bateria.

O quarto CD é uma de suas obras-primas e considerado pelos críticos de jazz como um dos discos mais importantes da época, sendo o ano em que Sonny Rollins mais vezes entrou no estúdio para gravar para o selo Prestige, no total foram quatro discos lançados no mesmo ano de 1956. **Plus Four** ganhou vários prêmios e o lançou em definitivo para uma carreira internacional. Gravado em 22 de março de 1956, contou com a colaboração de Clifford Brown - trumpet, Richie Powell - piano, George Morrow - baixo e Max Roach - bateria. No mesmo ano, em 24 de maio de 1956, Sonny Rollins convidou John Coltrane para gravar a faixa um do quinto CD, **Tenor Madness**, com ambos tocando sax-tenor. O sexto CD do box é o **Colossus**, também de 1956, só que gravado no dia 22 de junho, com a colaboração de Tommy Flanagan - piano, Doug Watkins - baixo e Max Roach - bateria. O sétimo CD da coleção, **Rollins Plays for Bird**, foi gravado em 05 de outubro de 1956, acompanhado de Kenny Dorham - trumpet, Wade Legge - piano, George Morrow - baixo e Max Roach - bateria. E fechando o box de Sonny Rollins, temos **Tour de Force**, de 07 de dezembro de 1956, com Kenny Drew - piano, George Morrow - baixo, Max Roach - bateria e Earl Coleman - vocal em duas faixas do disco.

O selo Prestige tinha um dos maiores engenheiros da época, **Rudy Van Gelder**, que buscava extrair a melhor sonoridade possível de cada instrumento, posicionando-os sempre de uma maneira que pudesse explorar a qualidade acústica da sala de gravação. As gravações da Prestige era simplesmente a referência de todos os músicos de jazz da década de 50. Tanto que, quando Miles Davis se transferiu para a Columbia, em 1958, ele exigiu que a qualidade das masters fossem no mínimo superiores às que ele tinha na Prestige!



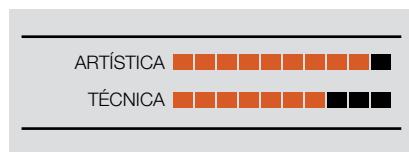
JOHN COLTRANE *His Prestige Albums - 12 CDs*

Todos os 12 CDs desse box de **John Coltrane** foram gravados entre 1957 e 1958. O trabalho no selo Prestige era intenso e dinâmico; **Rudy Von Gelder**, o engenheiro responsável por todas as gravações desse período, conta que às vezes passava semanas sem ir para casa, dormindo nas horas vagas no próprio sofá da sala de gravação. Ainda que estivesse muitas vezes exausto e próximo de um colapso, era só acender a luz vermelha de gravação para recobrar suas forças e exigir de si mesmo o melhor, pois ele sabia que aquela gravações estavam 'redefinindo a história da música moderna'.

O primeiro trabalho de Coltrane para o selo Prestige foi **Dakar**, gravado em 20 de abril de 1957, com a colaboração de Cecil Payne - sax-barítono, Pepper Adams - sax barítono, Mal Waldron - piano, Doug Watkins - baixo e Art Taylor - bateria. **Bob Weinstock**, o 'manda chuva' da Prestige, tão impressionado com a virtuosidade de Coltrane e a percussão do primeiro disco, o chama novamente em 31 de maio de 1957, para gravar **Coltrane / Prestige 7105**, acompanhado de **Johnnie Splawn** - trumpet, Sahib Shihab - sax-barítono, Red Graland - piano, Paul Chambers - baixo e Albert Heath - bateria. A primeira prensagem de cinco mil cópias esgotou-se em apenas uma semana, fato que só ocorreu com os últimos trabalhos de Miles Davis.

Coltrane passou então a ser o músico número um da Prestige, ainda que o hábil **Bob Weinstock** fizesse de tudo para não melindrar os outros músicos contratados, buscando sempre a colaboração e a participação de todos nos discos lançados pelo selo. Como o material gravado em 31 de maio excedia a quantidade de faixas possíveis de serem colocadas no segundo disco, juntou-se o material excedente, com novas gravações de agosto de 1957 e 10 de janeiro de 1958, sendo lançado **Lush Life**, outro estrondoso sucesso de Coltrane. Como nos dois trabalhos anteriores, Coltrane começou a gravar suas próprias músicas, mostrando que, além de virtuoso, era um excelente compositor!

O quarto CD do box recebeu o nome de **The Last Trane**, gravado em dois períodos: 10 de janeiro e 26 de março de 1958. A partir desse momento, o box não apresenta mais os CDs em ordem cronológica de gravação, o que não impede de observar a evolução de Coltrane, tanto como músico, como compositor. O quinto CD do box é **Traneing In**, gravado em 23 de agosto de 1957, com Red Garland - piano, Paul Chambers - baixo e Arthur Taylor - bateria. O sexto CD é uma coletânea de várias gravações que não foram utilizadas entre 20 de dezembro de 1957, 10 de janeiro de 1958 e 26 de dezembro, também de 1958. O sétimo CD, ▶



OUÇA DIRETAMENTE DO SPOTIFY,
OS ÁLBUNS DE SONNY ROLLINGS -
THE PRESTIGE

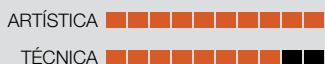
MUSICIAN - CDS DO MÊS

21
ANOS
AVMAG

Soul Train, foi gravado em 07 de fevereiro de 1958, com a participação de Red Graland - piano, Paul Chamber - baixo e Arthur Taylor - bateria. **Settin The Pace** é o oitavo CD da coleção, gravado em 26 de março de 1958, com o mesmo set de músicos dos dois últimos CDs.

Black Pearls, gravado em 23 de maio de 1958, mostra um Coltrane cansado da fórmula imposta pela Prestige de sempre gravar standards, tentando não assustar o público, e apresenta um disco com apenas três faixas, sendo que o lado B é totalmente ocupado por **Sweet Sapphire Blues**, com quase 19 minutos de duração. Começava ali a quebra de contrato entre John Coltrane e o selo Prestige.

Ainda assim, Bob Weinstock conseguia gravar material de Coltrane para mais três discos: **Standard Coltrane**, gravado em 11 de julho de 1958, **Stardust**, com material de 11 de julho e 26 de dezembro de 1958, e **Bahia**, também com gravações feitas no final de dezembro. No CD **Bahia**, há de se destacar o flerte de Coltrane com a música de **Ary Barroso**, que dá nome ao CD e é a faixa de abertura. Ainda que seja um material extraído de apenas dois anos de contrato, possui altíssimo nível artístico e técnico, mostrando a genialidade do compositor e músico.



OUÇA DIRETAMENTE DO SPOTIFY,
OS ÁLBUNS DE JOHN COLTRANE - HIS
PRESTIGE



ALL MILES DAVIS
The Prestige Albums - 14 CDs

Compilado pela Universal Music da Itália, esse é um daqueles boxes obrigatórios. Ainda que pequeno pela pobreza do livreto, que só possui as informações técnicas, o material artístico supera qualquer outra deficiência.

O primeiro CD, **DIG**, foi gravado em 05 de outubro de 1951. Miles é acompanhado de Sonny Rollins - sax-tenor, Jackie McLean - sax-alto, Walter Bishop - piano, Tommy Potter - baixo e Art Blakey - bateria. Esse primeiro disco solo de Miles Davis apresenta claramente um músico ainda em formação, mas com ideias muito sólidas do que deseja esteticamente e musicalmente. O segundo CD tem o nome de **Miles Davis and Horns**. Gravado em 17 de fevereiro de 1951 e 19 de fevereiro de 1953, apresenta uma das primeiras composições de Miles: Down, de apenas dois minutos de duração. O terceiro CD é uma coletânea de

gravações realizadas em dois períodos relativamente distantes, 30 de janeiro de 1953 e 15 de março de 1956. O disco tem o sugestivo nome de **Collectors Items**. O quarto CD é o primeiro grande sucesso do trumpetista pelo selo Prestige, com o nome de **Blue Haze**. As gravações ocorreram em 19 de maio de 1953 e 15 de março de 1954. Destaque para a faixa oito, **Miles Ahead**, em que o músico teria que obrigatoriamente tocar por várias décadas em suas turnês, além de regravá-la em outras ocasiões.

No dia 03 de abril de 1954, Miles antes de entrar no estúdio para gravar seu quinto disco para o selo Prestige, se reuniu com **Bob Weinstock** e o engenheiro de gravação Rudy Van Gelder, e lhes disse que aquele seria seu primeiro grande sucesso! E ele estava absolutamente certo. **Miles Davis All Stars** (dizem que o título também foi uma exigência sua) vendeu em um mês mais de cem mil cópias, tornando-se o primeiro grande sucesso do selo Prestige. No disco, estão presentes algumas das mais importantes obras do jazz, como: **Walkin**, **Solar** e **Love Me or Leave Me**.

Ainda extasiado com o sucesso retumbante de **Miles Davis All Stars**, **Bob Weinstock** propõe a Miles gravar em 29 de junho de 1954 um disco para ser lançado antes do Natal. Miles grava então **Bags Groove**, com a participação de Kenny Clarke - bateria, Milt Jackson - vibrafone, Sonny Rollins - sax-tenor e dois pianistas - Thelonious Monk, com o qual Miles se desentendeu, e Horace Silver. O sucesso, ainda que não tão estrondoso como **Miles Davis All Stars**, coloca o disco entre os dez principais lançamentos de jazz do final daquele ano.

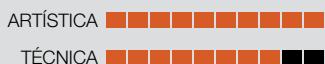
O próximo CD do box já não segue mais a ordem cronológica dos discos de Miles lançados pela Prestige. **Miles Davis Prestige 7150** é uma coletânea de gravações feitas em 24 de dezembro de 1954 e 26 de outubro de 1956, com destaque para **The Man I Love**, **Swing Spring** e **Round Midnight**, com a participação de Coltrane no sax-tenor. Em 07 de junho de 1955, temos o disco em que aparece uma foto de Miles no estúdio da Prestige, que viria a inovar as apresentações das capas de discos, pois sequer vinha escrito o nome do artista. Destaque para a versão inspirada de **A Night in Tunisia**, de **Dizzie Gillespie**.

Gravado em 05 de agosto de 1955, temos o famoso álbum **Miles Davis and Milt Jackson Quintet / Sextet**, um álbum que colocou Miles como uma estrela definitiva no cenário mundial do jazz. Com as vendas cada vez maiores, **Weinstock** grava apenas três meses depois do **Miles Davis and Milt Jackson Quintet / Sextet** o emblemático **Miles, o álbum de capa azul**. A partir desse álbum, Miles passa a realizar excursões pela Europa e Ásia, arrebatando admiradores e seguidores em todos os continentes.

Mas o ápice de seu prestígio como músico e vendedor de discos que fez com que a Columbia desembolsasse um contrato milionário para tê-lo em seu grupo de artistas ainda estaria por acontecer. Na verdade, seria a soma dos seus últimos quatro trabalhos lançados pela Prestige que levaram a Columbia a aceitar todas as exigências de Miles, como carros conversíveis com cores exclusivas, estúdios para ensaios pagos pela gravadora e um contrato de um milhão de dólares por apenas dois anos, além de uma participação maior do que os músicos recebiam na época pela venda de cada disco e a escolha dos produtores que poderiam trabalhar com ele.

EM COMEMORAÇÃO AOS 21 ANOS DA REVISTA,
SELECIONAMOS ESSA CONSAGRADA MATÉRIA DA EDIÇÃO 183

Sabendo que estava com a faca e o queijo nas mãos, Miles lançou seus últimos quatro trabalhos pelo selo Prestige e solidificou sua imagem de revolucionário. Todos os quatro álbuns foram gravados em 1956: **Steamin' With The Miles Davis Quintet** (11 de maio de 1956), **Working With The Miles Davis Quintet** (11 de maio e 26 de outubro de 1956), **Relaxin With The Miles Davis Quintet** (26 de outubro de 1956) e **Cookin / With The Miles Davis Quintet** (26 de outubro de 1956). Os quatro álbuns juntos só perdem em vendas para o **Kind of Blue**, que vendeu até hoje mais de um milhão de cópias!



OUÇA DIRETAMENTE DO SPOTIFY, OS ÁLBUNS DE MILES DAVIS



BILL EVANS

*The Riverside & Milestone Albums
1956-1963 (15 CDs)*

Bill Evans é considerado o pianista de jazz mais erudito de todos. Nasceu em Nova Jersey, em 16 de agosto de 1929, e morreu em 15 de setembro de 1980 em Nova York, ainda no auge de sua carreira e em meio a uma profunda transformação na forma de tocar e improvisar. **Bill Evans** era um sujeito muito introvertido, ao vê-lo tocar a sensação que tínhamos era de que ele desejava fazer literalmente parte do instrumento, se curvando, quase a ponto de esconder seu rosto entre as teclas. Para mim, foi o maior pianista de jazz que escutei. Ainda que reconheça e goste de inúmeros pianistas, se você amigo leitor me perguntar quem escuto em minhas horas de lazer, direi com um largo sorriso no rosto: 'Bill Evans'.

Ainda que aceitasse que na sua formação havia muita influência de Chopin, Debussy e Ravel, ele afirmava enfaticamente jamais ter tomado conscientemente algo de outro compositor. Já em 1954, depois de sua dispensa do serviço militar, começou a se interessar pela filosofia zen, muitos anos antes de se tornar um modismo da contracultura americana. Ele fazia uma analogia entre a filosofia zen e o jazz muito interessante: 'No instante que se começa a explicar o jazz ou o zen a alguém, o encantamento se rompe, pois ambos não precisam ser provados, são parte de sensações, e não palavras'.

Em fevereiro de 1958, **Miles Davis** chamou **Bill Evans** para integrar seu sexteto. A decisão de Miles surpreendeu muitos, pelo fato de Evans

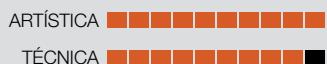
ser o único 'branco' daquele grupo. Mas Miles sabia do valor musical daquele jovem pianista, e escreveu uma carta de próprio punho para a revista **Down Beat**, afirmando: 'Estou aprendendo muito com Bill Evans, ele toca piano exatamente do modo que esse instrumento deve ser tocado'. Miles podia ser arrogante e ter um ego do tamanho do mundo, mas ele era sensível e inteligente para saber escolher seus músicos.

O grande diferencial de Bill Evans para qualquer outro grande pianista de jazz está no seu gosto, na originalidade e na habilidade em transformar a música em algo sempre raro e novo! Isso esteve presente desde o seu segundo trabalho solo, **Everybody Digs Bill Evans**, ainda com **Sam Jones** no contrabaixo e **Philly Joe Jones** na bateria.

Em 1959, já com seu prestígio cada vez mais em alta, tanto com os músicos quanto com o seu público cada vez mais fiel, Evans conheceu e começou uma colaboração com o contrabaixista **Scott La Faro**. A entrada desse jovem baixista no trio de Evans revolucionou a forma dele tocar. O casamento foi perfeito! Ambos criavam figuras rítmicas e melódicas que se somavam, dando uma liberdade incomum a qualquer tema tocado por eles.

O resultado dessa monumental simbiose se deu na gravação do álbum **Portrait In Jazz**, de 28 de dezembro de 1959, e depois no álbum **Explorations**, gravado em fevereiro de 1961, seguido pelo espetacular álbum gravado ao vivo no **Village Vanguard**, em julho de 1961. Dez dias depois da apresentação no **Village Vanguard**, **Scott La Faro** sofre um acidente de carro e morre. Foram anos de sofrimento e mergulho em drogas pesadas, até que outro jovem baixista, **Chuck Israels**, convenceu Bill a formar um novo trio. Ainda que no começo todos fizessem uma comparação do novo baixista com **La Faro**, com o tempo as coisas foram se encaixando, e o novo trio fez excelentes álbuns.

Senhores, não vou me estender mais, pois o número de páginas já se tornou demasiadamente grande! Desejo fazer minha conclusão de forma enfática: o box com os 15 discos do pianista **Bill Evans** vale cada centavo do que custa. Temos incluso no box, desde a sua primeira gravação, de 18 de setembro de 1956, o **New Jazz Conception**, um disco de poucas vendas, mas que foi o cartão de visita de Bill junto aos músicos, além de um disco raro, há muito peça de colecionador, **Bill Evans** e **Don Elliot**. Demais discos do box: **Everybody Digs, On Green Dolphin Street, Portrait Jazz, Explorations, Sunday at The Village Vanguard, Waltz for Debby, How My Heart Sings, Moon Beams, Interplay, The Solo Sessions Vol. I** (um dos mais belos discos de todos os tempos!), **Bill Evans Solo Vol. II** e **At Shelly's Manne Hole**. Todos discos obrigatórios para qualquer amante da boa música!



OUÇA DIRETAMENTE DO SPOTIFY, OS ÁLBUNS DE BILL EVANS - THE RIVERSIDE & MILESTONE



A EVOLUÇÃO DO HI-END

Conversando longamente com um amigo sobre a evolução do hi-end nos últimos 20 anos, ele me levantou uma questão que acredito ser muito pertinente para o atual momento. Para esse meu amigo a característica que mais lhe agrada em um sistema hi-end bem ajustado é o grau de inteligibilidade e o conforto auditivo, permitindo desfrutar de longas audições. Porém, ele manifestou que ouviu recentemente um sistema Estado da Arte que o deixou bastante desorientado, tendo um grau de energia e deslocamento de ar que jamais escutará em nenhum outro sistema top. E olha que esse meu amigo é um participante assíduo de feiras internacionais e visitas a inúmeras lojas especializadas da Europa e da Ásia.

Como em todas as suas audições pelo mundo, ele sempre carrega seus discos de referência e ao escutar no sistema o CD do Wynton Marsalis - The Magic Hours, faixa 8, notou uma energia desconcertante do piano e da bateria, capaz de levá-lo a tomar alguns sustos! Pediu para ouvir a mesma faixa com volumes diferentes para ver se aquele deslocamento de ar também ocorria em pressões sonoras distintas e ficou surpreso em ver que a energia estava presente, em diferentes volumes.

Ouvi atentamente o seu relato e perguntei-lhe se a audição com esse novo grau de energia havia-o agradado. Senti uma hesitação

em sua resposta e após uma longa pausa ele me disse que precisaria de tempo para assimilar aquela audição, mas confessou-me que ao chegar em casa e ouvir o mesmo disco, sentiu uma certa frustração em não conseguir sequer uma parte daquela energia em seu sistema. O fato é que esse meu amigo foi picado pela possibilidade disponível no mercado de sistemas que além de possuírem todos os benefícios comprovados de um bom sistema hi-end, também oferecem um grau de energia que eleva as audições alguns degraus acima!

Voltando ao meu amigo, na sua tentativa de explicar aquele grau de energia nunca antes observado, disse que em algumas passagens do solo de piano, sua sensação é que estava a menos de dois metros de distância do piano! E em relação à bateria estava talvez até mesmo a uma distância inferior. A tonalidade de sua voz era de total perplexidade! Era possível ver que ele desejava respostas para aquela audição tão impactante.

Após escutá-lo por quase meia hora, pude então explicar-lhe que nas excelentes gravações feitas sem compressão e sem equalização e com a escolha correta de bons microfones e em boas salas de gravações, geralmente os microfones são colocados a pequenas distâncias dos instrumentos, e citei o caso do CD Timbres, em que ➤

temos relatos de leitores que dizem que em alguns instrumentos o deslocamento de ar em suas salas é absolutamente impressionante!

No caso específico do nosso CD Timbres, nenhum microfone ficou em distâncias acima de dois metros do instrumento, e em alguns casos, como o contrabaixo acústico e o cello, os microfones ficaram a cerca de um metro do instrumento! Em casos de extremo cuidado na hora da captação, é natural que toda aquela energia também seja capturada, e ainda que possua perda até a manufatura do CD, parte daquela energia será conservada e, em excelentes sistemas bem ajustados, ela será reproduzida de forma magistral!

Esse é um ponto importante de discussão a respeito da alta fidelidade que não pode deixar de ser levantado na atualidade, pois em minha opinião, um produto para ser considerado Estado da Arte, além de todos os atributos já reconhecidos pela comunidade audiófila, como balanço tonal, soundstage, dinâmica, transientes etc. precisa levar em consideração os avanços significativos alcançados nas duas últimas décadas na captação do sinal (é óbvio que estou falando de gravações de nível técnico correto), pois reproduzir em condições ideais a energia e o deslocamento de ar existente em uma gravação de qualidade técnica e artística é uma experiência inesquecível.

Como acompanho há muitos anos a trajetória audiófila desse meu amigo (somos amigos há mais de 25 anos), sei que é uma questão de tempo até ele assimilar a experiência auditiva que viveu e sair realizando um novo upgrade em seu sistema, pois sei que cada vez que ouvir o Wynton Marsalis no seu sistema atual e não escutar nenhum vestígio daquela energia que sabe agora que existe no disco, ele não será mais um audiófilo feliz! Como dizia meu pai, a pior situação para todo audiófilo é saber que seu sistema atual já não lhe permite o mesmo prazer ao escutar suas gravações de referência. E tudo isso é culpa da nossa memória auditiva que, ao conhecer o melhor, já não se contenta com o bom!

 XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Fundador e atual diretor da Revista Áudio Vídeo Magazine, onde foi editor por 14 anos. É organizador do Hi-End Show (anteriormente Hi-Fi Show) e idealizador da metodologia de testes da revista. Ministra cursos de Percepção Auditiva, produz gravações audiófilas e presta consultoria para o mercado. Atualmente é responsável pelo portal: www.pontohiend.com



Toca-Discos Thorens TD-309

THORENS®



QUAD Artera

QUAD
the closest approach to the original sound



Flux HI-FI
Electronic Stylus Cleaner

FLUX
HIFI▼

 DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

Rua do Gramal, 1753 - Loja 10 - Campeche - Florianópolis/SC
fernando@kwhifi.com.br - (48) 3236.3385



www.kwhifi.com.br



PROFECIA PATERNA

A foto publicada nesse Espaço Aberto foi feita no dia em que meu pai convenceu-me a criar o Clube do Áudio, era um final de inverno no meio de setembro de 1995. Sempre guardei essa foto comigo, e por muitas vezes nesses 17 anos de existência da revista, olhei-a tanto em momentos felizes como difíceis, recordando cada instante daquele dia!

Meu pai era um homem paciente, matreiro como diriam os mineiros, que sabia cozinhar o galinho sem pressa. Um verdadeiro estrategista, que recuava quando preciso para depois voltar com carga total. Antes de aceitar a incumbência de montar a revista, conversamos por quase um ano para ver qual seria a melhor estratégia comercial e editorial.

Pessoalmente, defendia que o ideal seria uma revista que agregasse com o mesmo peso hardware (equipamentos hi-end) e software (resenhas de discos, shows, filmes e literatura), e meu pai defendia que para essa nova revista abraçar duas linhas editoriais tão complementares, ela teria que ter algum apelo para o leitor, como eu havia dado à Áudio News ao encartar CDs, caso contrário, a parte de software sempre seria ofuscada pela quantidade de produtos importados de qualidade que chegariam com o final da reserva de mercado.

Ainda que concordasse com ele, acabei seguindo meus instintos, e o Clube do Áudio nasceu em maio de 1996 com testes de equipamentos hi-end e algumas páginas de resenhas de discos. Com ➤

o passar do tempo, minha ideia inicial foi se tornando mais distante, e acabou por ficar todos esses anos hibernando. Ainda que tenham ocorrido reformas gráficas e editoriais nesses últimos anos, o direcionamento continuou sendo o de hardware.

Um pouco antes do seu falecimento, confessei-lhe meu interesse de ficar à frente da revista por no máximo dez anos, para depois vendê-la para realizar meu último grande projeto profissional, que era gravar grandes artistas brasileiros para o mercado internacional e prestar consultoria para o consumidor final de hi-end.

Lembro-me que, apesar de seu estado muito debilitado por causa da doença, ele me fitou, e com uma serenidade incomum para quem já está há tantos anos convalescendo, disse: ‘Quando você achar que não existe mais interesse em fazer a revista e tiver a certeza absoluta que tudo que estava ao seu alcance já foi feito, descobrirá que todos aqueles anos foram só de iniciação para a fase mais profícua e criativa de sua vida profissional’. E depois de uma longa pausa, completou seu raciocínio: ‘Desse ponto em diante, a revista será tudo que você imaginou e muito mais!’.

Ao apresentar ao mercado a nova Áudio Vídeo Magazine e a Musician Magazine, junto com as parcerias que viabilizamos com pessoas tão queridas como o Sr. Ramiro e suas filhas Márcia e Gisele da Movieplay / Naxos, a Edições Musicais 2001, com o Rafael da Ponto Software e o Sr. Medeiros da Laserland, não só tenho de concordar com meu pai, como percebo que os melhores e mais importantes momentos dessa revista, que já está no seu décimo sétimo ano de vida, começam agora. ■



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Fundador e atual editor / diretor das revistas Áudio Vídeo Magazine e Musician Magazine. É organizador do Hi-End Show (anteriormente Hi-Fi Show) e idealizador da metodologia de testes da revista. Ministra cursos de Percepção Auditiva, produz gravações audiófilas e presta consultoria para o mercado.



ARTE ACÚSTICA

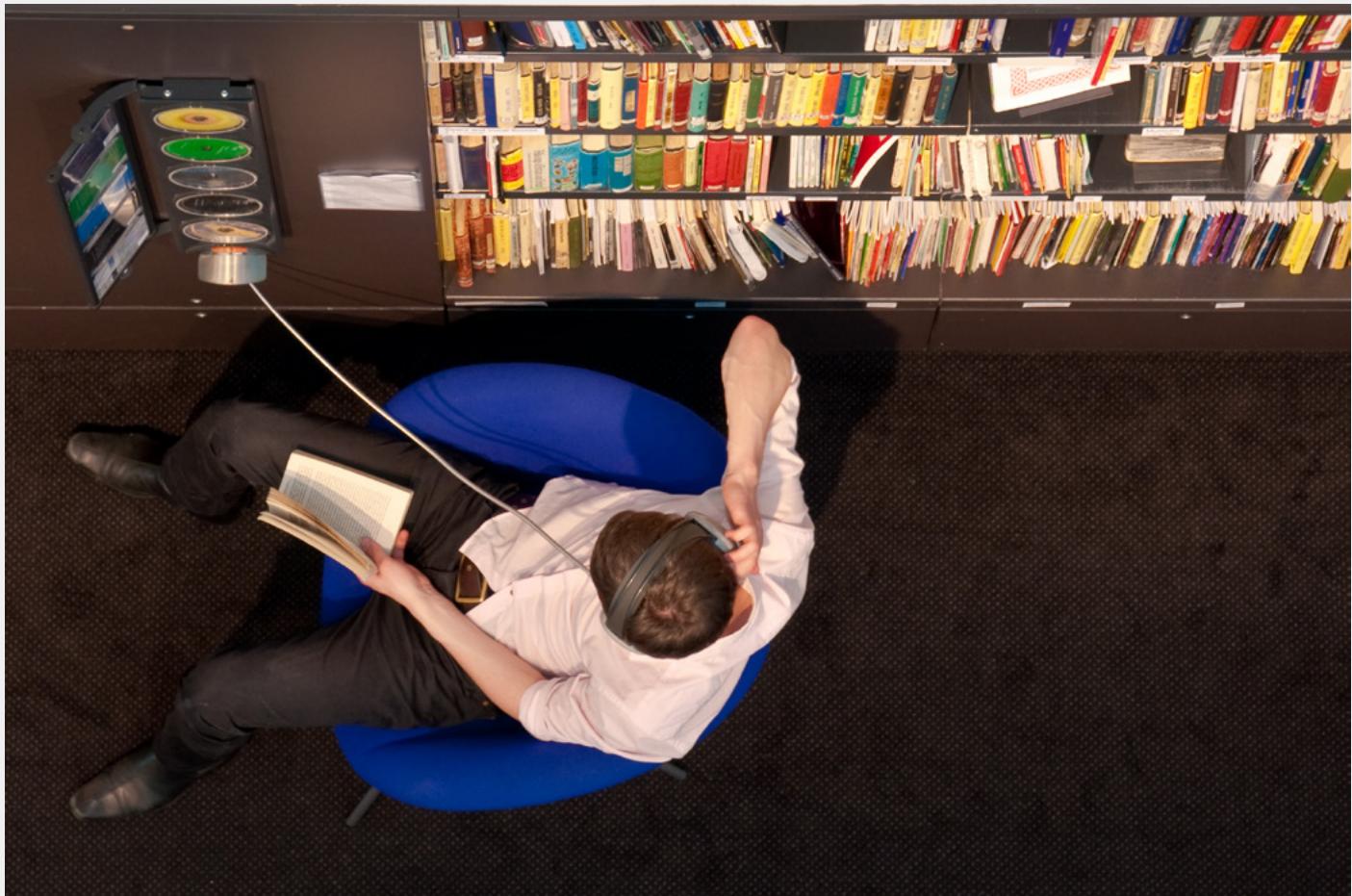
TRATAMENTO ACÚSTICO
PARA SALAS DE
AUDIÇÃO MUSICAL

Material de baixo custo •
Acabamento personalizado •
Rápida instalação •

**FREDERICO
RIBEIRO**

(81) 99987.1809

fredericoc.ribeiro@uol.com.br



OUVIR COM O CORAÇÃO, COM A CABEÇA OU COM A ALMA?

 Christian Pruks
christian@clubeodoaudio.com.br

Um amigo americano, recém-mudado de volta às terras do Tio Sam, com quem partihei de numerosas audições musicais em sua casa (a do amigo, não do Tio Sam), me impressionava sempre por quanto a música mexia fisicamente com ele. Acredito até que sairia dançando pela sala, caso alguma interpretação musical suprema de valsa chamasse sua atenção. O fato é que, a olhos vistos, o teor emocional da música o deixava alterado. Algo triste o deixava triste, algo agitado aumentava seus batimentos cardíacos e o deixava agitado.

Em boas audições, em outras salas de amigos, testemunhei a música levar algumas pessoas às lágrimas, reação diferente da minha. Não me entendam mal, pois eu não viveria sem música, e hoje tenho o prazer descomunal de poder trabalhar ligado a ela, mas não tenho essa resposta emocional quando ouço música - ou raramente isso aconteceu comigo.

Um grande amigo apontou, recentemente, essa faceta da minha personalidade, o que me levou a uma reflexão: você ouve com o coração, com a cabeça ou com a alma? ➤

EXPEDIENTE

A melhor resposta que encontrei foi que a música primeiro me estimula intelectualmente, para depois trafegar para o meu coração e, finalmente, à alma. Em algumas pessoas, essa ligação é direta, tanto para um lado, o coração, quanto para o outro, a alma. Algumas obras estimulam somente o cérebro, outras chegam a emocionar, e outras, poucas, atingem plenamente a alma, imortais e eternas, como a Nona Sinfonia de Beethoven, deixando ouvintes em estado de elação serena, de transcendência, contemplando a eternidade.

Considero o inglês Robert Fripp como um dos melhores guitarristas do mundo, elevando a guitarra elétrica a uma arte considerável e a uma complexidade técnica que parece exceder as limitações do instrumento. Fripp, fundador e líder do grupo de rock progressivo King Crimson, ativo há mais de 40 anos, além de colaborar com outros artistas de grande sensibilidade como Peter Gabriel e David Sylvian em trabalhos extremamente complexos, declarou uma vez que sua música não era para ser ouvida com os pés, mas sim com o cérebro - talvez devido à quantidade de pessoas que vão a concertos de rock para pular como loucos. Eu sempre fui a qualquer apresentação musical para ouvir a música e deixar que ela permeasse minha alma, o que me faz duplamente admirador de Mr. Fripp.

Em todas as minhas buscas e explorações musicais, assim como em todos os shows que assisti até hoje, jamais encarei a música como pano de fundo, como 'terapia para lumbago', mas sim procurei me focar no estímulo intelectual - até porque os grandes gênios da música o são por terem usado bastante a massa cinzenta. Honremo-los, pois.

E você? Ouve com o coração, com a cabeça ou em conexão direta com a alma?

DIRETOR / EDITOR

Fernando Andrette

COLABORADORES

Antônio Condurú

Clement Zular

Guilherme Petrochi

Henrique Bozzo Neto

Jean Rothman

Juan Lourenço

Julio Takara

Marcel Rabinovich

Omar Castellan

RCEA * REVISOR CRÍTICO

DE EQUIPAMENTO DE ÁUDIO

Christian Prucks

Fernando Andrette

Rodrigo Moraes

Victor Mirol

CONSULTOR TÉCNICO

Victor Mirol

TRADUÇÃO

Eronildes Ferreira

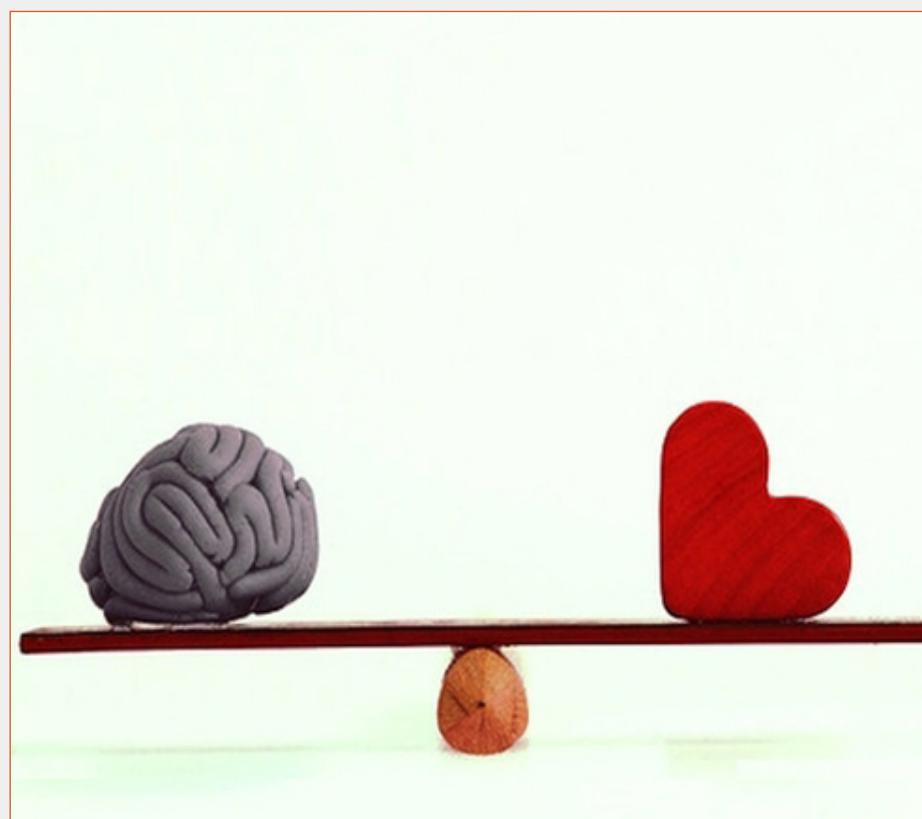
AGÊNCIA E PROJETO GRÁFICO

WCJr Design

www.wcjrdesign.com

Áudio Vídeo Magazine é uma publicação mensal, produzida pela EDITORA AVMAG ME. Redação, Administração e Publicidade, EDITORA AVMAG ME. Cx. Postal: 76.301 - CEP: 02330-970 - (11) 5041.1415 www.clubedoaudiovideo.com.br

Todos os direitos reservados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista.



EDITORIA
AVMAG

VENDAS E TROCAS

VENDO

1. Cabo Kubala Sosna Elation (RCA - 1,5 m), impecável. R\$ 10.000.
2. Cabo van den Hul The Mountain Hybrid 3T (XLR - 1,0 m), lacrado. R\$ 2.000
3. Braço SME Series V (preto), lacrado e impecável. US\$ 6.000

Editora CAVI

(11) 5041.1415
fernando@clubedoaudio.com.br



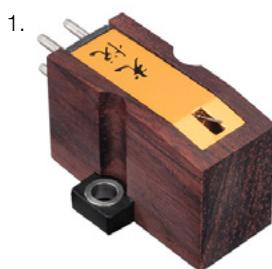
1.



2.



3.



1.



2.



3.



4.

VENDO

1. Koetsu Rosewood Signature Platinum. U\$ 7.495.
2. Cabo Ortofon Reference Black. R\$ 2.800.
3. Toca-discos Air Tight T-01 sem braço e sem cápsula. R\$ 25.000.
4. Braço Jelco. R\$ 5.800.

Fernando Andrette

fernando@clubedoaudio.com.br

VENDO

- DCS Paganini - três peças (DAC + Transporte + Clock) 220 V - comprado em 2008, na Ferrari Technologies. Possui caixa com manual e controle remoto. Testado na edição 131 da Revista AVM. Interconnects VDH entre as três peças + 03 Cabos de força cabo de força Transparent Power Link MM de 1,5 m. R\$ 95.000.

- Integrado Hegel H300 220 V - comprado em 2015, na Ferrari Technologies. Possui caixa com manual e controle remoto. + 01 Cabo de força cabo de força Transparent Power Link MM2 de 1,8 m e Cabo de interconexão Balanceado Transparent Reference G5 XLR de 2,0m. R\$ 15.000.

- Toca-discos Marantz TT-15 S1/U1M Reference series turntables - comprado em 2015, na Sunrise Labs. Possui caixa com manual e cápsula Ortofon 2M (cor laranja) + 01 Cabo de força cabo de força Transparent Power Link MM de 1,5m e Cabo de interconexão RCA top / diamond VDH. O Pré de Phono é o top da Sunrise labs. R\$ 10.000.

- Filtro de energia AC Organizer LC-311 Special Edition - com 5 tomadas 220V (feitas pelo Cláudio Lameira) e uma tomada 110V. R\$ 3.000.

Caixas Frontais Sonus Faber Cremona - comprados em 2006, na Ambriex. Possui embalagem original e com manual. R\$ 9.000.

Andrés Kokron

Email: andres@kcinvest.com.br

Telefones: (11) 98584.3351

A proteção do seu sistema

Condicionador



Condicionador
Estabilizado



Módulo
Isolador



Imagens ilustrativas

criação: msydesigner@hotmail.com



UPSAI
sistemas de energia

vendas@upsai.com.br / www.uppsi.com.br / 11 - 2606.4100



O MELHOR SOM ALIADO A MAIS ALTA TECNOLOGIA



NOVA LINHA DE RECEIVERS YAMAHA AVENTAGE RX-Ax70

A nova linha de Receivers AV Yamaha AVENTAGE RX-Ax70 apresenta o que existe de melhor em áudio e em vídeo.

Além das tecnologias Dolby Atmos e DTS:X aprimorando a imersão sonora em até 7.2.4 canais* com áudio tridimensional, agora os receivers possuem HDR e o padrão Dolby Vision que conferem cores mais vívidas e maior extensão de contraste juntamente com upscaling para 4K Ultra-HD.

A linha AVENTAGE é capaz de reproduzir os detalhes mais sutis do áudio e imagem de alta definição para a mais impressionante experiência de cinema dentro de sua casa.

Explore a melhor qualidade sonora com a maior quantidade de recursos Yamaha.

*RX-A3070

AVENTAGE



Baixe o aplicativo MusicCast



MusicCast
musiccast.yamaha.com.br